

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero

**Representações de Masculinidades entre os jovens em Moçambique  
em tempos de SIDA**

**Laura Loforte Gomes**

Porto Alegre  
2007

Laura Loforte Gomes

**Representações de Masculinidades entre os jovens em Moçambique  
em tempos de SIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Faculdade de Educação da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof Dr. Fernando Seffner

Porto Alegre  
2007

## **AGRADECIMENTOS**

As palavras tornam-se vulgares e pobres quando se pretende expressar algo tão especial e importante, mas, não tendo, ou sabendo outra forma de o fazer, fica aqui registada esta singela homenagem a todos e todas que me acompanharam neste percurso rumo ao mestrado. São inúmeras as pessoas a quem devo gratidão pela amizade, carinho, incentivo e conforto manifesto nesta trajetória. Não sendo possível mencionar cada um/a, o meu muito obrigado, vai igualmente a todos/as que directa ou indirectamente contribuíram nesta etapa importante da minha vida.

Não irei colocar por ordem de importância, porque todos e todas cada um ou uma do seu jeito me confortaram, deram animo para levar avante e concluir esta tarefa, mas tendo que começar de algum ponto, agradeço à Fundação Ford que me disponibilizou a bolsa de estudos, sem a qual não teria sido possível a minha permanência neste país - Brasil. À Dra. Célia e todo o staff que incansavelmente respondeu a todas as solicitações, sem medir esforços e que tudo fez para que nenhum aspecto burocrático/administrativo, interferisse na minha estadia e estudos.

Às professoras Dagmar, Guacira, Jane, Rosângela e professor Fernando da linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, o meu muito obrigado pela forma muito particular que cada uma/um, me prestou apoio, me dispensou carinho, atenção e me possibilitaram momentos únicos de aprendizagem e crescimento. Levo comigo a lembrança deste lugar e das pessoas maravilhosas que tive oportunidade de conhecer e conviver, obrigada por tudo. É imperioso destacar de forma muito particular o meu profundo agradecimento ao Fernando, pelo incentivo, disponibilidade e apoio dispensado desde as primeiras horas, pois, sem dúvida, foi a pessoa fundamental para a minha inserção e integração no programa de mestrado em Educação. Como orientador e amigo, dele, recebi palavras de confiança e entusiasmo para avançar passo a passo. Agradeço por ter acreditado em mim e abraçado junto esta tarefa. Os meus agradecimentos são igualmente extensivos à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que me acolheu e possibilitou que concluísse esta formação.

Agradeço igualmente as amigas e colegas de jornada, Adriane, Adriza, Alessandra, Aline e Priscila, por todos os momentos que passamos juntas, pelas longas horas de conversa, pela partilha das alegrias e angústias e pela disponibilidade manifesta na leitura do trabalho e pelas ricas sugestões e contribuições. Agradeço igualmente ao Leonardo que apesar das múltiplas ocupações se disponibilizou a colaborar como assistente durante a realização dos grupos focais.

Um agradecimento especial à Escola Secundária Nelson Mandela pelo acolhimento e receptividade demonstrada durante a minha permanência na escola. De forma particular o meu obrigado vai para os “meus” jovens que de forma aberta e espontânea me possibilitaram a produção de dados para a realização deste trabalho, sem eles, este trabalho seria inviável.

À minha querida família alargada (pais, irmãos/as, cunhados/as, sobrinhas/o, tias/tio e primas/os) que mesmo à distância, sempre torceram por mim, me motivando, para que não fraquejasse e levasse adiante o meu objectivo. O meu carinho para todos vocês.

Um obrigado especial ao David, que de forma peculiar me devolvia o sorriso todas as manhãs, através de lindas mensagens de conforto, entusiasmo, perseverança e companheirismo, sem as quais esta tarefa teria sido bem mais pesada. Às minhas filhas, Yara e Nelia, por todo o amor e sacrifícios consentidos para que eu pudesse ter tido a tranquilidade necessária para concluir este trabalho. Muito obrigada.

Muito difícil seria alistar todos que directa ou indirectamente contribuíram para a materialização deste almejado objectivo. Perdoem-me pois, os que, se de algum modo se sentem olvidados. Não foi intencional, garanto.

## RESUMO

O presente trabalho problematiza as representações de gênero e sexualidade dos jovens do sexo masculino em Moçambique e o seu comportamento frente ao HIV/SIDA. Na produção dos dados participaram estudantes da Escola Secundária Nelson Mandela da província de Maputo e utilizei as técnicas do grupo focal e de entrevistas. Este estudo insere-se no campo dos estudos culturais na vertente pós-estruturalista, mais particularmente na área dos estudos de gênero e sexualidade. Compreender como é que os jovens do sexo masculino se tornam homens e que mecanismos são acionados na produção dessas masculinidades jovens constituíram elementos que percorreram este trabalho. Durante a pesquisa foi possível perceber que estes jovens têm como ponto de partida e de chegada a família. A família referenciada pelos pais, tios, irmãos e avós ocupa um lugar de destaque na vida dos jovens, e interfere na produção destas identidades masculinas, sem esquecer que outros elementos como escola, religião, mídia, grupos de pares, ONG,s participam e dialogam de igual modo neste processo. A família aparece igualmente como ponto de chegada considerando que todos os jovens participantes desta pesquisa almejam ter uma casa, esposa, filhos e filhas. Ter um emprego que permita aos jovens prover a família é uma preocupação e uma meta a ser atingida por todos, para além de esta ser também uma forma de os futuros homens conseguirem autonomia e respeito perante a sociedade. Estes jovens apresentam identidades fluídas e cambiantes que ora se encaminham para representações mais tradicionais e conservadoras, ora privilegiam questões da modernidade sendo que por vezes e não raras, estão presentes elementos tradicionais e da modernidade em regime de tensão permanente.

### **Palavras chave:**

Masculinidades, jovens, juventude, gênero, sexualidade, HIV/SIDA e Moçambique.

## **ABSTRACT**

The present research problematizes gender representations and the sexuality of youths of the masculine sex in Mozambique and their behaviour facing HIV/AIDS. Students from the “*Escola Secundária Nelson Mandela*” (Nelson Mandela Secondary School) in Maputo participated in producing the data, by means of the use of focal groups and interviews as techniques. This study inserts itself in the cultural studies field through a post-structuralism point of view, more specifically in the arena of gender and sexuality studies. Comprehending how male youths become men, and which mechanisms are activated in producing these young masculinities, constituted elements that travelled the length of this study. During the research, it was possible to perceive that these youths have their family as a platform, a base from which they depart and arrive. The above mentioned family, which includes parents, uncles, brothers and grandparents occupies a distinguished position in the lives of the youths, and interferes in the production of these masculine identities, not forgetting that other elements such as school, religion, media, peer groups and NGO’s participate and discuss, in an equal manner, in this process. The family once again appears as an arrivals platform considering that all the youths participating in this research aim to have a house, wife and children. Having employment that permits the youths to provide for a family is a preoccupation and a target to be reached for all, apart from this also being a form of the future men gaining autonomy and respect before society as well. These youths present fluid and shifting identities, which sometimes stray towards more traditional and conservative representations, whilst sometimes giving privilege to issues of modernity, being that in not so rare an instance, traditional and modernity elements are present in a regime of constant tension.

### **Key words:**

Masculinities, youths, youth, gender, sexuality, HIV/AIDS and Mozambique.

## **Sumário:**

Apresentação	8
1 - Da escolha do tema e sua justificativa	11
2 - Considerações sobre Moçambique	18
3 - Aproximações ao tema, problema e metodologia de pesquisa	22
4 – Juventude	
4.1 – Discutindo o conceito de juventude	36
4.2 – Juventude em Moçambique	39
5 – Representações de masculinidade nos jovens em Moçambique	
5.1 – Representações de gênero e sexualidade	53
5.2 – Representações de masculinidade e vulnerabilidade ao HIV/SIDA	82
6 – Considerações finais	102
7 – Referências	105
Anexos	
Anexo A - Entrevista	117
Anexo B - Guião do Grupo Focal	119
Anexo C- Termo de Consentimento	121

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de dissertação de mestrado intitulado “Representações de Masculinidades entre os jovens em Moçambique em tempos de SIDA”<sup>1</sup>, enquadra-se num país, marcadamente jovem, onde a maior parte da população vive nas zonas rurais e quase metade dos habitantes urbanos, encontram-se na cidade de Maputo, sendo esta a capital do país. Moçambique, apresenta elevados índices de analfabetismo e a média de esperança de vida à nascença é de 41,6 anos. Os aspectos culturais tradicionais, ainda estão muito presentes, tanto na população rural como na sub-urbana e urbana, percebidos pela ocupação de lugares mais fixos na organização familiar. No entanto, as cidades mantêm características múltiplas que circulam entre a tradição e a modernidade, estendendo-se estas influências também às zonas rurais. Ou seja, em ambos os espaços (campo e cidade), transitam elementos tanto tradicionais como da dita modernidade.

Moçambique, nos últimos 30 anos, atravessou grandes mudanças, decorrentes do longo período de guerra, das mudanças no regime político, e da chegada das agências internacionais. O país enfrenta um enorme problema de saúde pública, a epidemia do HIV/SIDA, que vem crescendo assustadoramente, principalmente nas camadas mais jovens da sociedade. Decorrente dessa situação, o país tem tido a intervenção de numerosos programas de educação em saúde, em particular na área da Saúde Sexual e Reprodutiva, voltados principalmente, para as raparigas e mulheres.

Realizar esta tarefa de escrita de uma dissertação constituiu-se para mim num desafio instigante e compensador. A aproximação à problemática de abordagem numa perspectiva pós-estruturalista e a teóricos/as dos estudos culturais, de gênero, da sexualidade, e das masculinidades proporcionaram-me momentos ricos de aprendizagem e também de muita angústia, pela necessidade e urgência de adentrar

---

<sup>1</sup> Em Moçambique utiliza-se o termo SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), assim como em muitos países neo-latinos como Portugal, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Espanha, França e Itália. Como estudante moçambicana optei pela utilização do termo SIDA e não AIDS como referido no Brasil.

num campo teórico até a data por mim desconhecido, tendo sido esta, uma limitante na elaboração desta dissertação.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos. No primeiro capítulo descrevo a minha trajetória profissional, limitações e motivações na escolha do tema e a sua justificativa. Com o intuito que o leitor e a leitora tomem contato com a realidade na qual esta pesquisa foi desenvolvida. Debruço-me no segundo capítulo sobre o meu país – Moçambique – destacando os aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais. Ainda, neste capítulo apresento vários dados estatísticos, porque acredito ser esta também, uma das formas sintéticas de descrever uma determinada realidade sócio-económica.

No terceiro capítulo abordo algumas questões teóricas, sendo estas retomadas em diversos momentos e ao longo do texto. Ainda neste capítulo refiro-me à questões metodológicas, apresento o lugar e os integrantes da pesquisa bem como as técnicas utilizadas na produção dos dados. No quarto capítulo resgato a problematização da juventude do ponto de vista conceitual, detendo-me um pouco mais sobre a constituição dos jovens em Moçambique. Além disso, destaco o papel que a Juventude ocupa nos programas do governo, através do Ministério da Juventude e Desportos.

No quinto capítulo procedo a análises dos dados, em articulação com os conceitos fundamentados nesta pesquisa. Neste capítulo apresento e problematizo algumas falas dos jovens, tendo privilegiado as discussões referentes à gênero, sexualidade e a sua relação com o HIV/SIDA, numa perspectiva pós-estruturalista. No último capítulo teço as considerações finais.

Apesar de esta dissertação ter sido escrita em língua portuguesa, apresenta algumas características peculiares, uma vez que foi escrita por uma falante da língua portuguesa em Moçambique (cujo português se aproxima mais da língua portuguesa falada em Portugal do que a do Brasil) e que viveu dois anos no Brasil, lendo textos escritos em português do Brasil. Fruto disso, apresento um texto onde por vezes

aparecem expressões e construções frasais mais típicas do português moçambicano e outras vezes do português brasileiro. Contudo, foi minha preocupação, tentar sempre não prejudicar a compreensão e clareza do texto.

## 1- DA ESCOLHA DO TEMA E SUA JUSTIFICATIVA

A minha trajetória no contacto com adolescentes e jovens começou de forma involuntária, fruto da realidade dum país recém independente, em que o acesso à educação era privilégio de uma pequena minoria. Ainda muito jovem, fui encaminhada para o professorado do Ciclo Preparatório, que corresponde no Sistema actual de Educação em Moçambique à 6ª e 7ª classe, do Ensino Básico. Com a euforia da Independência do país, a população é incentivada a mandar os filhos e as filhas à escola, e em 1977 assiste-se a uma explosão escolar, onde os alunos e as alunas do 1º Grau do Ensino Primário, passaram de 671.617 em 1975, para 1.3163.000 em 1977. Em menos de dois anos os ingressos escolares duplicaram e estes números, excederam os recursos humanos, físicos e de materiais existentes, acrescido de um abandono maciço dos/as professores/as portugueses os quais garantiam o sistema educacional.

A Educação e a Saúde tinham sido identificadas pelo Governo de Moçambique e pelo Partido FRELIMO<sup>2</sup>, como prioridades nacionais. Para dar cobro a essa situação algumas prioridades foram definidas e a 8 de Março de 1977, no pavilhão da Maxaquene, o Presidente da República de Moçambique, Samora Moisés Machel, anuncia extintas as 10ª e 11ª classes (classes pré-universitárias). Os/as 600 estudantes que deveriam freqüentar aquelas classes são encaminhados/as para diferentes sectores de atividades e grande parte destes/as, são encaminhados/as para o professorado. Em seu discurso, o presidente encoraja os/as estudantes a se comprometerem com as exigências do país:

As classes mais adiantadas devem ensinar às classes mais atrasadas. As classes mais atrasadas devem ir ensinar os analfabetos. É assim que

---

<sup>2</sup> Em Junho de 1962, três organizações nacionalistas, a MANU (União Nacional Africana de Moçambique), UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique) e a UNAMI (União Nacional Africana para a Independência de Moçambique), sediadas respectivamente na Tanzânia, Zimbabwe e Malawi, decidiram constituir-se numa única Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), para combater o sistema colonial português. Após 10 anos de luta armada liderada pela FRELIMO, o país ascende a independência. Em 1977, no V congresso, este movimento passa a constituir-se como um Partido, que se encontra no poder até a data (2005).

cresceremos. Avançaremos em ondas sucessivas, em forma de formigas (MACHEL, 1977, p.13).

Dessa maneira, a minha trajetória rumo ao professorado iniciou-se a partir daquele momento, passando a intercalar-se a formação acadêmica/ profissional, com a prática. Formada na Faculdade de Educação da UEM (Universidade Eduardo Mondlane) para leccionar História e Geografia no Ciclo Preparatório, sou colocada numa pequena e linda cidade do centro do país, Chimoio - Manica. Após dois anos, retorno a Faculdade e completo a formação de professorado para o Ensino Secundário e Pré-universitário. Concluída esta formação sou colocada em 1984, no INDE (Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação). O INDE é uma Instituição que pertence ao Ministério da Educação (MEC) e tem contribuído, através da investigação, na reflexão e elaboração de propostas curriculares para o Ensino Básico e muito recentemente, a partir de 2003, também para o Ensino Secundário. Dedicar-se igualmente ao acompanhamento e implementação dos currículos, incluindo a reciclagem dos/as professores/as em exercício.

No INDE, sou integrada no Departamento de Transformação Curricular, e no ano seguinte em coordenação com a UNESCO inicia um projeto piloto de Educação Sexual e fui convidada a integrar essa equipe. Eu estava deslumbrada, tudo era novidade! Já que sou herdeira de uma família conservadora e escolarizada num colégio religioso, onde as questões sobre sexualidade eram consideradas tabus. Ali, eu me deparava com uma nova realidade, participando de *workshops*, seminários, onde se discutiam questões de sexualidade, temas, que até então, não se abordavam em lugares públicos e muito menos em ambientes sociais com mulheres e homens. O encanto durou pouco tempo, já que nesse mesmo ano tive que me ausentar por longo tempo da Instituição por motivos familiares.

No entanto, a questão era complicada e não só para mim. O nome Educação Sexual “apavorou” a nível nacional e internacional<sup>3</sup> e, dessa maneira, o projecto passou

---

<sup>3</sup> O Projeto piloto de Educação Sexual era financiado pela UNESCO e estava a ser implementado em outros países africanos (Quênia, Nigéria, Gana, Zimbabwe, Suazilândia e Etiópia) nos quais o nome não foi igualmente aceite.

a designar-se Educação para a Vida Familiar. Penso que este foi o nome de consenso, porque não perturbava os códigos de convivência estabelecidos naquelas sociedades. Na maior parte das sociedades africanas, as questões sobre sexualidade são tratadas em privado ou num fórum específico – os ritos de iniciação, (questão sobre a qual me deterei mais adiante) e sempre separadamente os homens das mulheres. Estes ensinamentos, por serem assuntos do foro privado, são feitos por um membro considerado idôneo na família que poderá ser uma/um tia (o) ou uma/um avó (ô), bem como por uma pessoa próxima de confiabilidade da família e/ou da comunidade.

De volta ao INDE em 1996, vivia-se uma nova fase, a da Transformação Curricular do Ensino Básico<sup>4</sup>, em que um dos desafios era integrar no novo currículo conteúdos transversais, referentes ao meio ambiente, aos direitos humanos e cidadania, à segurança para com as regras de trânsito, com as minas anti-pessoais<sup>5</sup> e à Saúde Sexual e Reprodutiva incluindo a prevenção das DTS/HIV/SIDA.

Tinham-se passado 10 anos, desde o início da experiência piloto de Educação Sexual, mas parecia que era pela primeira vez que se cogitava a possibilidade de falar sobre sexualidade nas escolas. Alguns resistiam, mesmo dentro da Instituição (INDE), no entanto, o momento era outro. Os meios de informação, particularmente a televisão, tinham-se estendido a todo o país, vinculando para além de outros programas, imagens com forte apelo para sensualidade e sexualidade. Neste ponto, podem-se destacar diferentes novelas, amplamente divulgadas e apreciadas pela população, para além do facto que a realidade do HIV/SIDA, já tinha chegado à grande parte das famílias moçambicanas<sup>6</sup>. Os órgãos de informação e comunicação (rádio, TV, jornais), os artistas (músicos, escritores, poetas, pintores, escultores, dramaturgos), participavam das campanhas de prevenção ao HIV. Um pouco por todo o lado, surgiam cartazes nas

---

<sup>4</sup> O novo currículo do Ensino básico iniciou em 2004. Este é constituído por 7 classes, dois graus e três ciclos de aprendizagem.

<sup>5</sup> O país saía de duas guerras, onde um número elevado de engenhos explosivos (minas anti-pessoais, anti-carros e anti-tanques) tinham sido colocadas e na medida em que a população regressava às suas casas, vindas do exílio, e precisava de ser alertada.

<sup>6</sup> Moçambique apresenta hoje uma prevalência de 17% de infecções, sendo que 46% das novas infecções ocorrem entre jovens dos 10 aos 24 anos de idade.(Ronda epidemiológica, 2004)

ruas, nas escolas, nos hospitais, nos ministérios e instituições, com a frase: “sexo seguro”. Mas o que é sexo seguro?<sup>7</sup>

A palavra “sexo”, que por tanto tempo só fora pronunciada na intimidade ou em ambientes restritos, encontrava-se estampada em todas as vitrinas. Sexo vira “slogan”, palavra da “moda”. Os cartazes, pôsteres, *outdoors* (sendo que muitos deles dispensavam a habilidade da leitura), as rádios comunitárias,<sup>8</sup> explicavam e reiteravam as mensagens de prevenção. O teatro, também, amplamente utilizado e difundido em todo o país, torna-se num importante meio decodificador das mensagens de prevenção, tanto nas línguas nacionais como em português. Parece-me que deste movimento ninguém escapava. Crianças, jovens, adultos e idosos todos eram interpelados<sup>9</sup> pelas mesmas mensagens. Da perplexidade ao inconformismo, da indiferença à aceitação, ou conformismo, a sociedade debate-se com esta nova configuração social e cultural.

A epidemia do HIV/SIDA em Moçambique, acelerou a necessidade do debate sobre questões da sexualidade e tornou urgente e inadiável o confronto com este cenário. Na sociedade (família, instituições públicas e privadas, órgãos de informação, políticos), as opiniões se dividiam. Uns advogavam que ao se falar de “sexo seguro” e uso do preservativo nas campanhas de prevenção, alertava-se as crianças para assuntos considerados dos “adultos”, dentro da lógica da separação do “mundo adulto” do “mundo infantil”; incentivava-se e induzia-se os/as jovens a relações sexuais precoces e “desregradas”, ou seja, nesse entender, com muitos/as parceiros/as e deste modo, acreditavam que se alimentava e apadrinhava a promiscuidade. Outros, entendendo, a dimensão da epidemia e as mudanças que já se registravam no campo da sexualidade em outras partes do globo, eram mais permeáveis às discussões sobre sexualidade, mas, mesmo assim, divergindo em alguns pontos, principalmente nas questões referentes à disponibilidade do preservativo nas escolas.

---

<sup>7</sup> Sexo seguro é uma expressão utilizada em todas as campanhas de prevenção ao HIV/SIDA para designar todas as práticas sexuais seguras nas quais se destacam a fidelidade ao/a parceiro/a e o uso do preservativo.

<sup>8</sup> São emissões radiofônicas feitas nas línguas locais.

<sup>9</sup> Termo utilizado pelo filósofo Louis Althusser, em conexão com sua definição do conceito de ideologia no ensaio “A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado”. Para este autor a ideologia não pode ser separada do ato em que

Apesar da gravidez na juventude já se configurar como uma preocupação social, foi o eclodir da epidemia do HIV que empurrou a sociedade para as discussões da sexualidade, possibilitando assim, a discussão de questões de gênero, principalmente das representações de masculinidade e feminilidade, o que abala os papéis fixos que grande parte da sociedade atribui aos homens e mulheres. A título de exemplo, a iniciativa para o uso do preservativo e a posse do mesmo por parte da mulher era, e ainda o é, por parte de alguns indivíduos, considerado como sinônimo de mulher “fácil”.

As desigualdades de gênero também se manifestam no tocante à decisão sobre ter ou não filhos/as em alguns grupos da população, sendo que esta, muitas vezes cabe ao homem. Muitas raparigas recusam-se a usar métodos anticonceptivos com receio de serem trocadas pelos seus companheiros. Relações sexuais forçadas surgem como exigência de provas de amor impostas pelos rapazes às raparigas. Esta e outras questões referentes à sexualidade dos jovens levantam a discussão sobre questões de gênero e da prevenção ao HIV/SIDA. Perante estas situações muitas raparigas sentem-se sem nenhum poder no que diz respeito à sua proteção contra a infecção pelo HIV/SIDA. O distanciamento emocional e comportamentos de risco dos homens refletem uma construção da masculinidade que desvaloriza o feminino (GARCIA, 1998), o que mostra a urgência em se falar também dos homens, tentando diminuir as assimetrias entre masculino e feminino.

As preocupações com os jovens e as questões de sexualidade, começaram a fazer parte do meu dia a dia e nas idas e vindas às escolas, nos encontros com os jovens em atividades extra-curriculares, bem como nas capacitações dos/das professores/as. Nesse momento eu questionava-me sobre quais as representações de gênero os/as jovens, incluindo professores/as (uma vez que a maioria dos/as nossos/as professores/as são jovens) constroem, e em que medida o trabalho realizado com estes

---

indivíduos reconhecem-se como sujeitos no exato momento em que são interpelados – ou convocados – como tais (SILVA, 2000).

grupos em espaços formais ou informais<sup>10</sup> permitia que os/as jovens vivessem a sua sexualidade de uma forma mais segura e prazerosa? No entanto, a necessidade e velocidade do trabalho não permitiam muitos questionamentos, o momento era de ação.

Frente a esta nova e desafiadora oportunidade - a de mestranda - distanciada do meu local de trabalho, pretendo com esta pesquisa alargar a dimensão das abordagens de gênero e sexualidade buscando compreender questões referentes às masculinidades<sup>11</sup> nos jovens em Moçambique, uma vez que, nos diversos programas de prevenção ao HIV/SIDA e da gravidez na juventude em Moçambique, são percebidas e planificadas primeiramente para o universo feminino e só depois para os rapazes.

Por que pretendo pesquisar jovens do sexo masculino? Para além das razões mencionadas acima, constitui-se também importante para mim, pois Moçambique é um país em que mais de 50% da população tem menos de 17 anos de idade (Moçambique, 2000), sendo que este grupo encontra-se numa faixa etária escolar, e a escola tem sido o meu *locus* de trabalho, motivação e interesse, sem esquecer, o fato de que muitos/as jovens não têm acesso à escola. Igualmente porque se acredita que é nesta fase que se inicia a vida sexual e que os/as jovens estão mais susceptíveis a apreender novos comportamentos e atitudes, o que lhes pode permitir ter uma vida sexual saudável. Enfim, devido aos altos índices da epidemia nos/as jovens, como me referi acima, constitui-se como uma demanda do meu país esta reflexão.

Entendo que é bastante desafiadora uma investigação com jovens numa óptica masculina, uma vez que em Moçambique falar de gênero ainda significa como em vários países e várias correntes teóricas, falar da rapariga<sup>12</sup>. Pretendo com o meu

---

<sup>10</sup> Refiro-me aos Programas extracurriculares de Saúde Sexual e Reprodutiva e de prevenção ao HIV/SIDA como Geração Biz, ESH (Escola sem HIV), Eu e a Vida, Gerindo Escolas, entre outros.

<sup>11</sup> Apesar de perceber as masculinidades como plurais por vezes falarei de masculinidade no singular uma vez que o plural não elimina o singular.

<sup>12</sup> Em Moçambique e no Ministério da Educação em particular os grupos de trabalho de gênero, dedicam-se a programas da Educação da rapariga. Estes programas promovem incentivos para o ingresso, manutenção e retenção

trabalho abordar questões de gênero com enfoque na masculinidade, promovendo outras possibilidades de falar de gênero, permitindo olhar os temas de saúde e sexualidade, por um outro ângulo, diferente de olhar para as feminilidades. O número de trabalhos sobre a mulher e a lacuna de trabalhos sobre os homens produz uma idéia essencialista do homem como “patrão” e “opressor”. O estudo das questões da masculinidade pode ajudar no desenho de políticas públicas de saúde e sexualidade, permitindo desta forma não essencializar os homens.

---

das meninas na escola, uma vez que as desistências destas a partir da 3ª classe são muito elevadas, dinamizam também programas com vista ao melhoramento da renda familiar (costura, artesanato, cerâmica, criação de animais domésticos) desenvolvem de igual modo ações em educação e saúde com particular ênfase na prevenção às DTS/HIV/SIDA e da gravidez na adolescência.

## 2- CONSIDERAÇÕES SOBRE MOÇAMBIQUE

Moçambique situa-se na costa Oriental da África Sub-Sahariana, é banhado pelo Oceano Índico, com uma extensão de 799.380 Km<sup>2</sup> de superfície e faz fronteira com 6 países (Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, África do Sul e Suazilândia). Ascendeu a independência em Junho de 1975, via luta armada liderada pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) após 500 anos de colonização portuguesa. Este país possui uma população de 16.5 milhões de habitantes, sendo que 53% são mulheres e 70% do total da população vive nas zonas rurais, conforme dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), 1997.

A capital do país - Maputo - acolhe 21% do total da população urbana, o que demonstra um padrão de distribuição muito heterogêneo. A diversidade lingüística de Moçambique é grande, contando com 24 línguas nacionais, sendo o Português a língua oficial, falada por 40% da população. As línguas mais utilizadas na comunicação diária são as seguintes: Emakwhuwa (26.1%), Xichangana (11.3%), Português (8.8%), Elomwe (7.6%) e outras línguas (44.5%). As religiões mais professadas são a católica, a muçulmana e a Zione, sendo que 24% da população não professa nenhuma religião (IDH, 2003).

Como resultado de muitos anos de colonialismo o acesso da população a serviços como energia elétrica é bastante limitado restringindo-se a ¼ dos agregados das áreas urbanas e somente a 1% da população das zonas rurais. O acesso à água canalizada mesmo nas cidades ainda é muito reduzido, sendo a maior fonte de obtenção de água os poços públicos sem cobertura 41% (IDH,2003).

Na altura da independência, o país herda uma economia dependente do exterior, com um sector industrial incipiente, dependente da importação de matérias primas para o seu funcionamento, uma agricultura com uma produtividade baixíssima, uma atividade comercial exercida por estrangeiros, com uma população apresentando níveis de 93% de analfabetismo e um número muito reduzido de técnicos nacionais com formação

superior. Nos anos que se seguiram à independência, o país viveu um período de desestabilização política, econômica e social engendrada pela República da África do Sul e da Rodésia do Sul<sup>13</sup>, em parceria com indivíduos do derrotado regime colonial português e com o apoio indireto dos EUA. Surge nesse mesmo período um movimento de oposição a FRELIMO: a RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique) que desencadeia uma guerra até ao início dos anos 90.

A guerra trouxe prejuízos inestimáveis. Foram destruídas escolas, postos de saúde, estradas, pontes e assistiu-se a uma quase paralisação da agricultura que era, e ainda é, a base do sustento da maior parte da população. Das 5.886 escolas do Ensino Primário, 50% foram destruídas. Do número de postos de saúde de atenção primária, que entre 1975 e 1984 havia passado de 326 para 1.195, cerca de 500 foram destruídos. Estima-se que cerca de um milhão de pessoas tenham morrido, 1.7 milhões se refugiado nos países vizinhos e que pelo menos 3 milhões se tenham deslocado das suas zonas de origem. Acresce-se a este quadro, um elevado número de moçambicanos privados do seu sustento pela perda dos seus postos de trabalho.

Esta desestabilização foi motivada a nível externo pela opção do governo moçambicano de enveredar por uma política de orientação socialista-marxista e a nível interno como resposta à crise existente, por políticas e estratégias utilizadas pela FRELIMO, que marcaram um distanciamento entre o governo e a população, criando um descontentamento que ajudou a alimentar o conflito armado. Após um período de negociações entre o partido da RENAMO e o governo de Moçambique, a 4 de Outubro de 1992, o líder da RENAMO - Afonso Dlakama, e o então presidente de Moçambique - Joaquim Chissano, assinaram o “Acordo de Paz”, que colocou fim a guerra.

As crises econômicas e os processos de transição que marcaram a História de Moçambique apresentam custos sociais que definem a qualidade de vida da população até hoje, refletidos nos níveis de pobreza. De acordo com o relatório do Programa das

---

<sup>13</sup> Países que fazem fronteira com Moçambique e que estavam sob o regime do apartheid (política segregacionista da população negra).

Nações Unidas para o Desenvolvimento da População (PNUD) de 2000, Moçambique é o sexto país com menor índice de desenvolvimento humano (IDH), apesar de ter apresentado uma taxa de crescimento de 17% em 2003. O desafio presente do governo, é reduzir a pobreza em mais de 70% dos seus habitantes. De uma maneira geral, o grau de analfabetismo no país é de 56,7%, sendo maior entre as mulheres (71,2%) do que entre os homens (49,2%).

As taxas de emprego entre os jovens no setor formal, principalmente na zona rural, são extremamente baixas (2.3%), crescendo nas zonas urbanas (15%). As perspectivas futuras de emprego, a curto e médio prazo para os jovens são sombrias devido ao lento crescimento do mercado de trabalho formal. A falta de postos formais de trabalho tem levado, principalmente os/as jovens a buscar formas alternativas de recursos para seu sustento e contribuição no orçamento familiar. Além do trabalho na agricultura (exclusivamente das áreas rurais), acabam por desenvolver trabalhos domésticos, vendas ambulantes de materiais de consumo e artesanato. A pobreza afecta a ambos, homens e mulheres, mas as mulheres tendem a estar em desvantagem. Principalmente nas zonas rurais, as mulheres são valorizadas apenas como mães e esposas.

A necessidade dos/as jovens contribuírem desde cedo com o orçamento familiar, o casamento e a gravidez na adolescência, o número insuficiente de escolas, as taxas obrigatórias de matrícula e a dificuldade que as famílias enfrentam na compra de material e fardamento escolar são algumas das razões para que os/as jovens entre os 15 e 19 anos apresentem níveis de analfabetismo de 40,9%, sendo eles/elas, boa fatia da população.

Moçambique é uma sociedade marcadamente masculina, no que se refere às lideranças, tomando como ponto de reflexão o documentário que tive oportunidade de assistir por ocasião da semana de Moçambique: “Os funerais do ex-Presidente Samora

Machel”<sup>14</sup>. Neste documentário pude perceber que num primeiro plano só se destacavam homens ao longo de toda a cerimônia (velório, cortejo fúnebre e deposição da urna na cripta da Praça dos Heróis em Maputo) captada por esta reportagem, vislumbrando-se membros masculinos da família, do governo, do partido e das forças armadas. Os rostos femininos inclusive da família (esposa e filhas) não aparecem. Somente, num outro plano, entre a multidão eram notórias muitas mulheres. No mesmo documentário assiste-se a tomada de posse ao cargo da Presidência da República do até então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, e o cenário continua o mesmo, não se percebendo diretamente na cerimônia (excluindo entre o público presente) nenhuma mulher incluindo a primeira-dama da República.

Passados 15 anos verificam-se mudanças nas relações de gênero nos diferentes níveis da sociedade, incluindo nos órgãos do governo, parlamento, instituições e organizações governamentais e não governamentais. A título de exemplo 30% dos cargos governamentais são ocupados por mulheres e no parlamento dos 250 deputados 63,2% são homens e 36,85% são mulheres<sup>15</sup>. Nos grupos familiares e comunitários, as mudanças embora existentes são mais lentas e diferenciadas, considerando o nível de escolaridade, o lugar onde se vive (urbano ou rural), a religião, o grau de acesso aos meios de informação e comunicação e o pertencimento ou não a organizações de massas ou outras. É no contexto deste país, que pretendo compreender as representações de masculinidades nos jovens em Moçambique.

---

<sup>14</sup> Samora Machel, foi o primeiro presidente de Moçambique, morreu num acidente aéreo em circunstâncias ainda inexplicadas em 1985.

<sup>15</sup> Para mais informações consultar: [www.govmoz/minister.htm](http://www.govmoz/minister.htm).

### **3- APROXIMAÇÕES AO TEMA, PROBLEMA E METODOLOGIA DE PESQUISA**

Com o presente trabalho pretendo abordar o tema das representações das masculinidades entre os jovens em Moçambique e sua relação com a vulnerabilidade à SIDA. Este país coabita com uma sociedade tradicional conservadora, que pretende passar os valores culturais tradicionais dos seus ancestrais aos seus filhos e filhas, bem como, com grupos populacionais urbanizados, que confrontam-se com os efeitos da globalização mundial, do que temos como exemplo a internet, o consumo crescente de produtos industrializados e a multiplicação de ONGs no país.

Moçambique enfrenta de forma galopante a epidemia do HIV/SIDA, onde os/as jovens configuram essas estatísticas de forma assustadora, com cerca de 46% dos infectados. Conforme expus anteriormente, a epidemia do HIV em Moçambique tem produzido mudanças no diálogo sobre a sexualidade, através da discussão do sexo seguro como forma de prevenção. Assunto considerado tabu por grande parte da população. Fernando Seffner (2003), na sua tese de doutorado “Derivas da Masculinidade”, aponta para as mudanças introduzidas no campo da sexualidade com o eclodir da epidemia do HIV/SIDA:

Se hoje temos uma percepção diferente do que é a sexualidade, isto ocorreu em boa medida porque a epidemia de aids modificou a nossa visão sobre esse tema, porque novas questões e indagações foram feitas à sexualidade, características da sexualidade que anteriormente não dávamos atenção passaram a ser enfatizadas, práticas sexuais banais - como a relação de penetração entre homem e mulher - se tornaram notáveis e objetos de investigação ou preocupação, e por outro lado práticas notáveis e tidas como equivocadas - a masturbação, por exemplo - se banalizaram (SEFFNER, 2003, p. 62).

Fenômeno idêntico verificou-se em Moçambique onde alguns temas sobre a sexualidade passaram a despertar interesse e a serem mais intensamente estudados desde o eclodir da epidemia do HIV/SIDA.

O meu foco de trabalho são os jovens do sexo masculino, no entanto, a minha abordagem será relacional. Por considerar que o estudo das masculinidades é uma questão de gênero, esta abordagem passa pela compreensão das questões dos movimentos das mulheres, o que para alguns/algumas autores/autoras, impulsionou e contribuiu para os referidos estudos.

Conforme nos apontam Guacira Louro (1997) e Dagmar Meyer (2005), os movimentos feministas do fim do século XIX e início do século XX, ficaram conhecidos como “sufragistas” pelo seu carácter denunciador e reivindicativo. Entre as reivindicações pela igualdade de direitos das mulheres figuravam a do direito de voto, à educação, à condições dignas de trabalho e ao exercício da docência. Este primeiro movimento impulsionou o que veio a ser conhecido mais tarde, na década de 60, do Século XX, como os “Estudos da Mulher” (LOURO, 1997). Esses estudos focalizaram a desigualdade social, política, econômica e jurídica, a subjugação e opressão a que as mulheres estavam sujeitas como forma de lhes dar maior visibilidade e de contestação ao sistema de subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres vinham sendo sujeitas. Segundo Meyer (2005):

Essas ocupações, os modos como elas foram se organizando como “trabalho de mulher”, nas diferentes sociedades e países, constituíram, então, os objetos de investigação de muitos dos primeiros estudos desse campo, cujo maior mérito foi exatamente este: o de colocar as mulheres, seus interesses, necessidades e dificuldades em discussão (MEYER, 2005, p.13).

Com o conceito de gênero desde a sua formulação e emergência no âmbito do movimento feminista na década de 80, este passa também a ser utilizado como uma categoria analítica, o que contribuiu para que as feministas adquirissem alguns adeptos entre políticos e acadêmicos e maior alcance teórico analítico nos seus trabalhos. As estudiosas feministas levaram para a academia debates até então considerados menores como o da família, sexualidade e trabalho doméstico.

O conceito de gênero inaugura uma nova fase nas análises das feminilidades e masculinidades, já que até então, os estudos, enfatizavam dimensões biologizantes,

que confirmavam uma possível “essência” de ser mulher ou homem, o que por sua vez, justificava e reforçava as desigualdades sociais, econômicas e políticas entre os sexos. Essas “essências” confirmavam lugares fixos para mulheres em que se evidenciam como “marcas do feminino”: o afecto, o cuidado com os filhos, o marido, a casa e a sua capacidade reprodutiva. Para os homens: a força, a coragem, a virilidade, a liderança e a sua capacidade como provedor já consideradas “marcas do masculino”. Estas “marcas” do feminino e do masculino vêm mudando, passando-se a destacar que, as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens são sociais e culturalmente construídas, variando de lugar para lugar e ao longo do tempo. Segundo Louro a respeito do conceito de gênero, numa perspectiva pós-estruturalista diz-nos que:

[...] a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. [...] diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO: 2003, p. 23).

Um elemento importante que o conceito de gênero inaugura é o seu aspecto relacional em que os estudos sobre as mulheres ou sobre os homens não podem ser empreendidos completamente em separado. Joan Scott (1995) é uma autora que enfatiza esse aspecto relacional, e a esse respeito ela argumenta:

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres, é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da idéia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT, 1995, p. 75).

Em Moçambique os primeiros registros de movimentos de mulheres datam do período de libertação do país (1960-1974). A integração das mulheres durante a guerra, começou pela ocupação em tarefas tradicionais, como de enfermeiras, professoras, secretárias, produtoras e confeccionadoras de alimentos. Porém, as mulheres insurgiram-se e reivindicaram a participação directa delas nas frentes de combate. Uma vez, estas, inseridas nas frentes de combate, numa primeira fase foram-lhes designadas tarefas de transportadoras do material bélico e dos produtos alimentares. A esse respeito Isabel Casimiro, citando Eduardo Mondlane, refere-se a uma reunião nas “Zonas Libertadas”<sup>16</sup> em princípios de 1968, na qual uma mulher queixou-se do facto destas “não serem preparadas para oficiais, de modo que todos os oficiais eram homens. Essa mulher queria saber porquê? A razão era que nunca ninguém se tinha lembrado de promover mulheres à oficiais” (MONDLANE, apud CASIMIRO, 1992, p. 99). Dentro dos ideais socialistas a questão da participação da mulher na construção do país estava presente, no entanto, é patente a naturalização do comando e da guerra como tarefas do masculino.

Com a Independência do país (1975), movidos/as pela experiência e dinamismo da mulher durante a guerra de libertação, a Organização da Mulher Moçambicana (OMM), fundada em 1973 ganha destaque como um movimento de massas onde os *slogans*, pela igualdade de direitos e pela emancipação da mulher compõem os dísticos e discursos nas reuniões e comícios populares. No entanto, isso não significou alguma ligação ao movimento feminista europeu e americano, que segundo Casimiro, aquando da criação da OMM o presidente Samora Machel o tenha “reduzido [o movimento feminista] a um movimento burguês, sem ligação com a realidade do dia-a-dia” (CASIMIRO, 1992, p.102 - destaque da autora).

Grande parte das mulheres filiadas a OMM, provinham de grupos menos privilegiados da sociedade e partilhavam preocupações como direito a escolaridade, à

---

<sup>16</sup> Zonas Libertadas eram áreas no interior do território moçambicano fora do controle e da administração portuguesa, funcionando como um “Estado dentro de um Estado”, com um sistema próprio de administração. Eram assim chamadas porque nelas se introduziram novos valores políticos e sociais bem como formas coletivas de produção e comercialização para além da implementação de bases democráticas.

assistência materno infantil, planejamento familiar entre outros aspectos. Apesar da não identificação do governo, partido no poder e dos movimentos de mulheres com o feminismo existia por parte destes, a preocupação para com as questões de liberdade, igualdade de direitos e emancipação das mulheres.

A partir da década de 90, começa-se a utilizar o termo gênero em Moçambique, podendo-se destacar a criação do Departamento de Estudos da Mulher e do Gênero em 1991, na Universidade Eduardo Mondlane. Esse departamento constituído por professores/as e investigadores/as universitários/as, leva a cabo diversas pesquisas referentes à situação de vulnerabilidade, desigualdade e pobreza da mulher no país. A introdução deste termo gênero nas instituições, trabalhos acadêmicos, bem como em outros contextos, não significou mudanças nas abordagens, uma vez que os trabalhos de gênero em Moçambique continuam ainda tendo um enfoque na mulher. Situação idêntica verifica-se também no Brasil, onde os estudos de gênero contam com um campo vasto de pesquisa, no entanto, por vezes, esta abordagem ainda se pauta nas mulheres. Tomando como exemplos as obras: “Uma questão de gênero” de Albertina Costa e Cristina Bruschini (1992), e “Gênero e Cultura” de Neves Strey, Sonia Cabeda e Denise Preh (2004), com 13 artigos cada, nos quais, pode-se verificar somente um artigo, em cada obra, fazendo referência às questões dos homens, o que mostra mais uma vez a necessidade de estudos com este enfoque. Contudo, novas discussões sobre gênero e sexualidade, impulsionadas pela epidemia do HIV/SIDA, vêm gradualmente integrando os homens. Margareth Arilha (2005) no seu trabalho de tese sobre “O Masculino em Conferências e Programas das Nações Unidas” argumenta que:

[...] a reflexão sobre os homens no âmbito da saúde sexual e reprodutiva e da sua participação em processos de desenvolvimento - têm sido marcados por um caráter puramente instrumental, isto é, recorre-se aos homens apenas para melhorar as condições de saúde e de exercício de direitos das mulheres (ARILHA, 2005, p.12).

Em muitas partes do mundo, particularmente nos EUA, Europa e no Brasil, assim como o movimento feminista, o movimento homossexual ganhou visibilidade a partir da

década de sessenta, através de manifestações e reivindicações que exigiam uma nova reflexão sobre as identidades sexuais, bem como questionavam a figura centrada, tradicional do homem heterossexual - a norma -, criando dessa maneira condições para que estudos sobre a masculinidade pudessem acontecer. Ao procurarem definir, de modo amplo, seu espaço na política, na economia, nas questões relativas à sexualidade, no âmbito público e privado, as mulheres e os homossexuais, particularmente os masculinos, contestaram a dominação que sofriam, propondo uma nova mentalidade, novos comportamentos e novas perspectivas para as relações entre os gêneros, questionando diretamente a masculinidade hegemônica. Muito recentemente, a partir da década de 80 do século XX, começaram a surgir os primeiros estudos sobre os homens.

Um dos caminhos para o questionamento desses valores tem sido a análise por parte dos pesquisadores tais como Connell (1995), Kimmel (1992), Monteiro (2000) e outros, dos significados das masculinidades como construídos socialmente, tendo, como referências contemporâneas o desenvolvimento das discussões sobre a emancipação das mulheres e os questionamentos das identidades sexuais.

A História da Humanidade foi escrita e protagonizada por homens que representam homens e mulheres. Este dado foi tão naturalizado que se tornou imperceptível, invisível. Segundo Pierre Bourdieu (1995, p.137) “O homem [...] é um ser particular que vive a si mesmo como ser universal (homo), que tem o monopólio, de fato e de direito, do humano, isto é do universal, que está socialmente autorizado a sentir-se portador da forma total da condição humana”.

Toda a nossa educação e socialização foi construída, considerando o discurso masculino como aglutinador, tanto do masculino como do feminino, tornando-se esta associação numa unidade “o homem”. Durante séculos quase todos os livros publicados eram sobre homens, inclusive hoje em dia, se um texto não tem a palavra mulher no título, provavelmente trate dos homens. A concepção de que a História Universal é a dos homens, já demonstrada em trabalhos como de Bourdieu (1995);

Kimmel (1992); Connell (1995) e Monteiro (2000), desenvolveu e consolidou o discurso de que os homens não constituem objecto de estudo, portanto, não precisam de ser estudados. Jonathan Katz apud Louro (2003, p. 50), ao evidenciar a inexistência de estudos sobre a heterossexualidade em oposição ao elevado número de trabalhos sobre a homossexualidade argumenta: “A não ser pressionado por vozes fortes e insistentes, não damos nome à norma, ao normal e ao processo social de normalização, muito menos os consideramos desconcertantes, objetos de estudo”. Tomando como exemplo o citado anteriormente no concernente à homossexualidade, situação análoga verifica-se na proliferação de estudos sobre a mulher em relação aos homens, onde este tema passou a constituir-se como um campo de investigação em decorrência das mulheres que queriam entender suas próprias situações. Normalmente tende-se a estudar o desviante, o que foge da norma, o outro.

Em Moçambique, vem crescendo o número de trabalhos sobre as mulheres e em menor número sobre as crianças. Estudos sobre os homens são quase inexistentes, com algum destaque para os que se referem ao homem na esfera produtiva ou mais recentemente, dentro do contexto da epidemia do HIV/SIDA. Contrapondo-se a esse movimento de certo modo hegemônico, em que o homem e a masculinidade têm sido freqüentemente tratados como modelo, padrão, protótipo, enfim, como referência normativa, os estudos contemporâneos, impulsionados pela crise de paradigmas, têm-se dedicado a desconstruir antigas certezas, propondo reflexões sobre temas antes pouco problematizados. Pretendo abordar o tema das masculinidades à luz dos estudos de gênero, considerando a abordagem dos estudos culturais e apoiando-me na perspectiva pós-estruturalista pensando as identidades como não fixas, atravessadas por representações múltiplas, provisórias e contingentes de feminino e de masculino (MEYER, 2004).

Segundo Robert Connell (1995, p.189) “[...] o gênero é muito mais que interações face a face entre homens e mulheres. Significa enfatizar que o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade”. Para esse autor a complexidade do gênero nas masculinidades advém do

facto de que “diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade” (CONNELL, 1995, p.89). O autor aponta para uma masculinidade hegemônica que ocupa o topo da hierarquia, associada principalmente a heterossexualidade e ao casamento, exercendo domínio sobre as outras masculinidades e feminilidades na sociedade. Entretanto, um grande número de homens obtém vantagem dessa masculinidade hegemônica, corporificando, desse modo, uma masculinidade cúmplice. Esta cumplicidade está orientada para acomodar os interesses e desejos dos homens manifestando-se entre as mulheres mais jovens pela receptividade sexual, enquanto que entre as mulheres adultas implicam em maternidade. Connell (1995), enfatiza que essas feminilidades são altamente valorizadas na mídia, publicidade e campanhas de marketing.

Como podemos perceber a masculinidade é um tema pouco explorado e se agregarmos a este, estudos sobre a juventude, sexualidade e relações de gênero, estes trabalhos muitas vezes, em algumas áreas como a Educação, são questionados quanto à sua relevância e sua nomeação como trabalho ou como tema da Educação, dificultando a reflexão e troca de experiências entre pesquisadores/as, profissionais e interessados/as pela temática. Apesar de estudos dispersos e da discussão actual sobre a necessidade de políticas públicas, de programas direcionados para jovens, a dificuldade de articulação e dos grupos de trabalho ainda é visível. Na esteira dessas preocupações, a título de exemplo, Moçambique, aprovou em 2004, a “Política Nacional de Saúde Sexual e Reprodutiva dos Adolescentes e Jovens”, visando expandir e melhorar os serviços de atendimento a este grupo nos postos de saúde e hospitais. No Brasil o Instituto PAPAÍ<sup>17</sup> desenvolve ações educativas, reformistas e políticas junto aos homens jovens, bem como estudos e pesquisas sobre masculinidades.

Para abordar o tema das masculinidades assumo o pressuposto que assim como a feminilidade, a masculinidade é socialmente construída e atravessada por categorias como raça, idade, classe ou posição social, grau de escolaridade, viver numa área

---

<sup>17</sup> Mais informações, consultar [www.papai.org.br](http://www.papai.org.br).

urbana ou rural, num determinado espaço e tempo e varia de cultura para cultura. Isso significa que não pretendo pensar a masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluídos e em constante mudança. Neste sentido devemos falar de várias masculinidades, simultaneamente sendo construídas, no mesmo espaço, e mantendo relações por vezes de tensão, com diferentes distribuições de poder entre elas, ocupando lugares diferenciados numa hierarquia de poder.

Connell (2003) aponta para o facto de que existe uma masculinidade que corresponde ao ideal masculino, a qual chama de hegemônica, onde os homens que usufruem dela incorporam poder, prestígio, realizações pessoais, afectivas, desportivas, familiares e económicas. Este ideal hegemônico dá conta da ideia de rivalidade e competição entre os homens, sobretudo com relação ao poder, dinheiro e assédio às mulheres. O ideal hegemônico de masculinidade foi criado em oposição às outras masculinidades menos valorizadas - subordinadas ou subalternas e em relação às mulheres. Dessa forma, as masculinidades se configuram nas relações com os outros homens e nas relações que se estabelecem com as mulheres. No entanto, “a hegemonia não significa controle total. Não é automática e pode ser fraturada - inclusive fraturar-se em si mesma” (CONNELL, 2003, p. 62). Para Vale de Almeida, a masculinidade hegemônica é considerada como “um modelo cultural ideal que, não sendo atingível [...] por nenhum homem, exerce sobre todos os homens e sobre as mulheres um efeito controlador” (ALMEIDA, 1996, p. 163).

Constitui-se um desafio tentar situar Moçambique, no momento atual, o que se denomina de masculinidade hegemônica, e como se configuram as masculinidades subordinadas, uma vez que, conforme já foi abordado, a sociedade moçambicana atravessa nos últimos anos profundas modificações, com grande impacto sobre os modos de viver as masculinidades (e as feminilidades também). O desafio o qual me proponho nesta dissertação é o de compreender como se articulam as representações de masculinidade entre os jovens da Escola Secundária Nelson Mandela, com o que imagino estar contribuindo para a compreensão mais geral das representações acerca

da masculinidade no país. Pretendo também relacionar estas possibilidades de viver a masculinidade em Moçambique frente à vulnerabilidade ao HIV/ SIDA.

## **Metodologia**

A produção de dados foi efectuada na Escola Secundária Nelson Mandela localizada no distrito de Boane, posto administrativo da Matola, na província de Maputo. Esta escola foi inaugurada em 2004, para atender a necessidade dos/das estudantes da região que após terminarem o Ensino Básico tinham que procurar outras escolas em áreas mais distantes. Integram esta escola 1425 alunos e alunas, sendo 703 rapazes e 722 raparigas, 12 professoras e 42 professores.

Escolhi esta escola por se situar numa zona urbana e circunscrita de áreas semi-urbanas o que permite que ela integre estudantes de diferentes origens sociais sendo uns provenientes de famílias de baixa renda e outros de famílias de classe média. Dessa forma, tentei captar um universo cultural maior e diversificado.

Como primeira actividade para realização desta pesquisa, contactei a Direcção Provincial de Educação, onde fui devidamente credenciada podendo assim, deslocar-me a escola e estabelecer contactos com a referida instituição. Conseguido o encontro com a diretora da Escola, apresentei-me e expliquei os objectivos do meu trabalho, tendo na altura mencionado que pretendia trabalhar com estudantes do sexo masculino, da 8ª a 10ª classe e que seriam escolhidos de forma aleatória. De seguida, foram acordadas as datas para o início da actividade.

Para a construção dos dados desta pesquisa optei por duas técnicas, sendo elas, a do grupo focal e de entrevistas, tendo decorrido em dois momentos distintos. O primeiro momento constou da realização de dois grupos focais compostos de 12 alunos do sexo masculino, durante duas manhãs, com a duração de uma hora e meia cada. O segundo momento, foi dedicado à realização de entrevistas individuais, no total de oito,

durante 3 dias, com a duração de cerca de uma hora cada. A duração das entrevistas não foi uniforme, porque como é compreensível uns jovens falam um pouco mais e outros menos.

No dia combinado para a realização do grupo focal, em coordenação com o director pedagógico da escola, foi possível trabalhar com estudantes voluntários que na altura não tinham aula, em virtude de o/a professor/a ter faltado, o que fez com que todos os estudantes fossem da mesma classe e turma, ou seja, estudantes da 9ª classe, com idades compreendidas entre os 16 e 17 anos.

Para a realização do grupo focal, foi cedida a biblioteca da escola, por esta se localizar afastada das salas de aulas, diminuindo desse modo a interferência do tumulto verificado durante os intervalos lectivos. Iniciei a atividade agradecendo a presença e participação dos jovens, apresentando o colega (Leonardo) que se dispôs em colaborar como assistente e também a minha pessoa. De seguida, em breves palavras expliquei que o objectivo da pesquisa era compreender o que representa ser homem e jovem em Moçambique tendo em conta a epidemia do HIV/SIDA. Destaquei alguns pontos importantes para que a actividade decorresse num clima aberto e de confiança como o da voluntariedade, ou seja, que só devia permanecer quem estivesse interessado em participar, que tudo o que ali fosse discutido só seria utilizado para efeitos da pesquisa e que não havia contribuições certas ou erradas, que o importante era a contribuição e participação de todos.

Feito isto, estabeleceu-se um acordo grupal que consistiu na disponibilidade de participação integral dos jovens, durante o tempo que durasse a actividade, estar presente nos dois dias, falar um de cada vez, respeitar a opinião do outro, evitar comentários posteriores sobre as discussões tidas durante o grupo focal e colocar os celulares no silêncio. Concluída essa etapa os participantes leram o termo de consentimento e o assinaram (segue em anexo). O consentimento informado materializa a autorização concebida pelo participante na pesquisa. Todas as sessões foram gravadas e posteriormente transcritas.

Dos integrantes do grupo focal, onze moram em casas fabricadas de material convencional (blocos) e um numa casa construída com material local. Nove deles tem acesso a água canalizada, oito a energia elétrica, seis possuem geladeira, todos possuem rádio e somente um, não tem aparelho de televisão<sup>18</sup>. A realidade sócio-económica destes jovens encontra-se acima da média do país. Estes dados foram obtidos individualmente no término do grupo focal, para que se evitassem possíveis constrangimentos.

Optei pela técnica do grupo focal, por considerar que este método segundo Jenny Kitzinger e Rosaline Barbour (1999) é ideal para explorar as experiências, opiniões, desejos e dúvidas das pessoas, por permitir aos participantes criarem suas próprias perguntas, os seus quadros de análise definindo suas prioridades em relação a determinados temas. Durante o grupo focal os participantes foram encorajados a falarem entre si, a fazerem perguntas e a comentarem uns com os outros as suas experiências e pontos de vista.

Apesar de reconhecer essas potencialidades no grupo focal optei igualmente pela técnica de entrevistas individuais em profundidade por considerar que através destas poderia conseguir uma maior abertura com os entrevistados e maior aprofundamento de algumas questões que num grupo maior por vezes não afloram com tanta facilidade, o que conseqüentemente me garantia um leque maior de informações. A decisão pelo uso das duas técnicas de investigação prendeu-se pela vontade e necessidade de produzir uma maior quantidade de dados de forma diferenciada, bem como pela insegurança da própria pesquisadora que temia pelo fracasso da pesquisa, tendo em conta o tema em questão, o facto de ser mulher, pela diferença de idades entre os jovens e a pesquisadora e ainda pelo facto de estar trabalhando com o desconhecido, ou seja, alunos das mais diversas idades e oriundos de realidades diferentes. O que vai ao encontro do trabalho de Rosa Silveira (2002, p. 127) ao comentar que “seguramente o que o entrevistador mais teme sejam os

---

<sup>18</sup> Dois jovens possuem televisão que funciona a bateria.

silêncios, as fugas ao assunto, os subterfúgios... e eles acontecem tanto quanto os desvios de rota, o questionamento dos pressupostos das próprias perguntas...” No entanto, surpreendentemente o resultado obtido tanto no grupo focal como nas entrevistas foi positivo, considerando a prontidão com que aceitaram o convite, o entusiasmo, a abertura, a espontaneidade, a qualidade e diversidade de opiniões e depoimentos efectuados pelos jovens.

As entrevistas foram realizadas com base num roteiro previamente elaborado (segue em anexo), mas tentando captar o maior número de informação, sempre que surgisse uma oportunidade. Estas foram efectuadas nos dias subseqüentes ao grupo focal com estudantes da 10ª classe de turmas diferentes. As idades dos entrevistados variaram entre os 15 e 21 anos. Todos estes estudantes habitam em casas fabricadas de material convencional, possuem água canalizada, energia eléctrica, rádio e televisor. Para a realização da entrevista seguiu o roteiro previamente elaborado o que facilitou na condução das entrevistas e na comparação das respostas, sem que isso tivesse restringido as entrevistas ao roteiro, pois sempre que se mostrou produtivo as conversas tomaram rumos diferentes.

Reconheço que existem diferenças entre os dados coletados em entrevistas e em grupos focais, entretanto dado ao pequeno número de integrantes da amostra e principalmente dado ao facto de não ter havido diferenças significativas nos depoimentos tanto dos grupos focais como das entrevistas, os dados foram tratados de igual modo.

Algumas perguntas se desdobraram em outras que foram “criadas” para iniciar a discussão durante o grupo focal e as entrevistas, podendo ser sintetizadas nas seguintes:

- 1- Quais representações de masculinidade estão implicadas com a construção de identidades juvenis urbanas em Moçambique?

2- O que significa ser homem e jovem em Moçambique tendo em conta a epidemia do SIDA?

3- Como tais representações de masculinidade incidem sobre ou contribuem para a produção de determinadas vulnerabilidades dessa população jovem?

4- Como é para um jovem masculino viver a sua sexualidade num contexto ocidental (com muitos programas e mensagens de prevenção com modelos ocidentais), negociando ao mesmo tempo as questões culturais tradicionais?

5- Como é que as questões de relação entre os gêneros são percebidas nos relacionamentos, por exemplo, namoro, casamento?

## **4- JUVENTUDE**

### **4.1- Discutindo o conceito de Juventude**

O que entendemos por juventude foi sendo construído e vem adquirindo significados distintos em diferentes sociedades, culturas e tempos históricos. A classificação do termo juventude desde o seu começo tem sido polêmico devido à demarcação temporal como forma de classificação. Este conceito tem variado segundo autores e autoras dependendo das Políticas de Juventude de muitos países que variam de acordo, não só, com as dinâmicas regionais e internacionais, mas também, com os interesses de determinados grupos de pressão e com os limites políticos vigentes. De uma maneira geral, ao se falar de juventude, refere-se ao momento de mudanças do corpo, dos afectos, das referências sociais e relacionais. Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo ao longo da vida.

Para Melucci & Fabbrini (1992) apud Dayrell (2003) existe uma seqüência temporal no curso da vida, cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades. Nesse sentido, é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência, dentre outros sinais corporais e psicológicos.

Segundo Philippe Ariès (1981) e Jane Souza (2000), nas sociedades tradicionais a passagem do universo infantil ao adulto era feita no processo de socialização com os adultos. As crianças eram integradas gradualmente no mundo dos adultos, a partir da observação e participação elas aprendiam através do trabalho ou nos jogos que se realizavam com e na comunidade. A família conjugal estava integrada num grupo mais alargado de parentes, empregados, amigos, vizinhos, ricos e pobres que constituíam a

comunidade, e era nesta comunidade que as trocas afectivas, a aprendizagem e a comunicação entre adultos e crianças se realizava.

A concepção moderna de infância constitui-se no século XVII nas sociedades europeias, a partir da transformação das famílias, que passavam a dispor de maior privacidade, principalmente as classes mais abastadas, sendo que os cidadãos pobres continuavam vivendo em comunidade, bem como da mudança e extensão da instituição escolar. A escola passa a ser o local privilegiado da educação e do aprendizado, principalmente após a Revolução Francesa onde ela é vista como libertadora. A preparação da criança do sexo masculino é confiada à instituição escolar, cuja função é a transmissão de conhecimentos e valores para o desempenho na vida futura, inclusive a profissional, resultando na separação desta da vida adulta. A menina continua aprendendo ofícios domésticos como tecer e preparando-se para a maternidade até ao século XIX, altura em que é integrada no universo escolar, sem esquecer que as meninas das classes populares só tiveram acesso a escolarização no século XX. A escola como instituição responsável pela educação continua vigente até os dias de hoje, mantendo a forma tradicional de ensino, entretanto, debatendo-se com o desafio da adequação desta às novas necessidades e realidades dos/das estudantes e as outras pedagogias culturais: revistas, televisão, rádio, propagandas e outros artefactos de consumo.

Para Ariès (1981, p. 48), “[...] a cada época corresponderiam uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a ‘juventude’ é a idade privilegiada do século XVII, a ‘infância’, do século XIX, e a ‘adolescência’, do século XX”. No entanto, a juventude ganha visibilidade e o seu comportamento problematizado devido ao surgimento de grupos de jovens, que agem em contraste com os padrões vigentes à ordem social. Alguns/algumas jovens estão associados a questões de delinqüência, rebeldia, revolta, confusão, hesitação e irresponsabilidade. É uma concepção de juventude marcada pela negatividade.

A partir de 1960, o movimento juvenil passa a ser portador de uma identidade e cultura própria, elegendo um estilo preferencial musical como jazz, rock, punk e de vestuário que difere dos padrões clássicos, de linguagem e de locais de lazer onde as saídas noturnas para bailes e bares são incrementadas. Associado a este movimento desenvolve-se uma indústria de roupa, de objectos de adorno, aparelhos de som, música, instrumentos musicais, dirigida para este crescente público consumidor. Estes artefactos culturais constituem discursos que atravessam a juventude. Helena Abramo (1994, p. 7) diz-nos que “a condição juvenil, [...] correspondente a esse prolongamento do período escolar, restringia-se praticamente aos sectores burgueses”. Estes/estas jovens tendem a formar grupos espontâneos de pares onde tiram dúvidas e criam símbolos de identificação e laços de solidariedade. Estes grupos podem ser constituídos por amigos/as de um bairro, de uma escola, de movimentos estudantis e outros.

Autores como Abramo (1994) e Juarez Dayrell (2003) ajudam-nos a pensar em diferentes juventudes. As diferenças de condição social, de raça, etnia, gênero e cultura, atravessam esse grupo etário que se apresenta heterogêneo, onde as maneiras e as formas de vivenciar essa fase da vida variam enormemente. Os/as jovens pobres ingressam precocemente na vida adulta, pela necessidade de trabalhar e pela exposição social (contacto com a rua) a que estão sujeitos, implicando numa juventude diferenciada da de um jovem que permanece mais anos na escola, na casa dos pais e ingressa posteriormente na universidade.

Rubens Adorno et al (2005) trabalham com o conceito de juventude como representativo do caráter que as novas gerações trazem à sociedade, não a encarando, assim como uma fase de transição para uma idade ou identidade adulta, mas justamente como um campo de inovação, de geração de novas identidades, de discussão de papéis e questionamento do caráter conservador das instituições, dos valores e das normas sociais.

As Nações Unidas entendem os jovens como indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos<sup>19</sup>, com a devida salvaguarda, que cada país, de acordo com a sua realidade, pode estabelecer a sua “faixa jovem”. Alguns países estendem esse período considerando o seu contexto social, como o caso de Moçambique e Japão que consideram como jovens os indivíduos até cerca dos 35 anos de idade. Estas demarcações, em torno de quem se fala quando se usa o termo jovem, são essenciais para a afirmação de uma Política da Juventude em cada país ou região.

## **4.2 - Juventude em Moçambique**

A população de Moçambique é predominantemente jovem. A idade mediana é de 17.2 anos e o índice de masculinidade é de 92 homens para cada 100 mulheres (INE, 1997). Apenas metade das crianças entre os 6 e os 10 anos encontram-se a frequentar a escola. No grupo etário dos 11 aos 12 anos é onde encontramos a maior taxa de vínculo escolar (73%), decrescendo para 68% entre os 13 e 15 anos e para 43% entre os 16 e 17 anos.

Segundo Henrique Junod (1974), nas sociedades tradicionais do Sul de Moçambique no fim do século XIX e princípio do século XX, as crianças ficavam com as mães durante o período de amamentação que ia até aos 3 anos. Após esse período, elas eram entregues aos cuidados das/dos avós/avôs e permaneciam com estes até aos 14 anos de idade. As crianças (o autor refere-se somente às crianças do sexo masculino), ocupavam-se da guarda do rebanho, particularmente das cabras, animal que todas as famílias possuíam; praticavam a caça de pequenas aves e coelhos; e iniciavam a aquisição da “ciência do mato” pela observação da natureza e experimentação através do contacto directo com os animais e as plantas. Os pequenos homens aprendiam a distinguir quais as plantas comestíveis, quais as plantas venenosas, como fazer armadilhas para caçar pequenos animais, bem como que

---

<sup>19</sup> Resolução 40/14 (1985) e 50/81 (1985) da Assembleia Geral das Nações Unidas

animais podiam ser ou não caçados. A aprendizagem feita na interação com a Natureza é o que se constitui como a “ciência do mato”. Nesse período os pequenos pastores também preenchiam os seus dias realizando muitos jogos e muita brincadeira, enquanto as cabras pastavam livremente.

A socialização destes meninos era feita entre eles na comunidade, sendo a hierarquia de idades um critério importante no relacionamento. Os mais velhos encaminhavam e orientavam os mais novos na observação e contacto com a Natureza, mas ao mesmo tempo, introduziam-nos nas pequenas malandragens, como furtar (batata-doce, mandioca, milho, frutas) das machambas<sup>20</sup>, perto dos campos de pastagem. Quando os rapazes mais velhos lhes confiavam esta missão, caso fossem mal sucedidos, corriam o risco de serem punidos, mas poderiam ser igualmente castigados, se fossem vistos pelas proprietárias das machambas. Como mencionei, na infância os meninos estavam muito soltos, passavam a maior parte do dia com os amigos na pastagem (momento em que a lei dos mais velhos impera), realizavam muitos jogos, mas desde cedo, aprendiam que tinham de ser corajosos, fortes e a resistir à dor. Podemos perceber esta demonstração de coragem através do jogo “a guerra às vespas” descrita por Junod:

Os rapazes [...] fabricam escudos com folhas de palmeira entrelaçadas, cortam ramos folhudos, que agitam para se defenderem, e um deles vai dar uma formidável paulada no vespeiro. Os insectos, irritados, precipitam-se sobre os assaltantes, picam-nos, fazem-nos inchar. Estes procuram derrubar as vespas à paulada, esmagá-las quando pousam neles. Por vezes, rendidos pela dor, fogem. Ou então, resistindo até ao fim, matam, exterminam os inimigos alados (JUNOD, 1974, p. 74) .

Entre os rapazes era muito comum que quem perdesse num jogo, apanhasse dos restantes. Perder era interpretado como sinónimo de fraqueza, característica que devia ser eliminada, ultrapassada. Por sua vez os vencedores, os destemidos, tornam-se os líderes do grupo. Desde a infância, os rapazes aprendiam que tinham de ser

---

<sup>20</sup> Machamba é o termo utilizado em Moçambique referente ao espaço onde se pratica a agricultura.

fortes, agressivos, ousados, desafiadores para que pudessem vencer. A entrada dos rapazes na puberdade era marcada na família com muita alegria e eles próprios sentiam-se muito envaidecidos, pois novas responsabilidades eram-lhes atribuídas. Estes deixavam de cuidar do rebanho de cabras, passando a ser-lhes confiado o gado bovino, o que se constituía em motivo de orgulho para o rapaz, já que essa missão o diferenciava das crianças. Esta fase era igualmente marcada na comunidade por cerimônias de iniciação, muitas vezes acompanhadas da circuncisão. Localmente, estas cerimônias eram conhecidas por *ngoma*, termo genérico utilizado na prática de rituais tradicionais. Os diferentes rituais imprimem as marcas da sociedade no indivíduo, incutindo nele valores, onde desde a nascença até a morte, a vida é marcada e comemorada com diferentes rituais. Um dos rituais que tem grande expressividade são os ritos de iniciação que ocorrem na puberdade.

Os ritos de iniciação marcam a passagem da criança para a vida adulta. Esta recebe a tradição dos antigos e entende-se que ela passa da “ignorância” ao “conhecimento”, adquirindo direitos e deveres de um membro adulto da sociedade. A simbologia que acompanha os ritos de iniciação compara-se a uma viagem longa e penosa, cheia de segredos, trabalho e perigos que fazem com que a criança cresça. Tanto os rapazes como as raparigas participam de diferentes ritos de iniciação durante a puberdade, mas para efeito deste trabalho desviarei o meu olhar para os rapazes. Para as sociedades que praticam a circuncisão, o *ngoma* é um momento muito importante na vida dos jovens. Esta cerimônia é preparada com muito rigor e antecedência e envolve os chefes de aldeias próximas, que discutem e acertam procedimentos, como quem vai dirigir as cerimônias, local, valores a serem contribuídos pelas famílias. Afinal são três meses no retiro e os mestres e homens acompanhantes, precisam de uma recompensa pelo trabalho.

Acordada a data, os rapazes entre os 10 e 16 anos de idade reúnem-se na aldeia, num local preparado para o efeito e dirigem-se para o *súngui*<sup>21</sup>, localizado fora

---

<sup>21</sup> O *súngui* é o local onde se praticam os ritos de iniciação, composto pelas palhotas (casas feitas de material local) dos mestres, dos jovens, dos pastores (que são os circuncidados na época anterior, cujo papel é vigiar e ajudar os mestres) e espaço para as refeições. Este espaço é rodeado por alta paliçada formada de ramos espinhosos.

da aldeia acompanhados pelos mestres, os pastores e alguns homens que se dispõem a passar esse período no retiro. Estas cerimônias são realizadas no inverno, porque coincide com o período da colheita da mapira, cereal, muito utilizado nestas cerimônias na confecção das refeições e porque também o período do inverno facilita na cicatrização dos cortes. O que se por um lado tem essas vantagens, por outro, tornava-se num factor doloroso para os jovens, pois tinham de enfrentar o frio durante a noite bem como pela manhã. Para além de serem obrigados a mergulhar no riacho muito cedo e permanecer nele durante um certo tempo, indicada como uma das terapias para a cicatrização das feridas.

Como já enunciei, durante a estadia no *súngui*, os jovens são submetidos a constantes provas de coragem e resistência, ao frio, à sede, à má alimentação para além das punições corporais. Todos os ensinamentos feitos aos rapazes, desde o caçar animais de grande porte, desbravar a mata e até mesmo nos jogos, são feitos através da força física, audácia, bravura e punição. Não são admitidas falhas. As falhas são severamente castigadas. A idéia de virilidade é carregada de violência física. O sofrimento dos jovens constitui-se como uma prática pedagógica. Autores, como Nourry apud Junod (1974), consideram estas cerimônias, como rituais de passagem, em que marcam a separação da vida infantil para a vida adulta. Para o autor, o simbolismo dos ritos representa um estado de separação de uma etapa da vida a outra, seguida de uma submissão a um certo número de tabus e ritos que terminam com a integração destes jovens na comunidade.

O místico e o simbólico estão sempre presentes nestes rituais. O que acontece no interior do *súngui* é tabu, não podendo ser revelado a ninguém que não tenha passado por essas cerimônias, muito menos às mulheres. Ferreira apud Jimena Furlani (1999, p. 87), caracteriza tabu como “proibição tradicional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, temas, palavras, etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de reprovação e perseguição social”. Para garantir a confidencia e o mistério os jovens eram ameaçados de morte caso desvendassem os segredos do *súngui*. Este tabu funcionou e continua funcionando até aos nossos dias,

razão porque, é muito difícil que quem tenha passado pelos ritos de iniciação comente sobre eles com quem não tenha participado deste ritual.

Neste mesmo período (fim do século XIX e princípio do XX) muitos jovens moçambicanos ingressaram no trabalho migratório da África do Sul. Patrick Harries (1994), comenta que:

Muitos moçambicanos que constituíam a maior parte dos historicamente mineiros proletarizados eram um pouco mais do que crianças. Crianças foram freqüentemente empregadas nas plantações da província do Natal, bem como em Kimberley, (na exploração das minas de ouro e diamante) onde os gestores detinham o direito legal de empregar rapazes com mais de onze anos de idade<sup>22</sup> (HARRIES, 1994, p. 201, destaques da autora).

Na Zona Sul do país o trabalho era e ainda é, considerado como parte integral da educação da criança e da socialização dentro das categorias de gênero. Fica a cargo das raparigas o apoio nas tarefas domésticas, incluindo o cuidado dos irmãos mais novos, bem como a produção e confecção dos alimentos. Dos rapazes esperava-se que contribuíssem na economia familiar desde tenra idade. O trabalho migratório era o principal meio de obtenção de renda familiar, particularmente nos anos de estiagem onde a produção agrícola, base do sustento das famílias ficava afectada.

Os rapazes eram pressionados pelos parentes mais velhos (principalmente tios) a ingressarem no trabalho migratório da África do Sul, predominantemente para as minas de exploração do ouro, bem como para as plantações. Conseguir o consentimento dos jovens não era tarefa difícil, fruto de uma educação onde o respeito pelos mais velhos, ou seja, a hierarquia familiar, constituía o pilar da estrutura familiar. Por pressão da câmara do comércio, a lei foi modificada e passou a proibir o trabalho infantil tendo-se, no entanto, mantido, principalmente nas plantações até perto do fim do século passado.

---

<sup>22</sup> Tradução da autora.

Com o passar do tempo, os ritos de iniciação em Moçambique foram-se modificando, adaptando e de certa forma em alguns locais até desaparecendo, principalmente nas cidades. A esse propósito Conceição Osório e Maria Artur (2002), argumentam que as representações e as práticas culturais tradicionais foram, ao longo destes últimos anos, e mercê de factores como a guerra civil, a ruptura e a recomposição das estratégias políticas e económicas alteradas e reapropriadas, dando lugar a uma grande diversidade de comportamentos não padronizáveis. O que tendo em conta as dinâmicas, que cruzando, combinando-se e confrontando-se produziram novos e diferentes modos de construção identitária. No seu trabalho de tese Cristiano Matsinhe (2005), complementa:

Aspectos do cotidiano das culturas locais, como o recurso a uma multiplicidade de ritos, cerimônias e cultos diversificados foram ostensivamente perseguidos, sistematicamente denunciados por legiões de “caçadores de bruxas” instalados num sistema de controle social (MATSINHE, 2005, p. 33).

Sobre esta mesma problemática Ana Loforte (2003) entende os ritos de iniciação, como espaço educativo de transição da infância para a idade adulta, os quais detêm aspectos de grande valor simbólico, que acompanham a criança e a ajudam a entender as mudanças que ocorrem na sua vida. Eles formalizam os deveres dos jovens e a sua postura no que respeita a sexualidade. A iniciação masculina insiste, sobretudo, no seu papel e estatuto na família, sua responsabilidade na organização do casal, respeito para com os mais velhos e na busca de si próprio, enquanto o da rapariga a dirige ao seu papel de ser para os outros.

Mas os requisitos culturais necessários para que os indivíduos sejam considerados homens ou mulheres não se localizam apenas no corpo, ainda que as interpretações deste sejam fortemente influenciadas pelo discurso de gênero. Eles espalham-se por todos os níveis do social, desde a família ao trabalho, passando pela linguagem (LOFORTE, 2003, p.14).

Estamos perante uma sociedade multicultural, multiracial, e multilingüe, onde o “tradicional” e o “moderno” dialogam permanentemente. Matsinhe ilustra adequadamente esta realidade:

A maior parte das lideranças tradicionais continuam a exercer o seu poder na clandestinidade e de forma discreta. Os curandeiros continuam a praticar a medicina tradicional e a performar vários tipos de cerimônias com a cumplicidade e ou participação até daqueles que durante o dia, no palanque montado para o discurso do partido, pregavam contra essas estruturas e entidades sociais tidas como obscurantistas (MATSINHE, 2005, p. 34).

Detive-me um pouco nos aspectos sócio-históricos da formação dos homens em Moçambique num determinado período histórico, de certo modo, até comum em várias sociedades africanas e não só, mas, para o caso de Moçambique, é um passado, que também é presente. E é sobre esta realidade que pretendo a partir de agora dirigir o meu olhar, procurando fazer um movimento de distanciamento, estranhamento e de contextualização, pois a sociedade moçambicana como tentei apontar, ainda procura o seu enquadramento nela própria, mergulhada em questões culturais tradicionais, e também vive os efeitos de um mundo globalizado, convive com a chegada de Organizações Internacionais de ajuda humanitária (Organizações das Nações Unidas), assim como com a criação de várias Organizações Não Governamentais (ONGs) nacionais e estrangeiras que trazem consigo discursos que pressupõem “verdades” testadas e que poderão ser multiplicadas e padronizadas. “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2005, p. 14). Digo isto porque algumas ONGs trazem consigo “pacotes” com programas diversos que poderão ter funcionado em outras realidades sócio-culturais mas que pouco ou nada tem a ver com a realidade em Moçambique. A transferência de programas acabados de países desenvolvidos para África no geral e para Moçambique em particular tem sido uma constante, comprometendo por vezes os seus resultados, para além de em alguns casos, não responderem às demandas sócio-culturais e económicas do país.

Decorrente de reflexões, movimentos políticos e acções diversas em torno da temática Juventude e dada a sua expressão quantitativa e qualitativa a nível mundial que este grupo representa, as Nações Unidas elegeram o ano de 1985 como comemorativo do Ano Internacional da Juventude que foi acolhido por diversos países, dentre eles Moçambique. Para o efeito a Assembléia Geral das Nações Unidas produziu um referencial para os países em termos de Políticas de Juventude<sup>23</sup> - *Guidelines for further planning and suitable development in the field of Youth* . O referido documento estabelece orientações para que os países construam bases para uma Política de Juventude, focalizando como temas: participação, desenvolvimento e paz.

A juventude foi ganhando cada vez mais espaço e destaque nas agendas e políticas governamentais. A volta dela, foi-se destacando a necessidade de ações específicas para atender a esse grupo populacional. Nesse contexto e dada a importância que o governo de Moçambique atribui a juventude, foi criado em 1992 o Ministério da Juventude e Cultura que passa a ser designado em 2000, por Ministério da Juventude e Desportos. Este Ministério tem entre outras as seguintes funções (Plano Estratégico, 2005, p.10):

- Estudar, propor e assegurar a implementação das políticas e dos programas do Governo na área da juventude;
- Criar mecanismos para a promoção e apoio à participação dos jovens em atividades de carácter económico, social e cultural;
- Promover e incentivar o desenvolvimento de associações juvenis como forma de assegurar a melhor participação e integração dos jovens nas comunidades;
- Conceber e promover o incentivo às iniciativas geradoras de emprego, de auto-emprego e outras fontes de rendimento que permitam a participação da juventude no processo da construção da nação moçambicana;

---

<sup>23</sup> Elizeu Júnior (2005) considera que uma Política de Juventude constitui um conjunto coerente de intenções do Estado para que em parceria com a sociedade civil, sejam estabelecidos objetivos, diretrizes e estratégias destinadas

- Promover o estabelecimento de vínculos de cooperação entre as organizações juvenis nacionais entre si e com os diferentes organismos juvenis regionais e internacionais, agências especializadas e instituições financeiras, etc.

A compreensão do que significa ser jovem em Moçambique, tem sido objecto de intensas discussões e de diversos posicionamentos. O Primeiro Encontro Nacional da Juventude, realizado em Agosto de 2002, no qual participaram jovens de todo o país, resultou na produção de uma declaração denominada e conhecida como “Declaração de Chókwé”<sup>24</sup>. Este encontro revestiu-se de grande importância por ter conseguido pela primeira vez reunir jovens de todo o país (cerca de 300) para discutirem os seus problemas e proporem soluções para os mesmos, bem como pelo entusiasmo mantido durante as discussões. Podendo-se evidenciar igualmente o destaque concedido pelo governo, demonstrado pela presença do Presidente da República e de vários Ministros ao encontro.

Da “Declaração de Chókwé” constam conclusões e recomendações sobre a Educação Formal e não Formal, Saúde Sexual e Reprodutiva e HIV/SIDA, habitação, associativismo juvenil, agricultura, pesca, turismo, assistência social, serviços comunitários e voluntariado, género, arte, cultura, desporto, recreação e sobre a faixa etária jovem. Referente a este ponto pode-se ler na Declaração “[...] por forma a se determinar o conceito legal de jovem na República de Moçambique, tendo sido aprovado por consenso que deve ser considerado jovem todo o indivíduo entre os 15 e 35 anos de idade” (Ministério da Juventude e Desportos, 2002, p. 7). No entanto recentemente a Política Nacional da Juventude<sup>25</sup> considerou como “jovem todo o indivíduo que tenha idade compreendida entre os 15 e 30 anos” (Ministério da Juventude e Desportos, 2005, p. 4.).

---

a fomentar e coordenar as atividades em favor da juventude, de modo que façam parte de uma dinâmica de desenvolvimento.

<sup>24</sup> Chókwé é uma cidade que se situa na província de Gaza no Sul do país.

<sup>25</sup> Versão de Agosto de 2005 ainda não aprovada

A discussão feita em Moçambique em volta do que se considera ser jovem, assenta numa demarcação de faixa etária que tende a estender este período por mais tempo. Possivelmente, pelas dificuldades que os/as jovens encontram na persecução dos estudos e de inserção no mercado de trabalho, prolongando por mais tempo a dependência destes em relação às suas famílias. Por outro lado, muitos/as dos/das jovens que participam destes eventos, onde são tomadas estas decisões, fazem parte de associações ou organizações juvenis (o que de alguma forma lhes permite algum enquadramento social) onde a garantia da sua permanência nesses grupos, sugere a necessidade de extensão desta faixa etária. Entretanto, pode-se também pensar que essa extensão da faixa etária na juventude se choca com a expectativa de vida do país que ronda os 40 anos de idade.

Ao mesmo tempo em que nos deparamos com um movimento, cuja tendência sugere o prolongamento da juventude, um grupo considerável de jovens desde cedo assumem responsabilidades de trabalho, para ajudarem as suas famílias ou mesmo por terem constituído a sua própria família. Este grupo depara-se com uma outra realidade, a da vida adulta.

Perante a diversidade dos/das jovens moçambicanos/moçambicanas, assume-se que não existe um/a único/a jovem, mas sim diferentes jovens. Para o efeito em todas as acções e trabalhos deve-se ter em conta, as especificidades de género, de região, diferenciando o/a jovem rural do/a urbano/a, a especificidade de níveis de ensino e do acesso à educação, diferenciando a juventude dos/das que estão na escola, dos/das que a abandonaram, ou nunca tiveram acesso e finalmente a especificidade de inserção no mercado de trabalho, diferenciando o/a jovem daqueles/daquelas que trabalham dos/das que ainda não trabalham (Ministério da Saúde, 2004). É dentro deste cenário diversificado que estarei circulando.

## **5- REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE NA JUVENTUDE EM MOÇAMBIQUE**

Os conceitos de representação, identidade cultural e cultura servem de ferramentas teórico-analíticas que me permitirão problematizar as falas dos jovens através dos grupos focais e entrevistas em profundidade, sem esquecer que a interpretação é sempre intencionada. “A noção de interpretação permite também afirmar que a linguagem produz representações, e o sujeito é uma estrutura lingüística em constante transformação” (SEFFNER, 2003, p.74). A identidade cultural é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. “É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo” (SILVA, 2005, p. 96). A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada, ela não é nunca uma, coerente e fixa, este conceito valoriza a multiplicidade e a instabilidade como alguns elementos que caracterizam as identidades culturais. Não existe identidade fora da história e da representação.

Os Estudos Culturais surgem como um campo importante e influente de teorização e investigação social na década de 60. As primeiras produções realizadas nesse campo teórico se deram a partir do estudo das condições sociais e culturais de grupos de jovens de periferia. Esses estudos consideraram válidas todas as formas de cultura, implodindo a tradicional separação entre “alta” cultura e “baixa” cultura. Cultura então passa a ser concebida como produção de sentidos forjados pela actividade humana, passa a ser objectivada também como ação, como práticas culturais que vão ter uma dimensão política, passando a ser entendida como uma prática de significação que será constituinte dos sujeitos, compreendidos como um produto das práticas sociais/culturais.

Estas ferramentas conceituais não são neutras nem unânimes e o seu uso não implica a busca de uma verdade, ou seja, a identificação de uma única masculinidade jovem em Moçambique, mas sim, muitas e diversas formas de ser um homem jovem.

Elejo neste trabalho, as representações das masculinidades jovens atravessadas e constituídas pelas categorias referentes a gênero e sexualidade, embora considere outras possibilidades de pensar e estudar o tema. A construção da identidade masculina jovem, estabelece-se em relação às diferentes masculinidades e feminilidades no país, mas também pode

significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (HALL, 2005, p. 111- 112).

Na vertente pós-estruturalista, a representação é uma questão de poder, uma inscrição, uma marca, uma construção lingüística e discursiva dependente de relações de poder. Ela permite deslocar a ênfase de uma preocupação realista com a verdade, para uma preocupação política com as formas pelas quais a identidade é construída através da representação. Conhecer e representar são processos inseparáveis, ou seja, a representação é a expressão visível do conhecimento.

Os discursos sobre as representações das masculinidades dos jovens em Moçambique variam, considerando o gênero, o grau de escolaridade, o viver numa zona urbana ou rural e o ambiente sócio-cultural e econômico em que se está inserido. Ao desenvolver esta pesquisa pretendia perceber as representações produzidas pelos jovens acerca das masculinidades, seus modos de processar tanto as demandas e apelos da cultura tradicional, como da dita modernidade. Pesquisar as representações da masculinidade nos jovens:

[...] significa investigar traços, marcas, discursos, representações visuais e textuais, depoimentos, práticas, modos de dizer e outros elementos que servem de matéria prima no sentido de interpelar as identidades, construindo-as como posições de sujeito (SEFFNER, 2003, p.76).

Durante o grupo focal e as entrevistas foi possível perceber elementos que denotam o quanto estes jovens são interpelados pela sociedade. As representações das masculinidades nos e entre os jovens em Moçambique pressupõem uma “essência” de homem que mantém ainda muitos elementos tradicionais e conservadores do que se denomina “ser homem” na sociedade. No entanto, estas representações vêm sendo abaladas e reconfiguradas como resultado de dinâmicas internas, podendo se destacar o grau de escolaridade, o acesso aos meios de comunicação e informação, o contato com outras culturas, os movimentos associativos juvenis e os movimentos das mulheres. Como resultado externo pode-se considerar os efeitos da globalização que envolve uma interação entre factores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, os quais por sua vez produzem novas identidades e representações de masculinidade.

Stuart Hall (1997), argumenta que as velhas identidades encontram-se em declínio, provocando assim o surgimento de novas identidades, o que leva a fragmentação do indivíduo. Esta dita “crise de identidade” surge como parte de um processo mais amplo de mudança nas sociedades modernas que colocam em dúvida antigas certezas. Assim sendo, podemos perceber que não existe uma única forma de “ser homem”, mas sim, um conjunto de maneiras pelas quais os homens vivem a sua masculinidade. Dessa forma, estas representações se constituem a partir de distintos e múltiplos discursos. Para Hall (1997):

O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento. O termo refere-se tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (HALL, 1997, p. 29).

Os discursos, tais como as representações, situam-se num campo estratégico de poder: “a formação do discurso e a genealogia do saber não devem ser analisadas a partir dos tipos de consciência, das modalidades de percepção ou das formas de

ideologia, mas das táticas e das estratégias de poder” (FOUCAULT, apud, SILVA, 1999, p. 44). No entanto, torna-se importante estabelecer a diferença entre discurso e fala. Sendo que as falas, neste trabalho são as verbalizações dos rapazes informantes, que pretendo recolher nos grupos focais e nas entrevistas. E os discursos “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1996, p. 156), se referem ao discurso da tradição, ao discurso biomédico, ao discurso do empoderamento da rapariga e da mulher, ou seja, as construções discursivas que produzem posições de sujeito fixas, que têm agentes específicos, e que interpelam os jovens rapazes, e também as raparigas.

Ao serem interpelados por estes discursos, os jovens reagem, produzem representações de mundo, estabelecem valores relativos à masculinidade, estabelecem hierarquias, considerando determinados modos de viver as masculinidades mais adequados do que outros.

A partir da perspectiva dos estudos culturais, a representação é estudada como uma das práticas que produzem a cultura. Segundo Hall (1997, p. 29), “a cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas”. Estes significados reiterados produzem determinados discursos que por sua vez não são lineares, únicos, estes apresentam contradições e divergências resultantes de vivências e influências culturais diferenciadas, permitindo, assim, mapear diferentes representações de masculinidade nos jovens em Moçambique.

## 5.1- REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

A construção da masculinidade dos jovens integrantes desta pesquisa é atravessada por questões de gênero, sexualidade, família, grau de escolaridade, culturais e tradicionais, da modernidade, trabalho, mídia, nível econômico e social entre outras, sendo que as relações que se estabelecem na família desempenham um papel particular. A família é para estes jovens o ponto de referência mais mencionado. Apesar de ter presente que todos estes elementos interferem na construção das masculinidades, para efeitos deste trabalho, vou enfatizar as questões de gênero e sexualidade.

Na construção de dados em que utilizei a técnica do grupo focal, na primeira sessão, pedi a estes jovens que escrevessem três nomes de pessoas do sexo masculino que mais admiravam. De seguida pedi que escolhessem dentre esses, um dos nomes e justificassem a sua escolha. Pai, irmão e tios foram as pessoas do sexo masculino mais mencionadas. Exceptuando-se dois jovens, tendo um escolhido um jogador de futebol e o outro um cantor.

*Eu escolho o meu pai porque foi ele quem me criou, ele separou-se da minha mãe quando eu tinha 6 anos e ele cuidou de mim e até agora está a cuidar, ia trabalhar e depois cuidava de mim sacrifica-se com o dinheiro do transporte.*

*Eu escolho o meu irmão, ele não trabalha, agita-se e consegue bom comportamento conosco, ele consegue cuidar do meu pai, da família, tem bom comportamento, dá-me dinheiro de chapa, vestuário, e ajuda-me a pensar para ser algo na vida.*

*O meu irmão cuida de mim, saiu de Moçambique quando eu era pequeno, foi para a África do Sul. Agora não trabalha, mas cuida do meu avô, dos meus primos e irmãos, dá-me dinheiro de chapa<sup>26</sup>.*

*O meu pai está com a minha mãe e sacrifica-se pela família. (Dep. GF<sup>27</sup>)*

---

<sup>26</sup> “Chapa 100” é o nome utilizado em Moçambique para designar o transporte coletivo de passageiros efetuado em ‘mini-bus’. Este fenómeno surge na cidade de Maputo nos anos 80, no contexto da crise económica. Os primeiros carros (camiões), foram sendo sucessivamente substituídos pelos ‘mini-bus’. O nome “chapa 100” vem do custo da passagem que, inicialmente era de 100,00mt. Em Maputo, os maiores usuários dos “chapas 100” são os/as moradores/as da periferia.

Apesar de estes jovens referirem-se constantemente à família, estão visivelmente reportando-se a famílias diferentes, sendo todas elas designadas com o mesmo peso. Uns vivem com tio, tia e primos; outros com irmãos; outros com um dos avôs, irmãos e primos; outros ainda com pai ou mãe, um tio ou tia, primos ou primas, um dos avôs e irmãos; outros só com um dos progenitores pai ou mãe e em raros os casos com o pai a mãe e irmãos juntos. Concordo com Perrot, que descreve “a família, como rede de pessoas e conjunto de bens, é um nome, um sangue, um patrimônio material e simbólico, herdada e transmitida” (PERROT, 1991, p. 105).

Em Moçambique as famílias se estruturam de diferentes formas, sendo a nuclear mãe, pai e filhos a menos comum, pois, mesmo nos casos em que esta se mantém, acontece com frequência a integração de outros parentes como sobrinhos, tios e ou avôs. Por vezes, mãe e filhos coabitam com avós e outros parentes. Casos em que o pai fica com os filhos, por morte da esposa ou separação, normalmente um parente (mulher) se desloca-se para este lar a fim de ajudar a cuidar da casa, refeições e das crianças. Avós que cuidam dos/das netos/netas, enquanto as mães se deslocam para as cidades à procura de trabalho, é um fenómeno muito comum no campo, que se estrutura com base na família alargada, onde novos membros (noras, sobrinhos/as, netos/as, afilhados/as) se agregam em vez de conquistarem novos espaços. Estes, são somente alguns exemplos de como as famílias se organizam, sendo que as combinações e composições podem ser as mais diversas. Em alguns países é comum referirem-se a estes tipos de famílias como famílias desestruturadas, sendo que isso não se verifica em Moçambique, pois estas são formas comuns e aceites de as famílias se organizarem e estruturarem.

As dificuldades económicas de alguns destes jovens, decorrentes dos níveis de pobreza enfrentados no país ficam presentes nas suas falas. O sacrificar-se pela família destacado nas falas de muitos jovens, mesmo indo ao limite das próprias possibilidades é um elemento bastante valorizado, “*não trabalha, mas cuida do meu avô, dos meus primos e*

---

<sup>27</sup> Sempre que aparecer Dep. GF designa os depoimentos recolhidos através da dinâmica do Grupo Focal. Quando forem vários depoimentos usarei (Deps.) no final do bloco de depoimentos. Passarei também a colocar em Times New Roman e itálico os depoimentos tanto do GF, bem como das entrevistas.

*irmãos, dá-me dinheiro de chapa” (Dep. GF). É esperado que o homem se sacrifique para manter a família, não importa muito, o que precisa fazer, nem como faz, o mais importante é que este consiga se manter, cuidando do seu agregado, destacando-se as crianças e os idosos. Neste sentido o cuidado com os diferentes membros da família apreça como manifestação de proteção, de carinho, de respeito, de admiração e até mesmo de obrigação.*

É interessante perceber que para alguns destes jovens o facto do pai estar com a família é um aspecto a ser destacado e valorizado, visto como um elemento de respeito e de admiração por parte dos/das filhos/filhas. Segundo as palavras de um dos jovens participantes desta pesquisa, ele admirava o pai porque estava com a mãe e sacrificava-se pela família. Possivelmente, esta percepção se espelhe por um lado na realidade que aponta para uma diversidade de famílias, em que a composição e manutenção da família nuclear nem sempre se observa. Por outro lado, pelo facto de ser comum que o pai se ausente para trabalhar noutras cidades e, particularmente, no Sul do país<sup>28</sup> onde os homens têm a tradição de procurar emprego nas minas da África do Sul ou por um outro motivo. No entanto, é esperado que a mãe esteja sempre com os/as filhos/filhas, sendo isto visto como o normal, como uma obrigação. Enquanto o pai, parece gozar da prerrogativa, da possível ausência, cuja presença pode ser considerada um “privilégio” para a família.

As relações de gênero oscilam entre as tradicionais onde o homem deseja uma mulher asseada, recatada, submissa, obediente, fiel, que cuide da casa, do marido, dos filhos, servil aos sogros/as e às cunhadas/os, ou seja, que conserve as características tradicionais vigentes e esperadas na sociedade moçambicana e ao mesmo tempo, almejam por uma mulher estudada, criativa, carinhosa, que se enquadre nas demandas da actualidade. A mulher precisa ser submissa, mas não o tempo todo, de preferência ela deve manter os atributos tradicionais, e ao mesmo tempo ela deve também ser moderna, estudada, elegante, pois para preencher os requisitos necessários ela precisa saber pensar, dialogar, mas, mesmo assim, sem passar dos “limites”.

---

<sup>28</sup> Acho importante destacar que esta pesquisa realiza-se em Maputo, que fica na zona Sul do país.

*Gostaria de ter uma esposa séria, com habilitações acima da 12ª classe, que cuida do marido, capaz de criar os filhos, uma família, sabe, ser capaz de respeitar o marido (E o que ela tem de fazer para respeitar o marido?) atender às minhas ordens,... Trocamos idéias.*

*Mulher que estudou, que trabalha, que se dedica a ser uma boa esposa para mim, que trate bem da sua família e do seu marido.*

*A mulher ideal seria a que tomou o mesmo rumo que eu, que estudou (Deps. GF).*

Na sociedade moçambicana a mulher deve ser obediente, respeitosa (entenda-se submissa), servil aos/as cunhados/as, ao/a sogro/a, em particular nos casos em que ocorre o lobolo<sup>29</sup>. Expressões como “*respeito por mim e pela minha família*”, “*eu prefiro que ela tenha um bom comportamento com a minha família*” (Dep. GF), denotam o volume de expectativas destes jovens em relação às suas namoradas e futuras companheiras e ou esposas. Ser boa esposa na sociedade moçambicana significa desdobrar-se para atender às solicitações e demandas dos filhos, do marido, da casa, dos familiares do marido<sup>30</sup> e do emprego. Entretanto, ao mesmo tempo, que estes jovens almejam uma esposa séria, que cuide da casa e da família também procuram uma companheira com quem possam partilhar as responsabilidades do lar e também as despesas. Estes jovens estão no meio de uma tensão na busca da companheira.

---

<sup>29</sup> Lobolo é o nome que se dá à cerimônia tradicional em Moçambique na qual a família do noivo procede à entrega de artigos tais como: valores monetários (inicialmente pago em ouro), vestuário (capulanas e blusa para a mãe, camisa, fato e chapéu para o pai), gado, bebida etc., a família da noiva como agradecimento do valor acrescentado que o novo membro trará. As ofertas variam consoante o status e as posses das famílias.

<sup>30</sup> Ora no caso de Moçambique, pese embora o mosaico étnico-cultural prevalecente e a diversidade de modelos de organização familiar, onde é possível visualizar o sistema matrilinear, um sistema híbrido entre o matrilinear e o patrilinear e em paralelo sistemas influenciados, quer pelo direito islâmico, quer por princípios religiosos tanto protestantes, como católicos, o que é fato é que ainda continua a predominar um modelo familiar puro, assente na família linhagem ou se quisermos na família alargada (SACRAMENTO, 1999). No sistema patrilinear, a mulher e os

## Amor

A mulher “ideal” destes jovens tem vários prismas, um deles prende-se com o ideal amoroso, segundo eles, ela tem que saber “amar de verdade”, “amor em primeiro lugar”. Eles apontam para um ideal de amor romântico como o meio de se encontrar a felicidade, a realização, sem o qual o sujeito torna-se incompleto e imaturo. O amor romântico surgiu na Europa Ocidental, no final do século XIX, como um ideal de felicidade individual e compromisso com os ideais colectivos.

*Mulher ideal é aquela que sabe lidar com a vida amorosa, amar de verdade, partilhar os seus sentimentos com o parceiro, que quer ser feliz ao lado do homem que ama (Dep. GF).*

No entanto, quando toca ao amor alguns jovens posicionam-se de forma diferente, não se referem, ao amor como algo que a mulher tem que lhes presentear, mas, consideram-se parte desse mesmo discurso, “mulher ideal é aquela que amamos”, “construir uma família onde todos podemos nos amar” (Dep. GF), existe um deslocamento na construção gramatical, o pronome nós aparece e o sujeito torna-se genérico e presente.

As diferenças sociais aparecem como um reforço de demonstração de prova de amor no tocante à rapariga, podendo-se entender nesta fala que é esperado que o amor se desenvolva entre iguais. Uma rapariga gostar de um rapaz pobre é compreendido como sinal de bom carácter, sendo que, se uma moça se interessa por um rapaz de mais posses corre o risco de ser considerada interesseira e golpista.

*Eu admiro muito a minha namorada porque ela é rica e eu sou pobre e ela não olhou para esse aspecto, estou numa zona de ricos, mas, a minha roupa é comprada em segunda mão, ela não olhou pra a minha casa, ela mostrou que gosta muito de mim e gostaria que um dia fôssemos felizes, ‘para sempre’ (destaques da autora, Dep. GF).*

---

filhos pertencem à família do marido e devem-lhes respeito, obediência e servilismo, principalmente quando ocorre o

Culturalmente compete ao homem prover a família com os recursos financeiros e a contrapartida da mulher é feita através da força de trabalho. Com as mulheres ocupando cada vez mais espaço nas instituições escolares e na vida profissional, esta relação, de facto vem-se alterando, o que por um lado coloca os jovens do sexo masculino numa situação de dualidade em que ora clamam por uma relação igualitária, ora pretendem ser os provedores, sem ignorar o medo que paira sobre eles de serem enganados. Uma relação entre iguais é mais exigente e mais difícil, gera insegurança nos homens que por muito tempo se posicionaram num patamar superior. Pode-se pensar ainda numa terceira possibilidade em que a mulher actue como provedora principal, desestabilizando alguns valores tradicionais e machistas, uma vez que caminhamos para uma relação mais igualitária, em que a possibilidade de desemprego acaba afectando ambos os sexos.

No imaginário destes jovens existe a sombra da mulher “golpista”, que desse ponto de vista, relaciona-se com um homem por interesses materiais e financeiros. É interessante perceber que para eles não existe homem “golpista”. Muitas vezes, esta acusação vem colada aos relacionamentos intergeracionais. O poder aquisitivo das mulheres que se relacionam com homens mais velhos é superior à média, o que lhes permite que adquiram alguns bens de consumo como roupas diferenciadas, objetos de adorno, freqüentem restaurantes, discotecas e que por vezes, tenham a sua própria viatura.

A falta de controle em relação as mulheres com alguma independência económica, gera rejeição por parte dos homens e também por parte das outras mulheres, chamando-as de “golpistas”, “fingidas”, de mães “desnaturadas”, pelo facto de saírem à noite e deixarem os/as seus/suas filhos/filhas em casa a cuidados de terceiros. A possibilidade e a liberdade de ir e vir das mulheres, provoca um certo desconforto e hostilidade por parte de alguns homens em relação a estas mulheres.

*Eu queria acrescentar, uma mulher compreensiva, sincera, que não é golpista.*

*Uma mulher para mim não deve gostar de brincar, ela tem de ser fiel, há aquelas que gostam de ir para as discotecas, que só pensam nelas, não pensam nos outros, nos filhos. Eu conheço a minha vizinha, o marido tem uma idade avançada e ela não gosta dele, ela demonstra, eu não gostaria que a minha esposa fosse fingida (Deps. GF).*

A necessidade de controlar a mulher incluindo os seus pensamentos e sentimentos parece ser uma preocupação de alguns jovens, que se pautam por um modelo tradicional de família, onde se espera da rapariga a abdicação de alguns prazeres “supérfluos” e “mundanos”, como por exemplo, o de ir a restaurantes e discotecas, comportamento considerado adequado e incentivado para os homens.

As discotecas são normalmente vistas como espaços onde o álcool está presente e relações amorosas ou afetivo-sexuais, por vezes ocorrem, colocando rapazes e raparigas muito próximos e longe da censura dos adultos. Na fala de alguns jovens, a discoteca não se constitui como um lugar adequado para as raparigas, mas leia-se algumas raparigas, principalmente se essa for sua namorada, pelo que se torna controverso, pois quando os jovens se deslocam a estes espaços o que eles pretendem encontrar são também mulheres e de preferência, bonitas, atraentes e elegantes para “curtirem” a noite. Em algumas situações as irmãs destes jovens, também tendem a ser incluídas neste grupo como forma de serem “protegidas” dos ditos perigos da noite. A mulher é colocada ainda como objeto de desejo do homem, estes jovens consideram que as meninas que usam roupa curta, se o fazem é porque pretendem seduzir os homens.

*Uma moça bonita sempre nos atrai é claro, e quando traz saias curtas, é sinal que ela está a tentar atrair-nos a nós, e como nós não conseguimos ignorar aquilo, claro, todo o mundo não consegue...(Dep. GF).*

*Não sei se é objetivo da moça tentar dar informação ao rapaz. Nós aprendemos nas artes visuais que podemos perceber uma coisa sem ser dita, o objetivo dela é simplificar as coisas, porque se ela se vestisse corretamente os homens teriam respeito, não podiam se meter com ela (Dep. GF).*

O estudo aparece para este grupo de jovens sempre como a alavanca fundamental para se conseguir um bom emprego e vencer na vida. Afinal, a escola é o lócus de formação para o trabalho assalariado, valorizando-se este como a maneira mais desejável para a realização do ser humano. A escola é vista como a promotora de oportunidades iguais para todos/as conforme o esforço e competência de cada indivíduo. Para além disso, eles almejam conquistar um lugar de “respeito”, destaque na família e na sua comunidade, o qual, pode-se materializar via estudo e trabalho. Alguns jovens relataram com bastante orgulho, que foram alvo de elogios, na comunidade, por demonstrarem bom comportamento e por serem estudiosos. *Eu cumprimento a todos no bairro, por isso, eles gostam muito de mim, dizem que sou um bom menino (Dep. GF).*

Para suas namoradas, ou futuras esposas, os rapazes, desejam, mulheres igualmente estudadas. *“Para ser minha namorada tem de ter estudado e ser educada (Dep.GF)”*. Jurandir Costa diz-nos que:

[...] os amantes, socialmente falando, são, na maioria, sensatos, obedientes, conformistas e conservadores. Sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, ‘raça’, religião ou posição econômico-social que limitam o rol dos que merecem ser amados (COSTA, 1991, p.17).

Costa, mostra-nos que o romantismo, que à primeira vista parece ser espontâneo e natural, incorpora interesses, poderes, objectividade e produz subjetividades nos sujeitos. As amadas tanto as escolhidas como as que escolheram os seus parceiros têm que se enquadrar no perfil desejado e imaginário masculino. O namoro acontece privilegiadamente por iniciativa masculina, cabendo ao rapaz fazer a corte e declarar-se. O cumprimento desta função para além de ser percebida por muitos como masculina, é também conotada como uma forma de proteger a rapariga em casos de rompimento da relação.

*São os homens que pedem namoro.*

*Somos nós.*

*Tem sido o homem.*

*De certeza o rapaz (Dep. GF).*

*É assim, ... são raros os casos, mas caso isso aconteça ... isso, eu, ... porque, quando é a rapariga a pedir o namoro o rapaz vai-se colocar num grau superior, por isso deve ser o rapaz, porque senão, eu posso falar mal dela com os amigos, posso dizer, não, eu não pedi ela em namoro. Se por exemplo discutirmos um dia ele vai dizer que ela é que veio ter comigo, eu não queria saber dela, foi ela que insistiu, eu não tenho nada a ver com ela. É por isso que deve ser o rapaz a pedir o namoro (Dep.Ent.<sup>31</sup>).*

Em algumas situações, parte dos jovens tendem a um posicionamento mais moderno indicando não ser problema que a rapariga tome a iniciativa de pedir o rapaz em namoro, para eles as mulheres *que pensam que podem perder esse homem podem pedir [em namoro](Dep.GF)*, indicam um jogo de poder diferenciado. É comum o sentimento que, na maioria das vezes, a rapariga dá as indicações de que está interessada, cabendo ao rapaz finalizar e formalizar a intenção.

*Mas as mulheres também que gostam e vêm primeiro e que pensam que podem perder esse homem podem pedir.*

*As miúdas que gostam podem conquistar os homens, fazem tudo para o rapaz perceber, mas o homem é que pede (Deps GF).*

Percebe-se uma constante oscilação de representações nestes jovens que por um lado se agarram a um “ideal” de mulher que espera ser desejada, conquistada e cortejada pelo rapaz sendo-lhe permitida e tolerada a manifestação e sinalização de interesse (salvaguardando o recato necessário), desde que o rapaz tome a iniciativa. Por outro, tendo em conta a realidade na qual vivem, estão presentes diferentes mulheres, sendo algumas mais determinadas, dispostas a escolher o parceiro e a pedirem-no em namoro. Essas mulheres, mais dispostas a romper com os preconceitos que as rotulam de mulheres “fáceis”, “sem vergonha”, contrariam desse modo o modelo culturalmente aceite e vigente. Decorrente desse cenário, verifica-se que “nos relacionamentos atuais, há uma maior flexibilidade nas posições de gênero e nas suas relações no que concerne à conquista amorosa/sexual (SOARES, 2005, p.110).

Apesar disso, a insegurança em relação à vida afetivo-sexual da mulher, se faz presente na maioria dos casos. Constata-se por parte dos rapazes, certa dificuldade em lidarem com a iniciativa feminina no que tange aos relacionamentos amoroso-sexuais. A fala deste jovem ilustra esta situação “... e os homens também sabem ver se ela ama de verdade ou não” (Dep. GF). Perseguindo este argumento um outro jovem comentou:

*O meu irmão, diz que ele ainda não pode levar mulher para casa, porque ainda está a fazer um estudo, uma análise, e eu perguntei, análise de quê? E ele disse, do comportamento dela, para saber como é que ela é, como é que ela vive, se ela é boa, má, fingida ... e tu deves fazer o mesmo, primeiro estuda a mulher...(Dep. GF).*

Parece que existe a “crença” que a mulher é mais susceptível de ser considerada mau caráter, sobre ela pesa uma desconfiança sistemática, uma vigilância em relação ao que ela diz, pois pode estar mentido; ou em relação ao seu comportamento pois pode estar fingindo. Por isso, o seu amor precisa ser constantemente questionado e colocado à prova, “para uma mulher segurar um homem tem de fazer sexo, agora, um homem não precisa de fazer sexo para mostrar que gosta de uma mulher”(Dep. Ent.). Possivelmente por isso é tão comum ouvirmos relatos referentes às provas de amor exigidas pelos rapazes, ao que as mulheres por vezes ainda cedem.

De acordo com Foucault, o poder não é apenas coercitivo, negativo, repressivo, mas também produtivo, positivo. Ele produz corpos masculinos e femininos, posturas, gestos, comportamentos e atitudes concebidas como adequadas, sendo que, os gêneros se fabricam nas e pelas relações de poder.

---

<sup>31</sup> Utilizarei a abreviação (Dep.Ent.) para me referir aos depoimentos obtidos através da técnica de entrevista individual.

## Traição

A traição nos relacionamentos é percebida pelos participantes desta pesquisa de diferentes formas, para uns a traição é imperdoável e insuperável, tendo um dos jovens se referido da seguinte maneira “*se eu souber que ela [namorada] esteve com outra pessoa, eu não posso querer mais nada com ela para mim, é como alguém tirar alguma parte de mim*” (Dep. GF). Nesta fala apesar de estar presente o velho e conhecido sentimento de ciúme que tem atravessado os relacionamentos amorosos desde o amor cortês (Século V ao XV), fica também destacado neste posicionamento um sentimento de posse e propriedade, demarcando que a fidelidade é para muitos não só esperada como exigida da parte da mulher. Outros consideram a traição como um problema frente à epidemia do HIV/SIDA. A primeira associação que alguns fazem é que quem se relaciona com uma outra pessoa que não seja o/a namorado/a pode infectar-se com o HIV e conseqüentemente infectar o/a namorado/a. O problema maior da traição neste caso é o perigo da infecção. Possivelmente porque as campanhas de prevenção ao HIV/SIDA, apontam para a necessidade de se usar o preservativo nas relações sexuais ocasionais e extraconjugais.

É forte a representação que nos relacionamentos a traição da mulher é mais feia, segundo eles não é tão bom para o homem, mas, não é tão grave. “*É assim, um homem mulherengo até vira moda, agora uma mulher com mais do que um namorado, já sabemos, que todo o mundo vai interpretar como uma mulher da vida, uma prostituta*” (Dep. Ent.). O homem ter mais que uma mulher é até explicado, parece este ser um elemento a mais na diferença do que é “ser homem”. Deste modo, ele pode mostrar aos colegas, vizinhos e amigos que tem várias namoradas, constituindo-se este dado num motivo de orgulho. No entanto, quando a mulher tem mais do que um namorado é considerada mal educada, fingida, mau caráter e acusada de se relacionar com esses homens por interesse financeiro. Neste caso, segundo eles, estamos perante um caso de traição. Podendo se depreender que o termo traição só se aplica ao sexo feminino. As masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionais de

relações de poder, nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações de homens com outros homens (KIMMEL, 1998).

Alguns rapazes jovens, todavia, apontam ainda para uma possibilidade de reconciliação frente a uma traição, desde que a rapariga se disponha a pedir perdão e se comprometa a ficar na “*linha*” ou seja, a não repetir o feito. O pedido de perdão surge como uma estratégia para a reconciliação, conseguindo-se desta forma manter o casal unido. Pois “*se ela me ama de verdade, ia-me pedir perdão e se eu também amo de verdade, iríamos fazer as pazes (Dep. GF)*”. Para Jurandir Costa “o amor é uma crença emocional e, como toda a crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida” (COSTA, 1999, p. 12). Em nome do amor os casais se dispõem a quebrar dogmas como o da fidelidade, a transpor barreiras sociais e combater preconceitos. A mulher ser traída e perdoar não constitui novidade, mas o homem assumir publicamente (ele até pode ser traído, desde que ninguém fique sabendo) que foi traído sem revidar, reflete o momento de transitoriedade vivido por estes jovens.

### **Relações afetivo-sexuais**

A sexualidade é um tema que geralmente levanta algum desconforto ao ser abordado na família, fóruns públicos, e principalmente no meio escolar, uma vez que grande parte da sociedade, incluindo os/as professores/as em Moçambique compartilham da crença que a sexualidade é um assunto do foro privado e que deve ser tratada somente por pessoas do mesmo sexo.

Ao referir-me a sexualidade assumo que ela é histórica e social, o que significa dizer que ela se constrói ao longo da vida de um indivíduo e da história de uma sociedade e que está sujeita a mudanças. Para Louro (2000, p. 11), a sexualidade é aprendida e construída socialmente de muitos modos e “envolve rituais, linguagens,

fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”. Vivenciar a sexualidade subentende a existência de um corpo que por sua vez também não é natural, mas sim, produzido, significado e atravessado por diferentes discursos que produzem diferentes comportamentos e diferentes identidades sexuais e de gênero. Michel Foucault (2003), compreende a sexualidade como uma “invenção social”. A sexualidade é, portanto, produto de vários discursos sobre o sexo, discursos que regulam, que instauram saberes, que normalizam a “verdade” dos sexos.

A realidade dos/as jovens na sociedade moçambicana é muito diversificada e complexa considerando os aspectos culturais tradicionais, a influência da religião, da escola, da mídia, com especial destaque para a rádio e televisão, das Organizações Nacionais e Internacionais, de grupos activistas de jovens que se encontram um pouco por todo o país, acrescido de um fenómeno recente principalmente nas grandes cidades que é a formação de “gangues”<sup>32</sup>. Para Helen Jacson (2000), a influência da cultura e da religião no comportamento sexual é complexamente manifesta tanto a nível individual como em sociedade.

Se por um lado na escola, na família, na religião ainda circulam discursos conservadores referentes à sexualidade, as organizações nacionais e internacionais pautadas por políticas americanas e europeias apresentam um discurso que aposta na pluralidade e diversidade, sendo que a mídia tende a inovar sem romper com o culturalmente aceite. A título de exemplo, a televisão tem promovido debates com jovens onde se discutem temas referentes à sexualidade. No entanto, os temas em debate centram-se na prevenção da gravidez na adolescência e a das DTS/HIV/SIDA, ou seja, pautam-se por um carácter biológico.

As relações afetivas, amorosas e sexuais que se estabelecem entre os/as jovens em Moçambique, são geralmente heterossexuais, constituindo-se estas, como uma das características mais evidentes da masculinidade. O período da juventude inscreve-se

---

<sup>32</sup> Grupo de jovens do sexo masculino e feminino que se auto- identificam com um nome próprio, encontram-se regularmente e tendem a fazer programas conjuntamente.

em distintas sociabilidades, nas quais o peso das relações do grupo doméstico varia consoante se trate de rapazes ou raparigas. Uma rapariga faz-se mulher em casa, um rapaz faz-se homem na rua. Evidencia-se cada vez mais entre os rapazes, um progressivo afastamento do grupo doméstico como lugar de sociabilidade e de relacionamento em preferência de relações com os seus pares em idade. Os grupos de amigos, diferentes na sua composição, passam a preencher mais tempo na vida de cada um, particularmente nos períodos dedicados ao lazer, estabelecendo-se um contexto de relação no qual a sexualidade individual é aprendida, debatida e valorizada, principalmente quando relacionada ao desempenho sexual.

As gerações mais novas, urbanas e escolarizadas romperam com um modelo de socialização que as orientava segundo o grupo etário e o estatuto familiar, desenvolvendo novas estratégias do exercício do poder masculino, em que novos meios de pertença nos grupos de amigos, substituíram o lugar reservado nas sociedades camponesas à rede de parentes. O comportamento homossexual e bissexual é pouco abordado e documentado, quer nos grupos de jovens bem como na população em geral. No entanto, é reportado entre os mineiros que emigram para as minas de ouro da África do Sul<sup>33</sup> e entre os detidos nas prisões. Talvez se possa afirmar que a homossexualidade masculina vem passando por um processo de ‘aceitação tácita’, “como alternativa viável quando os homens se encontram em situações de confinamento, em ambientes estritamente masculinos como quartéis, presídios, seminários, esporte profissional, etc.” (SEFFNER, 2003, p. 44).

A conversa sobre sexualidade com os/as filhos/as, que para alguns seria um tabu na cultura moçambicana, hoje, no entanto, o panorama vem se configurando de maneira diversificada e ampliando-se as interações entre pais e filhos/as em debates sobre sexualidade, o que pode estar relacionado a uma lógica de prevenção, quer da

---

<sup>33</sup> Murray e Roscoe (1998), desenvolveram uma pesquisa sobre a homossexualidade em África, na qual reportam que entre os mineiros Thonga do Sul de Moçambique práticas homossexuais eram comuns. Homens mais velhos e com algumas posses financeiras escolhiam um “nkhonsthana” um rapaz jovem que passava a desempenhar o papel de “esposa”. Cabia a este jovem realizar os trabalhos domésticos como ir buscar água, lavar a roupa, cozinhar, para além de satisfazer sexualmente o seu “marido”. Segundo esses autores, por vezes, o marido realizava uma festa de

gravidez juvenil, quer por conta da prevenção às DTS/HIV/SIDA, preocupação premente na nossa sociedade. Outros familiares como tios/tias, primos/primas e irmãos/irmãs, aparecem igualmente na lista das pessoas com quem estes/as jovens conversam sobre sexualidade. Apesar de em menor menção, a escola surge como um espaço onde questões sobre prevenção têm sido abordadas através de palestras, teatro, e por vezes amostra de filmes seguidos de debate. O tema da sexualidade na escola é frequentemente abordado a partir do prisma biológico.

A escola onde esta pesquisa se desenrolou “Escola Secundária Nelson Mandela” conta com o “Canto Esperança”. O “Canto Esperança” é o local onde se desenvolvem actividades educativas extracurriculares e contam com a participação de alunos e professores. Este espaço é composto por duas salas. A primeira (com acesso à porta de entrada), é ampla e bem equipada. Nela está disponível diverso material educativo referente à sexualidade em particular à prevenção do HIV/SIDA, incluindo vídeos. Esse material pode ser consultado pelos/as estudantes sempre que a sala esteja aberta, pois para o efeito é necessário que um activista<sup>34</sup> esteja de plantão. Integra igualmente o canto, uma sala menor com uma mesa e 3 cadeiras, denominada “canto de aconselhamento” onde o activista de plantão recebe os/as colegas que desejam conversar e/ou tirar dúvidas sobre estes temas. Para além destas actividades, estes/estas estudantes “activistas” promovem palestras nas salas de aulas, dinamizam grupos de dança e teatro em datas comemorativas com o apoio da direcção da escola onde o tema principal é o da prevenção. Apesar de professores e professoras também integrem este grupo de activistas, eles/elas geralmente assumem tarefas de coordenação.

No canto Esperança pode-se também encontrar material sobre conservação e preservação do meio ambiente. Esta é também uma das áreas em que várias organizações nacionais e estrangeiras têm dedicado atenção, embora tenha perdido

---

casamento para a sua “esposa” e o irmão mais velho da “esposa” recebia um pagamento em dinheiro, assemelhando-se a um ritual conhecido em Moçambique como a prática do lobolo.

<sup>34</sup> O termo activista é designado ao grupo de alunos/as e professores/as voluntários, formados em matéria de prevenção às DTS/ HIV/SIDA e outras, para promoverem e desenvolverem a educação por pares.

algum espaço por conta da presença do HIV/SIDA. Concordo com Marília Sposito (2000), quando diz que na contemporaneidade uma modalidade de experiência colectiva entre jovens que emerge com maior frequência, tem sido um certo associativismo em torno de acções voluntárias, comunitárias ou de solidariedade, compreendendo temas diversos como o combate à exclusão, meio ambiente, qualidade de vida e saúde (informação sobre consumo de drogas, DTS e SIDA), prática bastante divulgada entre os/as jovens tanto na escola como os fora da escola, em Moçambique. Tais programas para os/as jovens ajudam a combater o sexismo e desenvolvem o espírito de solidariedade, permitindo que eles/elas possam explorar novos caminhos de ser homem e mulher.

Passando à análise dos depoimentos dos jovens, no que se refere à iniciação sexual das moças, as interpretações se dão por lógica diferenciada àquela atribuída aos jovens do sexo masculino. A ausência de experiência sexual das raparigas é vista como uma estratégia de seleção para relacionamentos que entrelacem o sexual e o afetivo, em um plano de relação estável, do tipo matrimonial. O discurso que valoriza a mulher pela virgindade ainda permanece uma referência que norteia comportamentos e delimita atitudes. A virgindade das mulheres ainda é considerada como símbolo de pureza, honra e dignidade, apreciada e cobrada no estabelecimento do matrimónio.

*Há famílias que exigem que a menina seja virgem até casar.*

*Uma mulher virgem demonstra uma melhor educação.*

*A virgindade demonstra um bom comportamento nas mulheres, porque algumas adolescentes agora, só por terem 14 anos, acham que são crescidas e por influência das amigas e também de alguns programas sociais estragam as mulheres, pois as mulheres gostam mais de novelas e algumas passagens elas interpretam mal e fazem o que vêm nas novelas (Deps GF).*

*A virgindade é uma coisa muito boa, eu gostaria de ter uma moça só para mim, é..., virgem, somente para mim, porque se ela é virgem, soube conservar-se, se ela é virgem guardou-se, posso confiar nela.*

*Eu acho bom, mas, de um lado mau. Em todas as vertentes a virgindade, a pureza da mulher é boa. Eu por exemplo, eu nunca, nunca, na minha vida, me envolvi com uma virgem, tenho medo das virgens, eu tenho namoradas virgens, mas, nem sonho em fazer*

*sexo com elas, não sei porquê, eu tenho medo das virgens. Já imaginou se toda gente pensasse como eu? Tivesse medo das virgens? ..., Mas de uma ou outra maneira reduzia-se o índice do sexo (Deps. Ent.).*

Para estes jovens a virgindade é coisa de mulher, há uma associação directa entre o rompimento do hímen e a perda da virgindade. Este termo para eles não se aplica ao sexo masculino. Embora a virgindade (da mulher) seja um imperativo cultural defendido ainda por muitas famílias, encorajado pela moral pública e pelos ensinamentos religiosos, as práticas revelam que o comportamento sexual, em certos casos, incorpora algumas mudanças que, entretanto, ocorrem. Não obstante para alguns destes jovens a virgindade ainda se constitui como um marco na diferença dos gêneros na cultura moçambicana, ela vem sendo resignificada frente a novos discursos que promovem a igualdade e liberdade sexual para ambos os sexos.

*Hoje em dia podemos dizer que a virgindade está fora da moda.*

*Para mim não há diferença entre uma pessoa que já não é virgem, uma boa educação, uma boa caminhada, é o mais importante.*

*Está fora da moda sim, ... porque uma moça, agora virgem ... porque quando sabemos que essa moça é virgem, nós não nos metemos com ela, porque sabemos que vai nos dar muito mais trabalho e nós desprezamos muito mais. Assim, ela não tem força de continuar virgem.*

*Eu acho que está fora da moda, porque as meninas com os seus 15 anos dizem que dói muito. Também das miúdas que eu já passei, já não eram virgens. (Deps GF).*

*A virgindade está fora da moda hoje em dia. Se tu chegas e dizes que és virgem todo o mundo ri-se. Mas se o homem é consciente, sabendo que não quer nada com ela, ele não há-de fazer sexo com ela. É por isso que acho que não tenho feito sexo com essas virgens, porque o meu lance, não é de ficar para sempre com uma pessoa, o meu estilo de vida é outro, eu amo uma certa coisa e no lugar dessa coisa devia estar a mulher. Eu gosto de fazer o que eu mais gosto de fazer, ... gosto de estar sozinho, quero viver como um pássaro, sair, jogar bilhares com amigos, fazer o que mais gosto e aprecio (Dep. Ent.).*

As mudanças que vão ocorrendo no universo juvenil fazem-se sentir nestes depoimentos, sendo que para alguns, o mito da virgindade não interfere nas escolhas e

decisões afectivas. Para esses rapazes outros elementos são tomados em consideração no momento da escolha e da decisão, como por exemplo o da trajetória de vida. Todavia, ainda está presente nestas falas que o respeito, por vezes, não é em relação à mulher, mas sim em relação à virgindade da mulher, considerando que, quando a rapariga não é virgem o comportamento e atitude do rapaz se modifica. Alguns jovens declararam ter medo de se relacionar sexualmente com uma rapariga virgem, presumivelmente por considerarem que essas são “mulheres sérias” e que as não virgens são as mulheres com quem se pode “brincar”. Dizendo aparentemente coisas diferentes, estes jovens, acabam perpetuando o mesmo discurso, que a mulher virgem é a mulher séria, digna, honrada que merece ser respeitada, a mulher para casar, e que a mulher não virgem não é séria, mantendo-se deste modo, a virgindade como um património simbólico. Um outro elemento que se percebe no depoimento abaixo é o medo do “fracasso” na relação sexual, as mulheres mais experientes sexualmente representam uma ameaça. Ser questionado sobre o desempenho sexual, diminui o jovem na “escala” da masculinidade.

*É muito apreciado uma miúda virgem, porque tu quando pensas que a miúda é virgem, no meu caso eu sinto-me mais atraído, porque eu penso que há menos probabilidade de eu vir a contrair uma doença da parte dela para mim, não de mim para ela. E também no caso de falar de sexo, sexo mesmo, nós os homens gostamos mais de miúdas virgens porque não nos sentimos assustados. Dá-se o caso de uma menina que já não é virgem, eu, na primeira vez com uma miúda que penso que ela é mais experiente em relação a mim, eu fico com medo, receio. Dá-se o caso de depois de nós transarmos, eu fico a pensar, será que ela vai chamar-me de muito miúdo, não experiente na matéria, será que consegui satisfazer a ela? Mas, com uma virgem é diferente eu sinto-me seguro, sei qual vai ser a reacção dela (Dep.Ent.).*

A iniciativa sexual ainda é predominantemente masculina, embora conte com o consentimento feminino. Ao mesmo tempo, em que os jovens rapazes em algumas situações se comportam de forma machista, está também presente neles o sentimento de necessidade de igualdade, de respeito pela vontade da mulher. Relaciona-se a experiência sexual da mulher na juventude como forma de ela ficar desvalorizada, vulgarizada, sendo que, para o rapaz a prática sexual é incentivada e

cobrada. Na representação dos rapazes, o exercício da sexualidade com a parceira figura como um “ganho” de aprendizagem técnica e afirmação da virilidade.

*É o homem, porque praticamente nós os homens é que devemos avançar sempre em relação às mulheres no assunto da sexualidade, dizem que as mulheres são muito conservadas, elas conseguem ficar mais tempo sem transar que os homens, quem sente mais necessidade é o homem e a miúda por mais que sinta necessidade, não se sente à vontade, ela apenas limita-se a aliciar a chegar até lá, mas quem dá o passo é o homem. Geralmente quem sugere é o homem, ..., mas primeiro é preciso saber se ela concorda ou não, se ela está disposta ou não, se ela está preparada ou não. (Deps. Ent.)*

A relação entre “ser homem” e desempenho sexual está presente todo o tempo no discurso da masculinidade. Há uma forte pressão social para que a vida sexual dos rapazes aconteça o mais rápido possível, no que colaboram os amigos, irmãos mais velhos, primos e tios, a quem muitas vezes cabe a função de zelarem pelo desempenho sexual dos jovens. Desde cedo, os jovens aprendem e interiorizam que não devem recusar o convite para uma relação sexual. Para eles a recusa a uma relação sexual significa colocar em risco a própria masculinidade. Do mesmo modo, os homens, são instigados desde cedo a falar e valorizar o sexo, não como possibilidade de expressão de si mesmos, mas como maneira de reproduzir o modelo de comportamento para eles determinado.

*Se ele nega, a mulher começa a pensar muitas coisas, pode pensar que você não a ama, que não funciona.*

*Acho que não há nenhum homem que nega, se ela diz que eu quero, ele não pode negar (Deps. GF).*

A possibilidade de uma rapariga perceber esse jovem como um homem que “não funciona” ou seja, impotente amedronta estes jovens. É interessante perceber como em nenhum momento a recusa da relação sexual por parte do rapaz foi associada à possibilidade de uma escolha sexual diferente da heterossexual. “A heterossexualidade é concebida como ‘natural’ e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu

desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto” (LOURO, 2000, p.17). Contudo, quando perguntados directamente sobre o que pensavam e sabiam sobre a homossexualidade, geralmente quase todos tinham um caso para contar, de conhecido, vizinho, colega, professor, mas nada que lhes dissesse respeito, demarcando a diferença, acentuando que esta é uma questão do outro. “A diferença funciona, discursivamente, como uma espécie de fronteira, como o limite que separa o sujeito daquilo que ele não é ou daquilo que ele não pode/não deve ser” (LOURO, 2004, p.205).

Para estes jovens a homossexualidade quando referida<sup>35</sup> é unicamente associada ao sexo masculino, a palavra gay é por eles conhecida. A homossexualidade feminina para eles é praticamente inexistente, nenhum destes jovens a mencionou. O aparente desconhecimento pode significar que o fenómeno não devia existir ou que é proibido. Segundo Guacira Louro (2004), trata-se de pôr em questão o que é possível conhecer; como se vem a conhecer e principalmente como se vem a desconhecer alguma coisa; o que se suporta conhecer e o que se prefere ignorar. As questões de sexualidade são percebidas de forma desigual em relação aos gêneros, o que possivelmente torne ainda mais difícil a visibilidade de mulheres lésbicas.

Em relação à homossexualidade, verifica-se uma ausência de pesquisas em Moçambique, o que limita a abordagem do tema. No entanto, é possível perceber nos integrantes desta pesquisa uma tendência de representar a homossexualidade, como “desvio” e “doença”. Ainda que se trate de um fenómeno existente na sociedade, a homossexualidade é um tema invisível para esta sociedade. “Recusa de ver e ouvir; mas - e, sem dúvida, nisso está o ponto essencial - recusa que se refira àquilo mesmo que se fazia aparecer, cuja formulação se solicitava imperiosamente” (FOUCAULT, 2003, p. 55).

---

<sup>35</sup> Somente foram feitas menções à homossexualidade quando a pesquisadora formulou directamente a pergunta, se sabiam o que era homossexualidade e se conheciam algum homossexual.

No país não se conhece informação referente a movimentos homossexuais, nem a identidades homossexuais. A heterossexualidade é o discurso que circula e o único na sociedade moçambicana. Ela é vista como a única identidade, como a “norma”, a “verdadeira”, sufocando, descriminando e recriminando as demais identidades sexuais. Segundo Jeffrey Weeks:

Para que surjam identidades distintivas, colocando-se contra as normas heterossexuais de nossa cultura, algo mais do que atividade sexual ou mesmo desejo homossexual é necessário: a possibilidade de algum tipo de espaço social e apoio social ou rede que dê sentido às necessidades individuais (WEEKS, 2000, p. 69).

Como me referi anteriormente, outras formas de exercer a sexualidade em Moçambique que não a heterossexual não são aceites e discutidas na sociedade. O preconceito e a descriminação inibem e sufocam a possibilidade de outras identidades sexuais emergirem e se constituírem, gerando atitudes homofóbicas que para alguns são a expressão de um desejo secreto, saído do inconsciente e convertido em ódio (CONNELL, 2003). A cultura moçambicana investe na construção da heterossexualidade como a identidade de referência e a partir dela julgam-se as demais.

A virilidade é um atributo importante numa representação hegemônica de masculinidade, não podendo ser questionada, havendo a necessidade de ser reconfirmada constantemente. O discurso sobre a virilidade, marca da “atividade sexual”, é um dispositivo de controle sobre o que é ser homem na cultura moçambicana. Persiste ainda, a cobrança de uma actividade sexual intensa por parte do sexo masculino o que concorre para uma “heterossexualidade compulsiva”, que se expressa pela necessidade de ter muitas parceiras e práticas sexuais. Para Andréa Leal e Daniela Knauth (2006):

No caso dos homens, a sexualidade aparece despida de expectativas românticas; a sexualidade masculina pertence ao domínio da corporalidade ou figura na representada subalternidade dos sentimentos aos desígnios e pulsões

corporais - do sexo. O corpo masculino age de acordo com aquilo que é percebido socialmente legítimo e constitutivo da própria identidade masculina (LEAL e KNAUTH, p. 1377).

Apesar disso a realidade tem demonstrado mudanças no comportamento sexual de alguns destes jovens, sem que isso afecte a construção da masculinidade. Estes consideram que o rapaz pode-se recusar a ter uma relação sexual caso não a deseje e não se sinta preparado *não é sempre que a moça quando quer que o homem tem de aceitar (Dep. Ent.)*. A preocupação com a vontade da parceira e o desejo que ela participe activamente na relação sexual, inclusive tomando a iniciativa para o acto sexual são também indicadores de mudança. Um dos entrevistados quando perguntado sobre quem deveria sugerir a relação sexual comentou:

*Os dois. Os dois, têm de ter uma participação, têm que ter uma participação quase que igual, porque, néh... se for só o homem a ... néh, a ... ir atrás da relação sexual em si, fica meio maçante, isso na minha opinião. Porque, isso, gera um desconforto em mim, eu sempre vou e a pessoa tem que também demonstrar algum interesse, o facto de ir atrás da relação sexual mostra algum interesse. Quando é só feito de uma parte, então .... (Dep. Ent.)*

Para este jovem o facto de a mulher, também tomar a iniciativa, diminui-lhe incertezas e dúvidas em relação ao “amor”. A manifestação do desejo da mulher proporciona-lhe segurança em relação aos sentimentos dela para com ele. A ruptura com uma cultura essencialmente machista, é também, uma preocupação neste segmento jovem da sociedade que já começou a dar alguns passos, configurando-se deste modo, como um campo de aprendizagem constante. Apesar disso, a expressão “*quase que igual*”, denota a necessidade que os rapazes têm de se colocar num patamar diferenciado em relação às raparigas.

## Casamento

Em todas as falas dos jovens construir a sua própria família, casar-se, aparece como uma etapa importante a ser atingida, um pré-requisito para uma autonomia como adulto. Após o casamento os rapazes “podem reproduzir uma descendência legitimamente sua, e apenas pela produção desta podem adquirir uma postura independente, como chefes de uma unidade doméstica autônoma e socialmente reconhecida, ainda que júnior na hierarquia de sua família ou linhagem” (LOFORTE, 2003, p. 211). O sentido de família é muito forte e está presente o tempo todo nas falas destes jovens, nenhum deles apontou para a possibilidade de após concluir a sua formação, conseguir um emprego, ir morar sozinho. Todos querem e parece de imediato, com uma certa urgência, constituir família. Percebe-se, portanto, uma predisposição para o movimento de deixar uma família para constituir outra, possivelmente, uma família substituta. Constituir família, não implica necessariamente na celebração do matrimônio oficial, o que, no caso de Moçambique, seria na Conservatória do Registro Civil. Esta união pode ser selada de forma tradicional ou religiosa. Um estudo realizado por Sacramento (1999), no distrito do Ile na província da Zambézia em 1998, por um período de 5 anos, indicou que, para uma média de 1000 casamentos realizados segundo os usos e costumes, seguidos de casamento religioso, somente 2 casamentos tinham acontecido no registro civil.

Dada a importância imputada ao casamento, quem não se casa, é considerado malandro/a. Contudo, convém notar que a valorização negativa do estatuto de solteiro/a, varia em função dos sexos. Em geral um homem celibatário, é considerado com problemas sexuais (impotente), ou com falta de sorte. Uma mulher que se mantenha solteira, é considerada malandra.

Para além de ter uma esposa e uma casa, emancipando-se dos pais, todos estes jovens se mostraram interessados em serem pais, para eles “*um homem só se realiza completamente quando também é pai*” (Dep. GF). Ter filhos é sempre um tesouro, um

prestígio, uma segurança, um bem estar e uma honra para o nome da família. Michelle Perrot diz que:

A paternidade, para os proletários, constitui simultaneamente a forma mais elementar de sobrevivência, patrimônio e honra. A classe operária se apropria da paternidade/virilidade, essa clássica visão da honra masculina oriunda das sociedades rurais tradicionais, e sobre ela edifica parte de sua identidade” (PERROT, 1991, p. 129).

Desde cedo estes jovens preocupam-se com a noção de que “o homem precisa deixar a sua marca no mundo”, projetam uma preocupação e responsabilidade com a sobrevivência material dos futuros filhos. Contudo, essa “marca” só é completa quando se tem um filho do sexo masculino, para que dessa forma se dê continuidade ao nome da família; perpetuar o nome da família é uma tarefa que só é possível através de um filho varão.

A maioria dos jovens participantes desta pesquisa projecta ter entre quatro a seis filhos. Ter filhos e principalmente muitos filhos na sociedade tradicional eleva o estatuto da mulher, uma vez que a sexualidade no casamento tem em vista a reprodução<sup>36</sup>, sendo que para o homem ter muitos filhos é sinónimo de virilidade, de prosperidade conquistando desse modo prestígio e autoridade entre os demais homens. Os filhos devem ser gerados dentro de certa ética social, sendo importante a garantia, a gestão e a manutenção da casa por parte do progenitor. Aos olhos de todos, a imagem da ordem do lar e de um bom governo da família devem estar presentes.

Num estudo feito em 1996, no bairro de Laulane, zona periférica da cidade de Maputo, Ana Loforte (2003), mostrou que mulheres na faixa etária dos 20 a 30 anos, com maior índice de escolaridade e com ocupações fora do lar, desejam entre 2 a 3 filhos. No entanto, a representação de paternidade destes jovens escolarizados do sexo

---

<sup>36</sup> Uma mulher estéril na sociedade tradicional não é considerada uma verdadeira mulher, pois a identidade feminina está intimamente confinada à sua função de mãe.

masculino, assenta numa família numerosa, o que contrasta com a actual tendência das zonas urbanizadas, que tendem a um menor número de filhos/as.

A tentativa de manter a mulher dentro da esfera doméstica conhece diferentes contornos e a maternidade neste sentido pode ser compreendida dentro da política da masculinidade (CONNELL, 1995) em que grupos de homens lutam por domínio através da definição social da masculinidade. Por outro lado, o facto de a maternidade ser vista como da responsabilidade exclusiva da mulher (gravidez, parto, amamentação e cuidados), encoraja estes jovens a almejamem por famílias numerosas, o que corresponde a estrutura familiar tradicional, abandonada por parte dos/as jovens, principalmente citadino/as e escolarizados/as. Para Carin Klein:

A maternidade está submetida a regras, restrições e convenções próprias de uma sociedade. A maternidade pode configurar-se como um construto a partir do qual se produzem e se organizam determinadas práticas sociais que podem tanto apresentar aspectos de permanência quanto de ruptura e novidade (KLEIN, 2005, p.7).

Quando os integrantes desta pesquisa se referem à “mulher ideal” para namorada ou esposa são recorrentes expressões como, a mulher “tem de ser limpa”, “tem de me respeitar”, não pode ser “desleixada”, sendo normalmente acrescidas de adjetivos como deve ser “cuidadosa”, “arrumada” e “dedicada”, configurando assim a imagem de uma esposa ideal, que deve satisfazer todas as vontades e caprichos masculinos. Um jovem referiu-se da seguinte maneira:

*Eh..., a mulher tem de ter formação académica, ser bonita, elegante, e tudo mais. Agora o passado dela, tem de ser estável, não pode ser exagerado, não pode ser uma mulher, que teve uma juventude como a minha, com muitos namorados....(Dep.GF).*

A desigualdade de gêneros está “instalada na intimidade da vida cotidiana dos indivíduos, actuando de forma constante e sendo muitas vezes dificilmente nomeada como violenta, uma vez que se apresenta quase “naturalizada” (SEFFNER, 2004, p. 88). A lista de qualidades esperadas e exigidas às mulheres pelos rapazes, reflete a

dominação exercida por estes. Ainda persiste o discurso que naturaliza alguns comportamentos masculinos e condena os mesmos quando efetuados pelas mulheres. Parece que a situação actual da “mulher ideal”, é a que junta as funções da mãe cuidadora à mulher liberada do século XXI, ou seja, estes jovens idealizam para suas companheiras “super mulheres”.

## Trabalho

“Homem que é homem” tem que trabalhar, não existe homem “vagabundo” ou “preguiçoso”. Este quando não possui um emprego fixo, formal, tem que procurar “biscates”<sup>37</sup>. O respeito que um homem adquire vem principalmente do facto dele ter um trabalho que lhe dê condições de sustentar a família. Quanto mais condições um homem pode proporcionar a sua família, mais prestígio e respeito ele adquire entre os seus pares e na comunidade. Um trabalho estável e bem remunerado, confere ao homem poder e um dos garantes de sua masculinidade, para além de uma ampla aceitação e várias possibilidades de transitar por diferentes ambientes de homens e mulheres. Segundo Nolasco (1995), o trabalho define a primeira marca da masculinidade, na medida em que, no plano social, não só valoriza a saída da própria família, como também o trabalho confere ao homem um status de independência que se limita ao campo financeiro.

*O meu irmão tem todas as características que um homem precisa de ter, ele é muito trabalhador, leva a vida com muita seriedade.*

*Homem tem de gostar de trabalhar muito, não ser preguiçoso.*

*O tio é trabalhador, tem uma grande família, tem uma grande responsabilidade, ajuda a nós que somos filhos das irmãs que faleceram e cuida dos sobrinhos.*

*O meu pai é um homem trabalhador, trabalha duro, para sustentar a nossa família (Deps. GF).*

---

<sup>37</sup> Biscates- é o termo utilizado em Moçambique para se referir a um trabalho esporádico.

Trabalhar assalariadamente é visto como a possibilidade de criar um mundo melhor, uma vida com mais conforto e maiores possibilidades de consumo. Prevalece ainda a percepção, segundo a qual “o homem de verdade” deve ser trabalhador, o provedor de teto e alimento. Há uma relação directa entre ser homem, trabalhar e ser capaz de suprir as necessidades materiais da família. Pode-se pensar que esta representação em Moçambique assenta em dois pressupostos: um que é o Código Civil moçambicano que esteve vigente até 25 de Agosto de 2004 que determinava que os homens eram os “chefes de família”<sup>38</sup> e as esposas ocupavam o quarto lugar na linha de herança<sup>39</sup>. O código civil moçambicano ao determinar que o homem era o chefe da família deveu-se à influência do Direito Canônico que prevê plenos poderes para os homens. O outro pressuposto tem como base o direito consuetudinário<sup>40</sup> que atribui maiores poderes ao homem. Assim, ambos os poderes o legislativo e o tradicional, convergiram para reforçar o machismo na sociedade. Com a homologação da nova lei da família (lei/10/2004) adequou-se a legislação moçambicana à constituição de Moçambique que prevê deveres recíprocos entre os cônjuges baseados no respeito, confiança, solidariedade, assistência, coabitação e fidelidade.

A falta de trabalho verificado no país surge como uma preocupação para os participantes da pesquisa, uma vez que sem o qual, o jovem vê-se impossibilitado de constituir e manter a tão almejada família. Para Sandra Unbehaum et al (2005) o trabalho ganha ainda sentido como valor moral pela dignidade incorporada e pela possibilidade de através dele o indivíduo não se sujeitar à ociosidade e à criminalidade. Assim sendo, por vezes e não raras vezes, esse trabalho não acontece e outros recursos são acionados de forma a dignificarem a figura masculina, como o respeito, a honestidade, a seriedade, o cuidado e a humildade são colocadas em destaque.

*O meu pai, é um homem honesto, respeitado na zona, ajuda não só em casa, mas, quem sofre na zona, que está a passar uma dificuldade ...*

---

<sup>38</sup> Artigo 1674 (Poder marital) – “o marido é o chefe da família, competindo-lhe nessa qualidade representá-la e decidir em todos os actos da vida conjugal comum...”.

<sup>39</sup> Artigo 2157 (herdeiros legitimários) – “São herdeiros legitimários os descendentes (filhos) e os ascendentes (pais)...”. O Cônjuge não era herdeiro legitimário.

*O meu tio é respeitado, humilde, sabe conviver com as pessoas ...  
O meu avô, é respeitado e respeita os outros ... (Deps. GF).*

Na impossibilidade de o homem conseguir um trabalho, torna-se importante accionar outros recursos que permitam manter a imagem masculina, como referência aos olhos da família e dos demais. Se este não for “digno do respeito” passará a fazer parte do grupo dos “preguiçosos”, “vagabundos”, ou seja, será desqualificado na família e na sociedade. Em contrapartida, se ele se esmerar potencializando outros atributos como da sensibilidade (que de certo modo, culturalmente seriam atributos femininos), será digno de alguma “piedade”, dos demais e, nesse caso, será visto como mais uma vítima do desemprego.

Segundo a análise da produção das masculinidades, Connell (1997) identifica uma masculinidade hegemônica detentora de poder, recursos e prestígio. No entanto, só alguns homens pertencem a esse grupo. Um número significativo de homens enquadram-se naquilo que se designa por masculinidade subordinada, a qual se posiciona hierarquicamente com menos poder em relação aos homens com emprego, no entanto, não completamente destituída desse poder, porque abaixo desses homens desempregados, ainda estariam os “vagabundos”, os “preguiçosos” e outros passíveis de serem desqualificados bem como algumas mulheres.

O trabalho feminino fora de casa é visto por estes jovens como necessário e importante, sem que isso as liberte e dispense dos cuidados com a casa, as crianças e o marido. Contudo, faz parte da rotina de muitos destes jovens, trabalhos domésticos, dentre eles: lavar e passar a roupa, cuidar da louça, cozinhar e arrumar a casa. Curiosamente, apesar destes jovens na posição actual sentirem a necessidade de participar com o único meio de que dispõem - a sua força de trabalho - no grupo familiar em que estão inseridos (tios, irmãos, avós ou um dos progenitores), não é o que esperam fazer quando tiverem constituído as suas próprias famílias. Isto percebe-se

---

<sup>40</sup> A título de exemplo quando o marido morre na zona Sul do país todos os bens (propriedade, casa, mobílias) incluindo os filhos pertencem à família do marido.

nos seus depoimentos, nos quais destacam, que pretendem para suas esposas, mulheres, que se ocupem dos afazeres domésticos e da família.

A realização de trabalhos domésticos no universo masculino é encarada como uma etapa da vida a ser ultrapassada, assim que estes possam participar financeiramente nas despesas do agregado familiar. Para o universo masculino, nesse entender, quem traz dinheiro para casa, desde que não seja a mulher está isento de trabalhos domésticos, considerados como trabalhos menores, por isso, adequados para serem realizados por crianças (rapazes e raparigas) e pelas mulheres. Ao homem, quando chega a casa, depois de uma jornada de trabalho, é admissível e esperado que ele necessite de descansar, agora, a esposa, ainda que chegue, ao mesmo tempo, ou até depois dele, tem que cuidar dos “seus” afazeres. As representações que os jovens reproduzem de trabalho assentam nas suas vivências familiares.

## **5.2 – REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADE E VULNERABILIDADE AO HIV/SIDA**

Neste capítulo vou procurar estabelecer as relações entre os modos de construção das masculinidades em Moçambique e a vulnerabilidade ao HIV/SIDA. Com efeito, começarei por apresentar a importância e magnitude da epidemia do SIDA em Moçambique e as razões que me levaram a privilegiar esta conexão, entre os modos de construção da masculinidade, frente a esta nova e desafiadora realidade de saúde, a da epidemia do SIDA.

A África Sub-Sahariana é a região do mundo mais afectada pela epidemia do HIV/SIDA. Ela alberga mais de 70% dos jovens que vivem com HIV/SIDA e 90% dos órfãos do SIDA em todo o mundo. Um número estimado em 10.5 milhões de pessoas, com idades entre 15 e 24 anos, vive com SIDA e mais da metade das novas infecções ocorrem entre jovens (PENCS, CNCS, 2004). Segundo o relatório Global sobre o Desenvolvimento Humano do PNUD de 2006, “a esperança de vida no país em 2004 reduziu para 41.6 anos o que sem dúvida, de entre outros factores, o HIV é responsável por uma cota significativa deste cenário” (Jornal Notícias, 14 de Novembro de 2006).

Em Moçambique, apesar das taxas de prevalência se situarem num patamar um pouco abaixo em relação aos países vizinhos da África Austral, a epidemia do HIV/SIDA, continua a crescer de maneira preocupante, atingindo todos os segmentos da população, mas principalmente os/as jovens por serem um grupo sexualmente activo e reprodutivo, são afectados/as directamente. Moçambique apresenta a décima primeira prevalência mais alta do mundo no valor de 17% (MISAU, 2004) e todos os países vizinhos fazem parte da lista dos dez mais afectados do mundo. Estudo realizado sobre o “Impacto Social e Demográfico do HIV/SIDA em Moçambique”, em 2004, revelou que existem no país cerca de 483.960 órfãos maternos, dos quais 298.099 (62%) foram devido ao SIDA. A tendência é de o número de órfãos aumentar, uma vez que, grande parte da população seropositiva do país ainda não apresenta

sintomas da doença. Das 500 novas infecções diárias no país, 300 ocorrem entre jovens no grupo etário dos 10 aos 24 anos.

No grupo etário dos 15 aos 19 anos, a prevalência do HIV está a aumentar rapidamente nos dois sexos, principalmente no feminino, que chega a ser aproximadamente o triplo da dos rapazes. Para esse facto, destacam-se como principais razões: as relações sexuais desprotegidas, em estreita relação com as questões sociais e culturais, que inibem as meninas de controlarem a sua própria sexualidade, os altos índices de analfabetismo, tabus e preconceitos associados à sexualidade, pobreza generalizada, sexo comercial juvenil, fragilidade dos sistemas de saúde convencional e tradicional, bem como fragilidade da resposta nacional Integrada. A Conferência Internacional do HIV/SIDA na Tailândia em 2004, destacou que o crescimento da epidemia entre mulheres, especialmente de baixa renda, com pouca escolaridade, entre outras razões, é determinada pela escassa percepção ou consciência masculina do fenómeno, bem como pela maneira como se constrói a identidade masculina que ainda usa o seu corpo como um instrumento de poder. Para além das mulheres apresentarem pouca possibilidade de negociação de suas práticas sexuais.

Segundo dados do estudo do impacto do HIV/SIDA, no sector da Educação, o sistema está a perder continuamente pessoal qualificado e experiente. As projeções mostram que num período de dez anos, entre 2000 - 2010 haverá uma perda de 17% de educadores/as. Estima-se também que cada um/uma deles/delas será improdutivo/a, por aproximadamente 18 meses que antecedem à sua morte (Ministério da Educação, 2001).

Desde o eclodir da epidemia, as taxas de infecção tem vindo a aumentar, apesar de diversos esforços estarem a ser feitos no sentido de travar a epidemia. O sector da Educação tem-se engajado nesta luta, contudo tem enfrentado algumas dificuldades, que entre outras razões prendem-se a questões culturais, tradicionais e morais. Um dos motivos sugere que desde o eclodir da epidemia do HIV/SIDA, passou-se a falar da

palavra sexo, sem que se falasse de sexualidade. Num recente estudo da Murriel Visser (2004), “Ensinando sobre HIV/SIDA” um dos professores numa escola rural em Mandlakazi (província de Gaza) disse:

Temos tentado abordar esta maldita doença com os nossos alunos. Mas o problema é que não temos formas de comunicar adequadamente com eles, não temos a terminologia correcta. Não podemos falar de assuntos relacionados com o sexo com eles, não é a nossa tradição (MURRIEL, 2004, p. 2).

O pronunciamento deste professor aflora a grande dificuldade que é falar sobre sexualidade num ambiente escolar ou em público, porque conforme ele afirma, este é um tema sobre o qual a tradição tem normas e regras, o que dificulta e compromete os trabalhos realizados tanto nas escolas como em programas extracurriculares com os jovens, bem como nas campanhas de prevenção e combate ao HIV/SIDA no geral. Acrescido de os/as professores/as não se sentirem preparados/as pedagogicamente para falarem sobre sexualidade, decorrente do facto, de conteúdos sobre sexualidade não terem integrado os currículos destes/destas professores/as nas suas formações. Situação que vem sendo corrigida através da integração de módulos sobre prevenção das DTS/ HIV/SIDA, nos currículos de formação de professores.

Luís Passador e Omar Thomaz (2006) analisam a epidemia do HIV em Moçambique, dentro de um contexto, no qual a existência e propagação de doenças como a malária, pneumonia, cólera e doenças infantis, afectam e ceifam vidas de grande número da população, sendo o SIDA assim, considerado como mais uma doença entre as outras.

De nada, ou quase nada, servem as campanhas que não levem em conta de que forma as pessoas interpretam aquilo que entra ou sai do corpo, de fluidos corporais – suor, sangue, sêmen – a profilaxias. É muito freqüente em Moçambique escutarmos que os indivíduos afirmam a inexistência do HIV/AIDS quando confrontados com narrativas hegemônicas sobre a doença: essa descrença não deve ser tratada como mera ignorância da população, mas antes

como a ineficácia do aparato propagandístico e pedagógico posto em marcha nos últimos anos (PASSADOR e THOMAZ, 2006, p. 274).

Para os autores, a percepção do SIDA em Moçambique está ligada também a explicações sobrenaturais, à acusações recíprocas de feitiçaria entre parentes, vizinhos e colegas de trabalho, compondo este um universo desconhecido e difícil de penetrar particularmente por ONG,s, estando estas bastante envolvidas no combate a epidemia do HIV/SIDA.

A doença antes da institucionalização da medicina foi considerada como algo sobrenatural, castigo dos deuses e/ou maldições, e algumas formas de tratamentos foram feitas através de rituais religiosos, bruxarias, principalmente em locais afastados das cidades. “O doente era vítima de algo que ele não provocou” (LAPLATINE, 1991, p. 227).

Ao mesmo tempo em que, os moçambicanos sabem da existência do SIDA, grande parte da população, ainda percebe o SIDA, não como doença, mas, como algo resultante do mau olhado, da inveja, da disputa, do ciúme, enfim, para cada caso, existe uma explicação sobrenatural, que repetida várias vezes, acaba produzindo efeitos de verdade. É através da doença, que o social inscreve, naquilo que há de mais individual e natural - o corpo - suas marcas.

Assim, se há uma dimensão biológica da doença, esta só se manifesta através de sua inscrição no social. A percepção da doença e de seus sinais, a explicação de suas causas e de seu sentido e a busca de sua cura, se dão a partir da ordem social e, mais especificamente, a partir de sistemas simbólicos determinados. (KNAUTH, 2001, p. 1).

A integração da componente social, na explicação do surgimento e desenvolvimento das doenças, ajuda-nos a compreender alguns dos mecanismos de atribuição dos significados dados às doenças que, por sua vez, vão contribuir para explicar como os indivíduos percebem as doenças e como lidam com elas. A resistência

dos indivíduos é um fenômeno relacionado com a representação social da doença, em geral, e particularmente ao HIV. A vergonha que o portador do HIV, muitas vezes, sente, é consequência de um sentimento causado por sensação de transgressão o que faz com que este/a se esconda da sociedade.

Ampliando a compreensão de saúde e doença, para além dos aspectos puramente biológicos, e percebendo as representações sociais destes fenômenos, o próprio conceito de saúde vem sendo modificado. A Organização Mundial da Saúde, em sua carta magna de 7 de Abril de 1948, propõe: “Saúde como o estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de afecção ou doença” (WHO, 1952). A VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em Brasília em 1986, apud Ligia Py et al (2004, p. 258) concretizou o conceito de saúde da seguinte forma: “Saúde é a resultante das condições de alimentação, habitação, renda, ambiente, trabalho, emprego, lazer, liberdade, acesso à posse de terra e acesso aos serviços de saúde; é assim antes de tudo, o resultado das formas de organização social”. Este conceito mostra-nos o quanto os recursos necessários na realização da vida diária (materiais e sociais) são determinantes na saúde dos indivíduos.

Para melhor definição e agilização da resposta governamental e não governamental, para questões de grande importância para a saúde pública, estão sendo implementadas políticas sectoriais, como é o caso da política de Saúde Sexual e Reprodutiva dos Adolescentes e Jovens, (recém elaborada pelo MISAU, em parceria com os diversos Ministérios); e o Plano Estratégico Nacional de Combate ao SIDA, implementado pelo Conselho Nacional de Combate ao SIDA juntamente com diversos sectores do governo e da sociedade civil. O Ministério da Educação é um dos ministérios que priorizou esta área e desenvolveu o seu Plano Estratégico de combate ao SIDA.

Os jovens de ambos os sexos constituem o principal grupo nos esforços de trabalhos de prevenção contra o HIV/SIDA no país. Especificamente para os rapazes e meninas jovens, o acesso aos serviços de atenção à saúde sexual e reprodutiva

aumentou nos últimos cinco anos no país. O Ministério da Saúde, em parceria com os Ministérios da Educação e da Juventude e Desporto e com organizações não governamentais nacionais e internacionais, vem implementando “cantos de aconselhamento” nas escolas e associações juvenis, onde se desenvolvem actividades de educação, informação, aconselhamento e disponibilização de preservativos. Os cantos de aconselhamento das escolas e das associações juvenis como é o caso do modelo do Programa Geração Biz<sup>41</sup>, trabalham em coordenação com a saúde e sempre que necessário os/as jovens são encaminhados/as para serviços específicos clínicos e de acompanhamento psicológico.

Para melhorar a resposta da epidemia do HIV/SIDA entre os/as jovens, o MISAU tem investido na instalação de Serviços Amigos de Adolescentes e Jovens (SAAJs), nos hospitais e postos de saúde. Actualmente o país conta com 75 (SAAJs) instalados, em todas as províncias. Estes serviços (SAAJs) dispõem de técnicos com habilidades para prestar informação, e atendimento no planeamento familiar, pré-natal e pós-parto, aconselhamento na área da sexualidade, diagnóstico e tratamento das DTSS e complicações do aborto, e em muitos deles, realiza-se aconselhamento e testagem voluntária ao HIV. De momento, somente o SAAJ do Hospital Central de Maputo, disponibiliza tratamento anti-retroviral para os/as jovens. Muitos jovens do sexo masculino percebem estes serviços como de mulheres o que dificulta a procura por parte destes. O facto de nos discursos de género, dum modo geral e do HIV/SIDA em particular os homens não aparecerem como objecto central nas políticas públicas, contribui com uma limitante no enfrentamento da epidemia.

Todos os jovens intervenientes desta pesquisa sentiram-se bastante à vontade para falar do HIV/SIDA, revelaram terem tido contacto com essa informação há

---

<sup>41</sup>O Programa Geração Biz é um programa de Saúde Sexual e Reprodutiva para adolescentes e jovens com base escolar e comunitária que se dedica a actividades de prevenção às DTSS/HIV/SIDA e gravidez na adolescência. Este programa tem um enfoque na estratégia de educação por pares. É um programa multisetorial que integra os Ministérios da Educação, da Saúde e da Juventude e Desportos. Sendo que os/as jovens da escola e da comunidade que precisem de um atendimento clínico são encaminhados/as para os SAAJs (Serviços Amigos dos Adolescentes e Jovens) que funcionam nos hospitais e centros de saúde do país. O programa Geração Biz, enquadra-se dentro de um programa mais vasto do país de Saúde Sexual e Reprodutiva.

bastante tempo (indicação confirmada pela maioria dos estudos realizados no país como do INJAD, IDS, CAPs, entre outros), através dos órgãos de informação, de palestras nos bairros ou na escola, cartazes afixados pela cidade, revistas, folhetos, GATV (Gabinete de Aconselhamento e Testagem Voluntária), de familiares ou mesmo na rua, como ilustra o depoimento deste jovem de 19 anos, que disse ter ouvido falar pela primeira vez de SIDA, ainda muito novo.

*Recordo-me muito bem, peguei pânico, diziam que era uma doença que destrói, naquele dia não dormi, comecei a imaginar muita coisa, até perguntei a minha mãe, eu não tenho essa doença que mata gente? A minha mãe não quis responder, eu continuei com aquele medo, até que fui esquecendo. Ouvi na rua, com um vizinho, que soube da novidade..., eu era miúdo, eu acho que tinha seis ou sete anos, eu comecei a ouvir isso há muito tempo. (Dep. Ent).*

Como se percebe neste depoimento, os primeiros anos do surgimento da doença foram registrados com tom de alarme e fatalidade, típicos desse momento (década de 80), característica do período “Sida Mata”, uma vez que pouco se sabia sobre a doença e os poucos conhecidos que contraíam o HIV terminavam em morte, daí o pavor que se tinha. Além disso, não estavam suficientemente esclarecidas as formas de transmissão e de prevenção, o que contribuía para um pânico total a volta desta doença. Todas as especulações e boatos eram rapidamente e facilmente aceites e propagados. É igualmente perceptível neste depoimento, o silêncio da mãe perante o questionamento do filho, o que mostra mais uma vez, a dificuldade de abordagem do tema no âmbito da cultura e da sociedade moçambicana.

Os rapazes participantes desta pesquisa, apesar de disporem de alguma informação sobre a doença, apresentam um leque bastante diversificado de compreensão e sentidos da mesma e atribuem-na significados diferentes. Durante o grupo focal foi levantada a questão: Em que medida o uso de saias curtas influencia na propagação do HIV? Perante esta colocação, as opiniões se dividiram, uma grande parte dos jovens argumentou, que o facto de as meninas usarem roupa curta facilitava no aumento dos índices de infecção, considerando que essa forma de vestir, contribuía

para estimular os rapazes para o acto sexual. Este posicionamento coloca os jovens do sexo masculino como sujeitos “seduzidos”, aparentemente isentos de vontades e desejos, competindo-lhes a réplica da “conquista compulsória”, como ilustram os depoimentos a seguir.

*Concordo que as saias curtas aumentam o HIV, porque, por exemplo, se eu sou um diretor, e a minha secretária usa saias curtas, e eu estou sentado, ela pode vir ao meu lado e eu não hei-de suportar, não hei-de agüentar, e depois sempre eu hei-de cobiçar e aí ..., vou estar com ela e eu nem sei, por onde ela anda, pode ter, ou não ter o HIV, e eu sem camisinha ..., e aí, é que as coisas começam a estragar-se..*

*Quando elas usam saias curtas, o patrão abusa. Hoje em dia, perante uma saia curta, não se pensa no preservativo.*

*Essas meninas prejudicam muito a sociedade ou o ambiente, porque nós os jovens, os homens, éh pá ..., cobiçamos, quando vemos saias curtas, cobiçamos, e quando conquistamos, as vezes tem HIV ou não tem, e aí, já não queremos saber e corremos o risco de sermos afetados (Deps. GF).*

A utilização do termo “cobiça” expressa e repetida nos dois depoimentos, tende a transformar o corpo da mulher em objecto, e, como tal, pode e deve ser adquirido e possuído a qualquer preço (incluo aqui a própria vida). A tentativa de controlar e decidir como, o que pode e/ou deve ou não a mulher vestir, desloca o problema da prevenção às DTS/HIV e da responsabilidade em relação à sexualidade para o vestuário da mulher. Para Stuart Hall, a transformação da mulher em objecto, a “substituição do todo pela parte, uma coisa - um objeto, um órgão, uma porção do corpo - no lugar de um sujeito é o efeito de uma prática representacional muito importante - o fetichismo” (HALL, 1997, p. 30).

A transferência da responsabilidade da sexualidade destes jovens rapazes aparece em diversos momentos imputada às raparigas. Diferentes argumentos vão na mesma linha de pensamento, em que se verifica a ausência da responsabilidade masculina “o problema de nós os homens quando vemos uma menina com saia curta ..., é que somos muito fracos, caímos na tentação ...” (Dep. GF). A falta de autocontrole sexual manifesto por estes jovens, coloca-os em situações de risco e bastante vulneráveis a

contrariem uma DTS ou o HIV. A respeito, Pedro de Oliveira (1998, p. 98), argumenta que: “No mundo masculino cria-se uma rede de vigilância onde os homens detêm poder sobre os outros homens, mas não sobre si próprios. E o papel masculino tem uma importância fundamental nesse processo”.

As justificativas que estes jovens encontram para apontar o uso de saias curtas como uma forma “de propagar o HIV”, denota que estes jovens se referem a relação sexual como um impulso, que não pode ser controlado, desligado do racional. Reiteram que à “sedução” exercida pela mulher compete ao homem manifestar o seu “desejo sexual”, o qual, não pode ser questionado, não pode ser posto em causa em nenhuma circunstância, tanto pelas mulheres como pelos homens, pois o contrário, a falta de interesse do homem, poderia simbolizar “frouxidão”, dentro da reconhecida retórica que “homem que é homem”, não nega “fogo”. Dessa forma, esse discurso envolve duas representações complementares: a da mulher como sujeito que usa roupas “provocantes”, e a do homem como alguém que, por conta da representação dominante de masculinidade, fica apanhado numa espécie de armadilha de onde só pode se sair bem se fizer sexo com a mulher.

No entanto, nem todos os jovens compartilham dessa representação, para alguns, o facto de as meninas usarem roupa curta pode ter outras motivações que não sejam necessariamente de atrair e “provocar” os homens, podendo ser por simplesmente gostarem, por sentirem-se bem desse jeito, ou por uma questão de moda, sem que com isso pretendam seduzir os homens e muito menos por interesses e motivações sexuais. Para estes jovens é importante que os rapazes independentemente de apreciarem ou não uma rapariga, desenvolvam o autocontrole, e aprendam a lidar com a sua sexualidade.

*É lógico que quando alguém usa saias curtas não é que está a espalhar o HIV por aí, porque quem cobiça, há-de sempre cobiçar, mas depois há-de ter de se controlar ... eu não acho que isso aumenta o bichinho.*

*Uma pessoa pode usar uma saia curta para refrescar ... (Deps. GF)*

Durante a construção dos dados, excetuando um dos jovens, os restantes declararam já terem iniciado a sua vida sexual, o que corrobora com os dados do INJAD (2001) e do IDS (2003) que indicam que a idade média da primeira relação sexual para os rapazes situa-se entre os 16 anos e 17 anos de idade, e das raparigas entre os 15 e 16 anos. É de destacar, no entanto, que todos os jovens participantes desta pesquisa não usaram o preservativo na sua primeira relação sexual, à excepção de um que declarou ter iniciado a relação sexual com a camisinha e tê-la retirado durante a relação, por esta estar-lhes a incomodar. O desconforto e a rejeição manifesta no uso da camisinha, aparece como um problema tanto dos rapazes como das raparigas *“no caso da minha namorada, ela diz que com o preservativo ela não sente prazer”* (Dep. GF).

Vários trabalhos como (INJAD, 2001; IDS, 2003; Loforte, 2003; e Karlyn, 2005), apontam que a principal via de transmissão do HIV em Moçambique é a heterossexual. Contudo, como me referi anteriormente, todos os integrantes desta pesquisa declararam não ter usado o preservativo na primeira relação sexual, cuja, aparece sempre como inesperada e não programada, como que o contrário retirasse a “magia” do momento. No entanto, este comportamento vai na contra mão do discurso de prevenção que estimula o uso do preservativo, inclusive, na primeira relação sexual. No entanto, este comportamento (o não uso do preservativo) pode ser compreendido dentro dum contexto social em que pouco se fala sobre sexualidade, principalmente quando se considera que esses/as jovens ainda não são sexualmente activos.

Percebe-se algum desconforto por parte de familiares e educadores e educadoras em falar sobre sexo, principalmente com os/as jovens de menor idade, sentindo-se estes/as como que estivessem abrindo as portas, ou seja, antecipando, acelerando e consentindo o início da vida sexual. O mesmo acontece entre os pares (namorado/namorada) que pouco falam sobre o acto sexual, antes da sua primeira relação sexual. A inexperiência e dificuldades em abordar o assunto, inerente a muitos jovens, dificultam o uso do preservativo e conseqüentemente os/as jovens tornam-se

mais vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis e a uma gravidez não planejada.

No entanto, pode-se registrar um dado encorajador no comportamento dos jovens integrantes desta pesquisa que revelaram ter usado o preservativo nos últimos seis meses à exceção de um deles. Esta mudança talvez se deva a uma aprendizagem resultante dos programas de prevenção ao HIV realizados na mídia, nas escolas, nos bairros e outros locais, bem como de alguma experiência por eles adquirida desde a primeira relação sexual desprotegida. Apesar disso, o uso do preservativo masculino<sup>42</sup> entre os jovens é inconsistente, ou seja, este, não está incorporado em suas vidas, como atestam os seguintes depoimentos.

*Sou mulherengo, mas, sou fiel. Eu tinha uma só que transava com ela, havia aquela uma e outra que apareciam assim, eventualmente, casos, então nesses casos, eu recordo-me de ter usado sim. Mas, com a minha namorada, eu não vou mentir, nós chegamos a um pacto, ela usava a pílula e fazíamos sexo sem camisinha (Dep. Ent).*

O depoimento deste jovem nos aflora a complexa realidade vivida por eles, no campo da sexualidade. Ele começa fazendo uma afirmação paradoxal: ele é ao mesmo tempo mulherengo o que significa ter várias mulheres, podendo ser elas denominadas como namoradas, amigas, pitas ou ainda outras revestidas de diferentes nomenclaturas; e ao mesmo tempo diz ser fiel, o que para muitos subentende uma relação monogâmica sem outras parceiras, o que não é este o caso. Nesse entender naturalizou-se que a fidelidade masculina pressupõe que a namorada não é a única parceira sexual. Para tal, desde que usem a camisinha com as outras parceiras, percebem esse comportamento como respeitoso em relação à namorada.

Atrelada à razão para o não uso do preservativo aparece também a confiança que tem marcado o discurso do namoro, destes e muitos outros jovens. O amor e a confiança na parceira jogam um papel importante na decisão dos/das jovens pelo uso

---

<sup>42</sup> Destaco que ao falar de preservativo é o masculino porque o feminino não é de distribuição gratuita, é bastante caro e desconhecido por maior parte da população.

ou não do preservativo. O namoro é considerado como uma relação estável, onde existe amor, diálogo, companheirismo, afectividade emocional, confiança, fidelidade, e conta ainda, muitas vezes com o consentimento familiar, o que torna o rapaz e a rapariga pessoas próximas e, por conseguinte, passíveis de serem integrados às famílias. Esta proximidade estabelecida permite a eliminação de algumas barreiras no relacionamento e neste caso – do uso do preservativo.

Ainda nesse depoimento esse jovem afirma que com a namorada, aqui colocada como a preferencial, a escolhida para uma relação mais estável, possivelmente para o casamento, eles acordaram em não usar o preservativo, uma vez que ela usa a pílula. Outros jovens utilizaram a mesma justificação para o não uso do preservativo.

*Como os meus colegas dizem, para prevenir a gravidez, eu estava para dizer, que a minha namorada usa pílula.*

*Neste nível que estamos, é bom usar o preservativo, porque podemos prevenir a gravidez inesperada, eu não trabalho, ela não trabalha, ainda estamos a estudar, isso vai empatar a nossa vida (Deps. GF).*

A gravidez ainda aparece como preocupação importante para estes jovens. Apesar da proporção que a epidemia apresenta, muitos jovens ainda apontam como primeira razão para o uso do preservativo a prevenção da gravidez, aparecendo as doenças sexualmente transmissíveis incluindo o HIV, em segundo plano. Possivelmente porque a gravidez tem uma conseqüência imediata, o nascimento de um novo ser após nove meses de gestação, que passa a precisar de cuidados e recursos, modificando desse modo a vida dos jovens. Um outro elemento que não deve ser menosprezado nesta compreensão, decorre do facto de o HIV ser assintomático por um longo período, o que ajuda no “relaxamento” à prevenção. Para além de que paira a possibilidade de se ambos não estiverem infectados estarem a salvo dessa enfermidade. No entanto, Jeffrey Weeks (2000) vai mais longe, quando afirma que:

*Além disso, ao mesmo tempo, ele não afeta todas as pessoas nessas categorias, nem mesmo necessariamente os/as parceiros/as infectados com o HIV. Contrair o HIV é, em parte, uma questão de acaso, mesmo para aquelas*

peças que estão envolvidas no que agora chamamos de “atividade de risco” (WEEKS, 2000, p. 37).

Dessa forma se percebe como são complexas as relações entre saúde sexual e saúde reprodutiva, sendo que esta última pode ser vista como a mais importante, e uma vez que esteja resolvida, via pílula, o preservativo é abandonado.

*O problema de nós os jovens, é que há jovens ignorantes, e não acreditam nas informações que passam aí sobre o HIV/SIDA. Só por estarem a namorar com uma moça durante dois meses, pensam que é uma moça saudável, e que não tem essas doenças e caem nesse tipo de tentações (Dep.GF).*

Se considerarmos que estes jovens rapazes e raparigas podem ter tido outros/as namorados e namoradas e que possivelmente poderão terminar esses relacionamentos e iniciar outros, e assim por diante, eles e elas acabam estando expostos/as ao risco de contrair uma DTS ou o HIV. Este comportamento não pode ser compreendido como resultante de ignorância, mas, da dificuldade que é fazer campanhas de prevenção que enderecem as preocupações dos jovens moçambicanos.

Os rapazes tendem a colocar a responsabilidade de se infectarem ou não na mão das raparigas, estes quando perguntados se corriam algum risco de se infectarem, mais do que um dos participantes indicou como uma possibilidade de contrair o HIV poder ser através da namorada, no entanto, vários deles declararam terem tido outras relações sexuais sem ser com as namoradas e nem sempre com preservativo.

*Não, não corro nenhum risco, se a minha namorada for fiel a mim. Mas posso infectar-me se a minha namorada estiver infectada.*

*Sim, no caso de a minha namorada me trair.*

*Não, porque sou fiel à minha namorada (Deps Ent.).*

Estes jovens acreditam na fidelidade das namoradas e entendem que as relações sexuais com as namoradas não contemplam nenhum risco, preferem ignorar que essas suas parceiras poderão ter tido outros parceiros, com quem podem ter tido o

mesmo comportamento e que eventualmente ainda terão novos relacionamentos pela frente. Por vezes parece que a transmissão do HIV só tem uma via, da rapariga para o rapaz. Existe uma representação muito forte de que a mulher é que propaga a doença, que ela é a responsável pela transmissão do vírus, tomando como exemplo o uso das saias curtas, sendo esta, uma estratégia que coloca a culpa, a responsabilidade da propagação e transmissão do HIV na mulher. Esquecendo-se estes, que eles também têm por vezes outras parceiras, no entanto, remetem a responsabilidade para a namorada, para a relação mais estável.

Por outro lado, a representação que a mulher é de um homem só, induz os jovens a um comportamento de risco. Enquanto os rapazes por vezes aumentam o número de namoradas, conseguindo assim mais prestígio entre os seus pares, as raparigas fazem o contrário como estratégia de longo prazo, tendo em vista o matrimónio. Alguns rapazes preferem moças mais recatadas, incluí-se neste pacote, moças pouco “namoradeiras”. Pode até parecer contraditório, mas, nesse entender cada jovem do sexo masculino considera a sua namorada diferente das demais, pois, como eles mesmos atestam em diversos momentos referindo-se às outras raparigas que não as suas namoradas “*hoje em dia as meninas têm muitos namorados*” (Dep. GF). Esta constatação só é válida quando se referem às outras raparigas, pois, quando se referem às suas namoradas, baixam a guarda e não usam o preservativo.

Ainda, quando se discutia se eles (os participantes da pesquisa) corriam algum risco de se infetarem com o vírus do SIDA, com muita empolgação foram feitas as seguintes afirmações:

*Não!!! Hum!..., corro risco, eu sou uma pessoa que apanho transporte todos os dias. Já imaginou! Se eventualmente acontece um acidente, se eu sofro um acidente ao lado de alguém infectado?.*

*Sim, todo o mundo corre e eu acho que eu corro, por isso também me previno. Por exemplo hoje em dia, eu já não corto o cabelo no barbeiro, porque não sei se ele esterilizou a máquina....*

*Sim, por corte de lâminas, agulhas e através de relações sexuais sem camisinha (Deps Ent.).*

Apesar de a relação sexual desprotegida com uma pessoa infectada ser a forma mais comum de transmissão do HIV em Moçambique, assim como, em outros países africanos, esta é a forma de transmissão menos mencionada pelos jovens quando se referem ao seu risco individual. De notar, que isto não significa que eles desconheçam esse facto, apenas o mencionam na generalidade, ou seja, se lhes for pedido que indiquem as formas de transmissão do HIV, certamente que a mencionarão. Por outro lado, as campanhas de prevenção no início da epidemia, enfatizaram dentre as formas de transmissão do HIV, devia-se evitar o uso de agulhas, lâminas e objectos cortantes contaminados, o que em certa medida vai de encontro às necessidades que os jovens têm de desviarem a sua responsabilidade de prevenção, (tendo em conta o comportamento) para um objecto, que pode ter sido utilizado como resultado de uma situação e necessidade específica, sendo que, deste modo, a responsabilidade pela infecção deixa de ser deles e passa a ser desse “objecto”.

Para estes jovens o risco de se infectarem e a responsabilidade pela propagação do HIV fica por conta de terceiros, podendo ser, as namoradas, o barbeiro, o dentista ou até mesmo pelo contacto com um possível passageiro infectado em caso de acidente rodoviário. A busca de explicações distantes e alheias a eles aparece como uma constante, nos depoimentos. Concordo com Cristiano Matsinhe quando diz que:

Acreditar que o HIV/SIDA é um problema dos outros também pode significar baixar a guarda em relação à adopção de medidas de prevenção porque, afinal, esse problema não faria parte das suas realidades, o que faz com a maior parte dos indivíduos não se imagine associada ao HIV/SIDA (MATSINHE, 2005, p. 145).

Retomando a discussão que aponta a rapariga e a mulher como responsáveis pela transmissão do HIV, uma conclusão óbvia seria que os rapazes elogiassem as raparigas que andam com o preservativo (direito ao prazer e direito à proteção), e insistem no seu uso. Entretanto, o que se verificou nas entrevistas e no grupo focal com os rapazes não foi bem isto, alguns atribuem significados depreciativos às

mulheres portadoras do preservativo e outros mais dispostos à mudança, isentos de preconceitos, compreendem a necessidade e o direito que as mulheres têm em relação à sua sexualidade.

*Eu acho muito bom, estão a prevenir-se, porque há que encontrar um homem que não quer usar o preservativo e ela vai insistir.*

*É uma boa forma de comportamento, porque nem sempre os homens levam preservativo quando querem fazer relações sexuais, assim a moça bem prevenida pode conseguir livrar-se das doenças de transmissão sexual.*

*Acho que estão à procura de qualquer coisa, são prostitutas (Deps. GF).*

*É feio, mas é certo, porque nós os jovens quando vemos uma miúda com preservativo, pensamos que ela é muito de transar...(Dep.Ent.).*

Enquanto para certos jovens, andar com preservativo é uma atitude que denota responsabilidade, sentido de proteção, de auto-estima e auto cuidado por parte da mulher, para outros esta prática é vista como manifestação de mulher de vida fácil, predisposta a fazer sexo com qualquer um, recaindo sobre ela uma desqualificação e desrespeito perante o grupo de convivência, sendo, por vezes, qualificada de prostituta. Preconceitos ainda presentes na sociedade, bem como comportamentos machistas, não ajudam as mulheres, nem aos homens a protegerem-se das doenças de transmissão sexual, do HIV ou mesmo da gravidez. Estes exemplos de comportamentos e atitudes, que entre outros, ocorrem entre os/as jovens, sugerem no quanto a percepção de risco varia de indivíduo para indivíduo, tornando-os/as mais ou menos vulneráveis a infecção pelo HIV/SIDA.

Segundo José Ayres et al 2003, a vulnerabilidade ao HIV depende de três fatores: da componente individual, da componente social e da componente programática. A componente individual depende da qualidade de informação do indivíduo, da capacidade que ele tem de processar essa mesma informação e do interesse e possibilidades efectivas que o indivíduo tem de transformar essas informações em práticas seguras. Enquanto que a vulnerabilidade social, depende do nível de acesso dos indivíduos aos meios de informação, escolarização, disponibilidade

de recursos materiais, possibilidade de enfrentar barreiras culturais e estar livre de violência ou poder defender-se dela. Sendo que a componente programática estabelece a relação entre a componente individual e social, considerando que a vulnerabilidade de cada indivíduo depende do grau de compromisso dos governos em estabelecer programas nacionais, regionais ou locais de prevenção ao HIV/SIDA e de monitorá-los de forma a otimizar os recursos disponíveis, fortalecendo os indivíduos frente a epidemia. Assim sendo, podemos resumir que “a vulnerabilidade de um grupo populacional à epidemia de HIV é definida pelo conjunto das características macropolíticas, econômicas e socioculturais que reforçam ou diluem o risco individual” (AYRES e FIGUEIREDO, 2002, p. 98).

Articulando a teoria da vulnerabilidade segundo os autores, à realidade destes jovens, algumas reflexões me ocorrem, a escola Nelson Mandela onde realizei a pesquisa desenvolve actividades com vista à prevenção do HIV e estabelece parcerias com outros programas, como é o caso do grupo Esperança, que dispõem de uma sala equipada para realizar actividades de educação, no âmbito da prevenção as DTS/HIV. Sem entrar na questão dos resultados desta intervenção (não esquecendo que este é um elemento importante), poderia arriscar inferindo que os jovens desta pesquisa têm acesso à educação, à informação<sup>43</sup>, à serviços de saúde, e intervenção de programas de prevenção, no entanto, apesar de esforços estarem a ser feitos a nível programático e social, mesmo assim, a componente individual tem apresentado brechas frente à epidemia, cuja vulnerabilidade se torna neste cenário evidente.

As questões culturais ainda têm peso no que tange às relações entre homens e mulheres, assentes na desigualdade, que premiava a mulher submissa isenta de vontades e desejos e culpabilizava e estigmatizava as mulheres independentes, interferindo desse modo, no comportamento dos/as jovens frente à epidemia como, por exemplo, no que concerne à mulher ser portadora do preservativo. A dimensão moral que o uso do preservativo incorpora em alguns jovens e em parte da sociedade, acaba

---

<sup>43</sup> Talvez seja interessante destacar que dos 21 jovens participantes, mesmo os que não tinham água canalizada ou energia elétrica em suas residências, todos dispunham de rádio e 20 de aparelho de televisão.

sendo interpretada por vezes como símbolo de promiscuidade<sup>44</sup>, logo, negociado negativamente.

O uso inconstante do preservativo entre os e as jovens levanta a discussão da realização do teste anti-HIV, ao qual estes jovens têm acesso de o realizar nos GATVs, caso o desejem, por se encontrarem numa área geográfica que dispõe destes serviços. Contudo, somente um jovem disse ter efectuado o referido teste. Entre as causas para a não realização do mesmo, constam: falta de coragem, medo decorrente de algum comportamento considerado de risco tido por eles, e/ou por se considerarem isentos desta doença ou simplesmente por não sentirem necessidade, uma vez que esta é uma doença do outro.

Durante os depoimentos, vários jovens referiram não usar o preservativo com as namoradas, conjugado ao facto de os mesmos não terem realizado o teste, poderá resultar na propagação do vírus do SIDA ou de uma doença de transmissão sexual, pois os pares de namorados de hoje poderão não ser os mesmos do amanhã, o que promove a “circulação do vírus” servindo-me da expressão do Ricardo Ayres.

A construção da masculinidade com base numa sexualidade onde a acumulação de parceiras faz parte do que muitos entendem no que é “ser homem”, em Moçambique, perpassa e reforça a convicção popular que os homens estão sempre prontos para o sexo e a qualquer momento procurando sexo, independentemente do envolvimento emocional com as parceiras.

*Aqui na escola, tenho muitas namoradas, nem sei quantas são ..., umas ..., cinco na escola, e no meu bairro, tenho três (Dep. Ent.).*

Ter muitas namoradas proporciona alguma diferenciação no grupo de amigos. Sexo neste sentido significa aventura, excitação e perigo, onde a prevenção por vezes é negligenciada. Num estudo efetuado na província da Zambézia (2004) jovens

---

<sup>44</sup> Numa das campanhas de prevenção na TVM (Televisão de Moçambique) em 2002, um dos spots dizia, “seja fiel

raparigas indicaram como principal componente de risco, o facto de seus companheiros terem outras mulheres. Arriscar-se sexualmente e conquistar muitas parceiras, faz parte do discurso da masculinidade entre os jovens em Moçambique.

[...] fatores de risco constituem elementos indissociáveis dos marcos culturais e sociais em que se inscrevem e compõem situações complexas onde correr risco não é mais externo ao indivíduo, mas se inscreve, com ele, num complexo único de múltiplas dimensões – biológica, social e cultural (CARVALHO apud MEYER 2005, p. 5).

Em Moçambique, é geralmente aceite que o homem tenha mais poder que a mulher para decidir sobre as questões da sexualidade, ficando a seu cargo a decisão pelo uso ou não do preservativo. “Significante número de jovens masculinos, encorajam e congratulam os seus amigos por demonstrarem a sua masculinidade não usando o preservativo, permitindo que o seu sêmen penetre e ‘molhe’ a mulher” (MANUEL, 2005, p. 298). Constata-se que a construção de uma identidade masculina ligada a uma posição de dominação e superioridade favorece a manutenção de altas taxas de infecção pelo HIV/ SIDA. Segundo Figueroa apud Margareth Arilha (2005) comenta que:

Alguns autores propõem a hipótese do “mito do herói” como condição explicativa das causas que levariam os homens a expor-se intencionalmente a situações de risco para sua vida e para a de outras pessoas, buscando construir sua subjetividade masculina, sua condição de machos. Obviamente essa posição de risco compromete a saúde do homem e das pessoas que estão em seu entorno, manifestando-se também no âmbito da sexualidade, área da vida em que os homens também apresentam condutas de risco para si e suas parceiras (ARILHA, 2005, p. 48).

De facto, não existe uma única forma de ser homem, mas sim, um conjunto de maneiras pelas quais os homens vivem a sua masculinidade, no entanto, em algumas culturas a existência de relações mais eqüitativas entre homens e mulheres, ainda não

---

ao seu parceiro”, “use preservativo nas relações sexuais ilícitas, isto é, ilegais”.

é uma realidade, podendo originar desse modo num impacto negativo sobre a saúde sexual e reprodutiva de homens e mulheres. Segundo os depoimentos, um dos ideais destes jovens é constituir família, no entanto percorrem a juventude correndo e enfrentando riscos em suas vidas afetivo-sexuais. “O mito do herói”, cabe neste grupo de jovens, que, sabendo dos perigos das relações sexuais desprotegidas, insistem em construir justificativas para o não uso do preservativo.

## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o que é importante referir da pesquisa “Representações de Masculinidades entre os Jovens em Moçambique em tempos de SIDA”, realizada com estudantes da Escola Secundária Nelson Mandela, na província de Maputo, é que as representações de masculinidades são produzidas levando em conta os valores da família, da comunidade, da sociedade, da escola, da igreja, da imprensa (jornais, rádio e televisão), e ONGs, constituindo identidades que se movimentam, ora por um campo mais tradicional e conservador, ora privilegiando os aspectos da modernidade.

Os jovens integrantes desta pesquisa podem ser considerados “privilegiados” em relação à maioria dos jovens do país, por um lado, por serem estudantes do Ensino Secundário, situação possível somente a 6,6% dos estudantes moçambicanos, e por outro lado, por estarem numa zona urbana (sendo que a maior parte da população vive nas zonas rurais), com acesso a serviços públicos de Saúde, Educação e outros, o que por si só, já os coloca numa posição diferenciada. No entanto, no que concerne às questões de gênero, sexualidade e prevenção ao HIV/SIDA, estes jovens não diferem muito dos restantes jovens do país como demonstram outras pesquisas (INJAD 2001, IDS 2003).

Durante a elaboração dos dados servi-me das técnicas de grupo focal e da entrevista que me possibilitaram adquirir material para a elaboração deste trabalho. Nas análises privilegiei as questões referentes a gênero e sexualidade, considerando que estes elementos perpassam todos os outros vectores da vida dos sujeitos, como trabalho, casamento, saúde, etc.

As identidades destes jovens do sexo masculino não são coerentes nem fixas, elas se constroem no diálogo entre os valores tradicionais e os valores da modernidade, num cenário de interpelações onde entram em jogo numerosos factores, produzindo muitas e diferentes posições de sujeito. Constituir família e ter um trabalho compõe os pilares daquilo que se poderia considerar como elementos duma

masculinidade hegemônica em Moçambique. A representação do homem trabalhador, portanto digno, configura o discurso destes jovens e da sociedade moçambicana, no geral. Pode-se pensar numa masculinidade jovem assente em deveres, e porque será que no pacote dos “deveres do homem” não entra a responsabilidade do indivíduo frente ao HIV?

Muitos dos posicionamentos dos jovens, por vezes, tendem pela manutenção de um padrão mais conservador, onde valores culturais tradicionais são accionados, a título de exemplo podem-se mencionar questões como: da virgindade das raparigas, da mulher ser portadora do preservativo, da mulher tomar a decisão para a relação sexual entre outras, levantam polémica entre os rapazes. No entanto, ao mesmo tempo é possível perceber nestes jovens um deslocamento de posicionamentos, agregando novos elementos como é o caso dos jovens pretenderem para suas namoradas e futuras esposas mulheres escolarizadas, com uma profissão e emprego, refutando assim alguns aspectos da tradição que privilegia a mulher doméstica. Apesar de os jovens desejarem namoradas e esposas trabalhadoras, eles pretendem que as mesmas se ocupem também deles, dos/as filhos/as e da casa.

Para os integrantes desta pesquisa, as representações de masculinidade assentam e valorizam o homem provedor, trabalhador e chefe de família. Casar, ter uma casa, prover a mulher e filhos/as aparece recorrentemente nos depoimentos destes jovens. O trabalho aparece como um elemento importante na constituição da masculinidade.

Ter várias namoradas ainda é considerado por alguns jovens como símbolo de masculinidade e virilidade. A permissividade da sociedade naturalizou este comportamento masculino, o que reforça a desigualdade de gêneros. Apesar de alguns rapazes terem afirmado ter mais do que uma namorada, é possível identificar uma tentativa de hierarquização das mesmas, sendo umas eleitas para conversar, outras preferidas para passear e ainda alguma(s) consideradas como reserva, sinal de garantia para que nunca fiquem sozinhos.

Mais do que um dos integrantes desta pesquisa fez questão de destacar que apesar de ter mais do que uma namorada só fazia sexo com uma delas, e aí a responsabilidade por uma possível infecção pelo HIV passa a ser da rapariga. A necessidade de os jovens afirmarem que “só faço sexo com uma”, aparece como forma de demonstração de um comportamento “cuidado” e também como justificativa para o não uso do preservativo, possivelmente por as primeiras campanhas de prevenção ao HIV/SIDA, terem destacado a necessidade do uso do preservativo nas relações sexuais com mais de uma parceira.

A realidade da epidemia do HIV/SIDA, faz parte da vida dos moçambicanos quer de forma direta ou indirecta, e esta não é exceção para estes jovens. No entanto, o uso do preservativo, acontece de forma irregular e circunstancial, manifesto na recorrente expressão “*com a minha namorada não uso o preservativo, mas, com as outras uso*”. Essa “aparente” diferenciação de comportamento com as namoradas possibilita que estes jovens caiam na armadilha das relações amorosas, que apesar de intensas num dado momento são mutantes, o que permite que o/a eleito/a, pelo/a parceiro/a **X** hoje, poderá ser o/a escolhido/a pelo/a parceiro/a **Y** ou **Z** amanhã, o que derruba esta forma de prevenção. Esses e outros comportamentos colocam os rapazes e raparigas vulneráveis às DTS e ao HIV/SIDA.

Apesar disso, persiste uma certa dificuldade na realização do teste anti-HIV. Acreditar que a namorada e o namorado não fazem parte das estatísticas dos seropositivos funciona como uma das estratégias, para a não realização do teste anti-HIV. Isto mostra-nos que os jovens que participaram desta pesquisa têm uma percepção bastante limitada da sua vulnerabilidade ao HIV/SIDA.

A análise das falas dos jovens entrevistados feita nesta dissertação permite perceber a complexidade dos processos culturais de produção das masculinidades em Moçambique e lança novos desafios no estabelecimento de Políticas Públicas que os auxiliem na prevenção do HIV/SIDA.

## 7- REFERÊNCIAS:

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**. Página Aberta Ltda., São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. FREITAS, Maria e SPOSITO, Marília (Orgs). **Juventude em Debate**. Cortez, São Paulo, 2002.

ADORNO, Rubens C. F. et al. **Jovens, Gênero e Sexualidade: Relações em questão para o campo de Saúde Pública**. In ADORNO R. et al (Org.) **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. Universidade de São Paulo, 2005, São Paulo.

ALMEIDA, Miguel Vale. **Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um caso do Sul de Portugal**. Anuário antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Afiliada, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1981.

ARILHA, Margareth. **O masculino em Conferências e programas das Nações Unidas: para uma crítica do discurso de gênero**. Universidade de São Paulo, 2005.

AYRES, José Ricardo. et al. **Adolescência e aids: Avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, V.7, n12. São Paulo, Fevereiro de 2003.

\_\_\_\_\_; CALAZANS, Ivan e FILHO, Haraldo. **O Conceito de Vulnerabilidade e as práticas de Saúde: novas perspectivas e desafios**. Fiocruz. Rio de Janeiro, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. In Educação e Realidade, V.20 n. 2, JUL/DEZ, UFRGS, Porto Alegre, 1995.

CASIMIRO, Isabel. **Construindo uma teoria de gênero em Moçambique**. In: Estudos Moçambicanos 11/12. Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Novembro, 1992.

Código Civil e legislação complementar. Livraria Almedina, Coimbra, 1979.

CONNELL. Robert. **Políticas da Masculinidade**. In Educação e Realidade, V.20 n. 2 Jul/Dez, UFRGS, Porto Alegre, 1995.

\_\_\_\_\_. La Organización Social da la masculinidad. In VALDES, Teresa y OLAVARIA, Joe. Masculidad/es poder y crisis (Eds). Chile, 1997.

\_\_\_\_\_. **Masculinidades**. Universidade Nacional autônoma do México. Programa Universitário de Estudos de gênero, México, 2003.

COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de Gênero**. Rosa dos tempos. Rio de Janeiro, 1992.

COSTA, António C. G. **O Adolescente como Protagonista**. In cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento. Ministério da Saúde, Brasil, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: Estudos sobre o amor romântico**. Rocco, Rio de Janeiro, 1999.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2003.

FIGUEIREDO, Regina e AYRES, José. **Intervenção Comunitária e redução da vulnerabilidade de mulheres às DTS/Aids em São Paulo**. Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Graal, 15ª edição, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 21ª edição. Graal, São Paulo, 2005.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**. Autêntica, Belo Horizonte, 2003.

GARCIA, Sandra Maria. **Conhecer os homens a partir do Gênero e para além do Gênero**. In, Homens e Masculinidades. Rio de Janeiro, 1998.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In Educação e Realidade V. 22 n.2 JUL/DEZ, UFRGS, Porto Alegre, 1997.

\_\_\_\_\_. **Identidades culturais na pós-modernidade**. DP&A, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **The spectacle of the other**. In: HALL, Stuart. Representation. Cultural representations and signifying practises. London, 1997.

HARRIES, Patrick. **Work, Culture, and identity: Migrant laborers in Mozambique and South África, c. 1860 – 1910**. Witwatersrand University Press, Johannesburg, 1994.

Instituto Nacional de Estatística (INE). **II Recenseamento Geral da População e Habitação**, Maputo, 1997.

\_\_\_\_\_. **Inquérito sobre saúde reprodutiva e comportamento sexual dos adolescentes e jovens (INJAD)**. Moçambique, 2001.

\_\_\_\_\_. **Moçambique Inquérito Demográfico e de Saúde 2003**. Maputo, Moçambique, Junho 2003.

JACKSON, Helen. **SIDA em África: Continente em crise.** SAFAIDS e SAFT, Harare, 2004.

JUNOD, Henrique . **Usos e costumes dos Bantos.** Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, 2ª edição 1974.

KARLYN, A. S. **Intimacy revealed:** Sexual experimentation and the construction of risk among young people in Mozambique. In AGGLETON, Peter (org). Culture Health & sexuality, Vol 7 n.3, Johannesburg, South Africa, Maio 2005.

KITZINGER, Jenny e BARBOUR, Rosaline. **Introduction:** the challenge and promise of focus groups. In Developing focus group research. Sage publications, Londres, 1999.

KIMMEL, Michael. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** In: horizontes antropológicos corpo, doença e saúde. Programa de pós graduação em antropologia social da UFRGS, Porto Alegre 1998.

\_\_\_\_\_. **La produccion teórica sobre la masculinidad:** nuevos aportes. In RODRIGUES, Regina. Fin de Liglo. Genero y cambio civilizations. Santiago: Isis International, Ediciones de lãs mujeres, n. 17, 1992.

KLEIN, Carin. **A produção da maternidade no Programa Bolsa-Escola.** Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, vol.13, no.1, 2005.

KNAUTH, Daniela. **Os caminhos da cura:** Sistema de representações e práticas sociais sobre doença e cura em uma vila de classes populares. UFRGS, Julho, 1991.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença.** Livraria Martins Fontes LTDA., São Paulo, Brasil, 1991.

LEAL, Andrea e KNAUTH, Daniela . **A relação sexual como uma técnica corporal: Representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais.** In cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, n. 22, Julho de 2006.

Lei Nº 10/2004 de 25 de Agosto aprova a Lei da Família e revoga a livro IV do Código Civil. Maputo, 2004.

LOFORTE, Ana Maria. **Gênero e Poder: Entre os Tsonga de Moçambique.** Ela por Ela, Lisboa, Outubro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Práticas Culturais em Relação à Sexualidade e Representações sobre Saúde e Doença.** Maputo, 2003.

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Vozes, Petrópolis, 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Editora Vozes, Petrópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sexualidades contemporâneas: políticas de identidade e de pós-identidade.** In UZIEL, Anna et al. **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids.** Pallas, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento.** II Congresso Brasileiro de Homocultura. Brasília, 2004.

MATSINHE, Cristiano. **“Tabula Rasa”:** Dinâmica da resposta Moçambicana ao HIV/SIDA. Texto Editores Lda., Moçambique, 2005.

MANUEL, Sandra. **Obstacles to condom use among secondary school students in Maputo city, Mozambique.** In AGGLETON, Peter (org). Culture Health & sexuality, Vol 7 n.3, Johannesburg, South Africa, Maio 2005.

MEYER, Dagmar. **Teorias e políticas de Gênero:** fragmentos históricos e desafios atuais. Revista Brasileira Enfermagem, Brasília 2004.

\_\_\_\_\_. **Gênero e educação:** teoria e política. In: LOURO, Guacira et al (orgs) Corpo, Gênero e Sexualidade . Vozes, Petrópolis 2005.

\_\_\_\_\_. et al. **“Você aprende. A gente ensina”?** Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. UFRGS, Porto Alegre, 2005.

Ministério da Educação. **Análise dos dados do inquérito Nacional sobre Saúde Reprodutiva e comportamento sexual dos jovens e adolescentes da província da Zambézia.** Abril 2004.

Ministério da Juventude e Desportos. **Declaração de Chókwé.** Maputo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional da Juventude.** Maputo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Plano Estratégico do Sector da Juventude e Desportos.** Maputo, 2005.

Ministério da Saúde. **Plano Estratégico Nacional de Combate ao SIDA.** Maputo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes e Jovens,** Maputo, Junho, 2004.

MONTEIRO, Marko. **Tenham piedade dos homens! Masculinidades em mudança.** Feme, Juís de Fora, 2000.

MURRAY, Stephen and ROSCOE, Will. **Boy-Wives and female husbands: Studies in African homosexualities**. Palgrave, USA, 1998.

NETO, Alfredo Veiga. **Foucault & a Educação**. Autêntica, Belo Horizonte, 2005.

NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rocco, Rio de Janeiro, 1995.

OSÓRIO, Conceição e ARTHUR, Maria José. **Revisão da Literatura: Saúde Sexual e Reprodutiva, DTS,HIV/SIDA**, Maputo, Moçambique, Junho de 2002.

PASSADOR, L. Henrique e THOMAZ, O. Ribeiro. **Raça, sexualidade e doença em Moçambique**. In **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n.1 Jan/Abril 2006.

PERROT, Michelle. **A Família Triunfante**. In PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada do Brasil 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo, companhia das Letras, 1991.

PIROTTA, Wilson e PIROTTA Kátia. **O Adolescente e o Direito à Saúde após a constituição de 1988**. In cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento. Ministério da Saúde, Brasil, 1999.

PY, Ligia. et al. (Orgs). **Tempo de Envelhecer: Recursos e dimensões psicossociais**. Nau, Rio de Janeiro, 2004.

SACRAMENTO, Luís. **Reforma legal no âmbito do Direito de família e das sucessões – algumas reflexões**. Comunicação apresentada nas jornadas jurídicas sobre Reforma legislativa. UEM, Fevereiro de 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: **Uma categoria útil de análise histórica**. In **Educação e Realidade**, V.20 n. 2 JUL/DEZ, UFRGS, Porto Alegre, 1995.

SEFNNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade**: Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. UFRGS, Porto Alegre, 2003.

\_\_\_\_\_. **Masculinidade bissexual e violência estrutural**: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In UZIEL, Anna et al. Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. Pallas, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, Tomás. **O Currículo como fetiche**: A poética e a política do texto curricular. Autêntica, Belo Horizonte, 1999.

\_\_\_\_\_. **Teoria cultural e educação**: Um vocabulário crítico. Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

\_\_\_\_\_. **Documentos de identidade**: uma introdução às tóricas do currículo. Autêntica, Belo Horizonte, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. Vozes, Petrópolis, 2005.

SILVEIRA, Rosa. **A entrevista na pesquisa em educação - uma arena de significados**. In COSTA, Marisa (Org.). Caminhos investigativos II. DP&A. Rio

SOARES, Rosângela. **Adolescência: monstruosidade cultural?** In Educação e Realidade, n.25 v.2, Jul/Dez. 2000.

\_\_\_\_\_. **Namoro MTV**: Juventude e pedagogias amorosas/sexuais no fica comigo. UFRGS, 2005.

SOUZA, Jane Felipe. **Governando mulheres e crianças**: jardins de infância em Porto Alegre na primeira metade do século XX. Porto Alegre 2000.

SPOSITO, Marília. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação.** In Revista Brasileira de Educação nº13, São Paulo, 2000.

STARFIELD, Bárbara. **Atenção primária:** Equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia. UNESCO, Ministério da Saúde, 2002.

STREY, Neves; CABEDA, Sonia; PREH, Denise. **Gênero e Cultura questões contemporâneas.** EDIPUCRS, Porto Alegre, 2004.

UNBEHAUM, Sandra; CAVASIN, Sylvia e SILVA, Valéria. **Violência, Sexualidade e Saúde Reprodutiva:** contribuições para o debate sobre políticas públicas de saúde para rapazes. In: ADORNO, Rubens et al. Jovens, Tajetórias e Direitos. Universidade de São Paulo, 2005.

VISER, Murriel. **Ensinando sobre HIV/SIDA.** In: For every child health, education, equality, protection, advance humanity. UNICEF, Moçambique, 2004.

WEEKS, Jeffrey. **O Corpo e a Sexualidade.** In LOURO, Guacira. **O corpo Educado:** Pedagogias da sexualidade. Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

**Bibliografia Consultada:**

FRAGA, Paula e IULIANELLI, Jorge (Orgs.). **Jovens em Tempo Real**. D P& A, Rio de Janeiro, 2003.

FRY, Peter (Org.). **Moçambique ensaios**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. Para Inglês Ver: Identidade e política na cultura brasileira. Zahar, Rio Janeiro, 1982.

\_\_\_\_\_. **O que é Homossexualidade**. Brasiliense, São Paulo, 1983.

IGNA, Maria Cláudia. "Há diferença"? Relações entre desempenho escolar e gênero. UFRGS, Porto Alegre, 2005.

LOURO, Guacira. **Currículo, gênero e sexualidade: O "normal", o "diferente" e o excêntrico**". Petrópolis, 2005.

MACHADO, Vanderlei. **As várias dimensões do masculino: traçando itinerários possíveis**. In: Estudos Femininos. vol.13 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2005.

MAZULA, Brazão. Educação, **Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985**. Afrontamento, 1975.

MONTEIRO, Simone. **Qual prevenção? Aids, sexualidade e gênero em uma favela carioca**. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2002.

NASCIMENTO, Marcos. **Re(pensando) as "masculinidades adolescentes"**: homens jovens, gênero e saúde. In: UZIEL, Anna et al (orgs.). Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. Pallas, Rio de Janeiro, 2004.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rocco, Rio de Janeiro, 1993.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **Discursos sobre a masculinidade**. In: Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, n.1 1998.

\_\_\_\_\_. A Construção Social da Masculinidade. UFMG, Belo Horizonte, 2004.

PARKER, Richard (Org.). Políticas, instituições e AIDS: enfrentando a epidemia no Brasil. ABIA, Rio de Janeiro, 1997.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: Uma introdução. Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

SCHPUN, Mônica. **As várias dimensões do masculino**: traçando itinerários possíveis. In: Revista de Estudos Feministas, vol.13, n.1, Florianópolis, Jan./Abril, 2005.

SOARES, Rosângela. **Adolescência: monstruosidade cultural?** In: Educação e Realidade V. 25, n.2 JUL/DEZ, UFRGS, Porto Alegre, 2000.

SOUZA, Mauro. **Juventude e os novos espaços sociais de construção e negociação dos sentidos**. In: Educação e Realidade V. 22 n.2 JUL/DEZ, UFRGS, Porto Alegre, 1997.

WELLER, Wivian. Gênero e Juventude. In: Revista de Estudos Feministas, vol.13, n.1, Florianópolis, Jan./Abril, 2005

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. . In: Revista de Estudos Feministas, vol.13, n.1, Florianópolis, Jan./Abril, 2005. . In: Revista de Estudos Feministas, vol.9, n.2, Florianópolis, Jan./Abril, 2001.

## **Anexos**



- 25- Aonde obténs informação sobre a sexualidade?
- 26- Na tua opinião quem deve sugerir a relação sexual, o homem ou a mulher? Porquê?
- 27- Já iniciaste a vida sexual?
- 28- Usaste camisinha na primeira relação sexual?
- 29- Nos últimos 6 meses em que situações usaste camisinha?
- 30- Com quantas pessoas tiveste relações sexuais nos últimos 6 meses?
- 31- Indica qual é o principal motivo para usares caminha?
- 32- O que pensas sobre a homossexualidade
- 33- Conheces ou convives com algum?

#### **IV- Masculinidade**

- 34- O que é para ti ser jovem?
- 35- O que mais gostas em ser jovem?
- 36- O que tem de bom e ruim no ser-se jovem?
- 37- O que mais te preocupa como jovem? Porquê?
- 38- O que é para ti ser homem?
- 39- Quais as qualidades de um homem?
- 40- Quais as qualidades que as mulheres mais apreciam no homem?
- 41- Como imaginas a tua família?
- 42- Qual a profissão que gostarias de ter?
- 43- Consomes bebidas alcoólicas? Se sim com que regularidade?

#### **V- DTS/HIV/SIDA**

- 44- Aonde ou através de quem, ouviste falar pela primeira vez de DTS/HIV/SIDA?
- 45- Já tiveste alguma DTS? Se sim a quanto tempo? Como te trataste?
- 46- Que pessoas achas que correm mais risco de se infectarem com o HIV?
- 47- Pensas que corres algum risco de te infectares? Como e porquê?
- 48- Já fizeste o teste do HIV?
- 49- Pensas fazer o teste do HIV/SIDA?
- 50- Se soubesses que estavas infectado/a o que farias depois de passar o choque?

## **ANEXO B- GRUPO FOCAL**

Durante o Grupo focal foram colocadas algumas situações e questões , sendo que a partir dessas se desencadearam muitas outras.

### **I - Sessão**

1- Iniciei a atividade distribuindo um pedaço de papel a cada participante e pedi-lhes que escrevessem 3 nomes de pessoas do sexo masculino que eles mais admiravam. Depois de eles terem escrito os 3 nomes pedi-lhes que escolhessem apenas um nome que correspondesse a pessoa que cada um mais admirava e dissessem a razão da escolha.

2- De seguida pedi aos participantes que escrevessem 3 qualidades de um homem . Lembrei que podiam ter como referência familiares próximos como pai, irmão mais velho, tio ou avô. De seguida cada um leu as qualidades que tinha escrito para o grupo.

3- Quais as qualidades que uma mulher deve ter para poder ser vossa namorada ou esposa?

4- Quais as qualidades que as mulheres mais gostam nos rapazes?

5- A Fernanda e o José estão casados a 4 anos. A Fernanda sai de casa cedo e vai vender verduras no mercado do Xipamanine e o seu marido está desempregado. Completa a história imaginando a vida do casal após o regresso da Fernanda do trabalho.

5- Como imaginam a vossa família futura?

## II – Sessão

No segundo dia iniciei a sessão lendo o artigo abaixo.

1- Na revista IPAS Notícias, edição n.22 de Março de 2006 saiu a seguinte notícia:  
Moçambique: Não é controlando o vestuário que se pode travar a epidemia do HIV/SIDA

[...] Foi assim que na semana passada, o público tomou conhecimento de que “as Organizações de mulheres” defendiam que uma das vias de combate à SIDA era o controle da maneira como os jovens se vestem, de modo a evitar que com a exposição dos seus corpos elas “provoquem” os homens, levando-os a cometer “desvios de comportamento”. Na descrição destes “desvios” estão a violação e o assedio sexual, o adultério, etc. Em consequência propunha-se a elaboração de leis que controlassem o vestuário das jovens e das mulheres.

De seguida pedi-lhes que comentassem.

2- Na vossa opinião, quais as pessoas que acham que correm mais risco de se infetarem com o HIV?

3- O que representa para vocês a virgindade?

4- A Ivone e o Carlos namoram a um ano, no entanto a Ivone teve relações sexuais com o Pedro. O Carlos ficou sabendo. O que acham que pode ter acontecido?

## ANEXO C- TERMO DE CONSENTIMENTO

### CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Pesquisa:

Representações de masculinidades entre os jovens em Moçambique  
em tempos de SIDA

Pretendo realizar uma pesquisa com jovens do sexo masculino com a finalidade de compreender que elementos participam e interferem na construção da masculinidade em Moçambique, tendo em conta a epidemia do HIV/SIDA. Trata-se de uma pesquisa de base qualitativa com fins de dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A participação tem carácter voluntário, sem benefícios directos e as informações obtidas serão mantidas de maneira confidencial. Não haverá nenhuma forma de identificação pessoal. Todos os depoimentos serão unicamente utilizados para efeitos deste trabalho.

Tendo sido devidamente esclarecido sobre os objectivos e procedimentos inerentes a este estudo, aceito participar.

Assinatura do participante

Assinatura da responsável pela pesquisa

---

---

Maputo, Maio de 2006